



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

SANDRA CLARA COSTA FERNANDES

**Criar laços: o essencial para uma vivência
fraterna**

**Contributo da Unidade Letiva “Construir a
Fraternidade”, do Programa de Educação Moral e
Religiosa Católica de 5º ano**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Professora Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga
2018**

“Há necessidade que a fraternidade seja descoberta, amada, experimentada, anunciada e testemunhada; mas só o amor dado por Deus é que nos permite acolher e viver plenamente a fraternidade.”

Papa Francisco

UM AGRADECIMENTO

À minha filha, Lara,
que, entre brincadeiras,
rasgados sorrisos
e pequenos gestos,
foi o *essencial* para as canseiras.

Ao meu marido, Paulo,
com a sua serenidade
e a sua companhia,
soube ser uma mais-valia.

Aos meus pais, Elsa e Jorge,
lugar de afeto e carinho,
um agradecimento especial pelo apoio desmedido,
neste caminho.

Ao meu irmão, Pedro, e à Tatiana,
fonte de alegria e de força humana.

Às minhas colegas de Estágio, Ana Catarina, Luísa e Marta,
guardo um pouco de cada uma de vós.

Aos alunos, pequenos sábios,
origem de grandes desafios.

À Professora Cooperante, Eugénia Monteiro,
pela sua simplicidade e experiência guiou com tranquilidade.

À Professora Doutora Isabel Varanda,
com persistência e sabedoria orientou nesta demanda.

RESUMO

A interpretação de fraternidade parte, muitas vezes, de uma relação de consanguinidade, ou pequeno grupo social, abarcando, frequentemente, num plano alargado uma universalidade sustentada numa igualdade relacional. Todavia, enquanto essência das relações humanas num plano social ou de cidadania política parece ser cada vez mais um resquício limitado a uma esfera do Cristianismo.

Assim, leva-se a cabo um estudo que considera a fraternidade no plano etimológico, histórico-cristão e literário, tendo em vista um conhecimento, com alguma profundidade, de fraternidade e das razões que lhe alocaram o epíteto de princípio esquecido, em alusão ao ocidental e clamado tríplice: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. E, sobretudo, visa-se estabelecer a imperatividade da sua prática em todos os níveis da vida humana como meio capaz de suplantar os flagelos que condicionam a sociedade atual.

O presente trabalho, que tem como objetivo principal aferir acerca do contributo da Unidade Letiva “Construir a Fraternidade” do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica do 5º ano de escolaridade, para além da leitura de fraternidade na mensagem cristã, analisa o tema à luz da obra *O príncipezinho*, de Antoine de Saint-Exupéry. Por fim, e considerando o objetivo orientador de todo o estudo, é apresentado o contexto de Prática de Ensino Supervisionada, em consonância com os valores e propósitos educacionais da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

PALAVRAS-CHAVE: fraternidade; irmão; solidariedade; príncipezinho; cativar; cuidar; educação.

ABSTRACT

The interpretation of fraternity usually comes from a relationship of consanguinity, or a small social group, embracing, at other times in a broader plan, a universality sustained in a relational equality. However, as an essence of human relationships in a social plan or of a political citizenship it continuously seems a remnant limited to a realm of Christianity.

Therefore, it is carried out a study which considers the fraternity in the etymological, historical-christian and literally plans, bearing in mind a knowledge, with some depth, of fraternity and the reasons for assigning the epithet of the forgotten principle, in reference to the West and the so-called triptych: Freedom, Equality, and Fraternity. And, mostly, it aims to stablish the imperativeness of its practice in all levels of the human life as a capable mean of overcoming the scourges that restrain nowadays' society.

The present work, whose main goal is to assess the contribute of the Academic Unit "Build the Fraternity" of the Moral Education and Catholic Religious Program of the 5th grade, besides the interpretation of fraternity in the Christian message, analyses the theme concerning the book "The Little Prince" by Antoine de Saint-Exupéry. At last, and considering the guiding aim of the whole study, it is presented the context of the Supervising Teaching Practice, in line with the values and educational purposes of the subject of Moral Education and Catholic Religious.

KEYWORDS: fraternity; brother; solidarity; Little Prince; captivate; take care; education.

BREVIATURAS, SIGLAS E TERMOS LATINOS

a.C.	Antes de Cristo
AAS	Acta Apostolicae Sedis
AEAS	Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio
Cf.	Confer (Conferir)
d.C.	Depois de Cristo
Dt	Deuterónimo (Bíblia)
Ed.	Editado por
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
Et al	E outros
Gn	Génese (Bíblia)
<i>Ibidem</i>	No mesmo lugar, na mesma obra
Jo	Evangelho de São João (Bíblia)
Jr.	Júnior
LBSE	Lei de Bases do Sistema Educativo Português
Lv	Levítico (Bíblia)
Mt	São Mateus (Bíblia)
Org.	Organizado por
PES	Prática de Ensino Supervisionada
Sl	Salmo (Bíblia)
Trad.	Traduzido por
www	World Wide Web

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – A FRATERNIDADE: ETIMOLOGIA, HISTÓRIA E REGISTO CRISTÃO	16
1. Abordagem concetual e histórica de Fraternidade.....	18
<i>1.1. Etimologia</i>	<i>19</i>
<i>1.2. Evolução histórica.....</i>	<i>23</i>
2. Do “Princípio Esquecido” ao Princípio da Solidariedade.....	33
3. O apelo à Fraternidade numa perspetiva cristã.....	40
<i>3.1. A transversalidade da temática no Compêndio da Doutrina Social da Igreja</i>	<i>41</i>
<i>3.2. A Encíclica Caritas in Veritate</i>	<i>43</i>
<i>3.3. As Mensagens do Papa Francisco para o Dia Mundial da Paz</i>	<i>45</i>
<i>3.4. O Cântico do Irmão Sol de São Francisco de Assis</i>	<i>48</i>
Síntese	51
CAPÍTULO II – O CONTRIBUTO DE <i>O PRINCIPEZINHO</i> PARA A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE FRATERNIDADE	53
1. <i>O Principezinho</i> de Antoine de Saint-Exupéry	54
2. A semântica de “Cativar”	63
3. As pessoas crescidas.....	67
4. O cuidar da rosa.....	70
5. A sabedoria do deserto	74
Síntese	77

CAPÍTULO III – EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA: A UNIDADE LETIVA “CONSTRUIR A FRATERNIDADE”	79
1. Educação Moral e Religiosa Católica e o perfil do aluno.....	80
1.1. O “perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória”	81
1.2. O contributo da disciplina na formação dos jovens	88
1.3. Finalidades, domínios de aprendizagem e metas curriculares.....	92
2. A fraternidade no programa de Educação Moral e Religiosa Católica.....	96
3. O <i>digital</i> no processo ensino-aprendizagem.....	100
4. Contexto escolar da Prática de Ensino Supervisionada	104
4.1. O Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio e o seu Projeto Educativo.....	105
4.2. A turma na voz dos alunos	106
5. A leção da Unidade Letiva “Construir a Fraternidade” de 5º ano de escolaridade.....	110
5.1. Aula número 1 – Introdução da temática “Construir a Fraternidade”	112
5.2. Aula número 2 – Iguais em dignidade	118
5.3. Aula número 3 – A Declaração Universal dos Direitos Humanos.....	126
5.4. Aula número 4 – O cuidar das relações humanas no livro <i>O Príncipezinho</i>	131
5.5. Aula número 5 – O bem comum e o cuidar do outro	137
5.6. Aula número 6 – Consolidação de conteúdos através da atividade lúdico- pedagógico “ <i>Quem quer ser fraterno?</i> ”	142
6. Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada.....	147
7. Atividade: <i>Mesa da Partilha</i>	153
Síntese	157
CONCLUSÃO	158
BIBLIOGRAFIA	160
ANEXOS	168

FIGURAS

Figura 1 – Esquema das áreas de competências	85
Figura 2 – Esquema conceitual do <i>Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória</i>	86
Figura 3: Tabuleiro do jogo <i>Frater Game</i>	111
Figura 4: Desafio 1 – Mensagem Secreta: Sê Fraternal!	112
Figura 5: Desafio 2 – BD – Temos uma origem comum	112
Figura 6: Desafio 3 – Dinâmica de grupo	113
Figura 7: Desafio 4 – Compromisso	113
Figura 8: Desafio 5 – Atribui uma legenda a cada imagem	118
Figura 9: Desafio 7 – Séneca... em direto!	119
Figura 10: Desafio 7 – Post it, rótulos na testa.	119
Figura 11: Desafio 8 – Todos diferentes... Todos iguais.	120
Figura 12: Vídeo da Unicef, história de Malak	120
Figura 13: Desafio 9 - Canção “O bater do coração	121
Figura 14: Desafio 10 – Direitos Humanos	126
Figura 15: Desafio 11 – Breve história dos Direitos Humanos	126
Figura 16: Desafio 12 – Direitos Humanos em desenho	127
Figura 17: Atividade do Booklet, página 7	127
Figura 18: Desafio 13 – Gentileza gera gentileza	127
Figura 19: Desafio 14 – <i>O Príncipezinho</i>	131
Figura 20: Desafio 15 – Cativar é... ..	132
Figura 21: Desafio 16 - Acróstico	133
Figura 22: Desafio 17 – “Amar pelos dois”	133
Figura 23: Desafio 18 – Vamos criar laços	137
Figura 24: Desafio 19 – Cromos da Fraternidade	138
Figura 25: Atividade lúdica da Caderneta Cromos da Fraternidade, página 7	138
Figura 26: Desafio 20 – Quem quer ser Fraternal?	142
Figura 27: Desafio 21 – O menino chamado Amor	143
Figura 28: Atividade – Banda Desenhada	148
Figura 29: Caderno de apoio	149
Figura 30: Pulseira	150

Figura 31: Papel cenário decorado pelos alunos	151
Figura 32: Caderneta – Cromos da Fraternidade	152
Figura 33: Atividade <i>Mesa da Partilha</i>	155

TABELAS

Tabela 1: Codificação da autocaracterização dos alunos	109
Tabela 2: Grelha – Planificação da aula número um	114
Tabela 3: Grelha – Planificação da aula número dois	122
Tabela 4: Grelha – Planificação da aula número três	128
Tabela 5: Grelha – Planificação da aula número quatro	134
Tabela 6: Grelha – Planificação da aula número cinco	139
Tabela 7: Grelha – Planificação da aula número seis	144

INTRODUÇÃO

“O que é que significa cativar?”

- É uma coisa da qual já muitos se esqueceram – disse a raposa.

– Significa criar laços...”

Antoine de Saint-Exupéry

Neste tempo em que o século XXI atinge a maioridade e a sociedade globalizada clama ensoberbecida ser filha da Declaração Universal dos Direitos Humanos, as atrocidades e injustiças nos vários pontos do mundo são, efetivamente, uma realidade que não pode ser ocultada. Perante um eventual fracasso de um conjunto de valores humanos, parece urgir a necessidade de educar as gerações vindouras para que se centrem no essencial da vida, para que não tenham receio de “criar laços”, de “cativar”, tornando-se, assim, responsáveis por aquilo que cativam.

A partir do mote “Criar laços: o essencial para uma vivência fraterna”, inicia-se o presente Relatório, traçando-se algumas linhas orientadoras para a exploração do conceito de fraternidade. Este termo é o elemento chave de todo o processo de investigação, delineado, a partir do objetivo geral a aferir, a Unidade Letiva 4 – “Construir a Fraternidade” do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica do 5º ano de escolaridade.

No caminho semântico e etimológico que se percorre com vista a traçar uma abordagem concetual, a fraternidade apresenta-se como um vocábulo polissémico. Nesse sentido, alguns caminhos, nesse cruzamento de interpretações, foram calcorreados para que um significado maior pudesse ser subtraído de todas as aceções que a história e a Humanidade atribuíram ao termo. Do estudo documental efetuado, foi possível determinar um fio comum à palavra, remetendo-a para a relação entre irmãos, uma relação que enfatiza a reciprocidade, que ressalta de relações comuns e cimenta a ideia de igualdade. Fortalece, também, a ideia de liberdade, na medida em que os irmãos não se aprisionam ou condicionam uns aos outros, tendo, pelo contrário, esse epíteto fraternal para a proteção e espírito de entreaajuda.

Como a língua caminha de mãos dadas com a história, o primeiro ponto do primeiro capítulo incluiu também a análise da evolução histórica do conceito. Neste enquadramento, não obstante os momentos significativos registados, a partir da interpretação de fraternidade, no contexto da Grécia Antiga, verifica-se que, ao longo da

história da Humanidade, se registaram dois grandes momentos de consolidação deste princípio. O primeiro, que perdura até aos nossos dias e galvaniza toda a estrutura do presente trabalho, parte do momento em que Jesus, dirigindo-se a escribas e fariseus, afirma que todos eles são irmãos e só tem um único Pai e Mestre (Mt 23,8), dotando o ser humano de responsabilidade pelo amor fraternal.

O segundo momento, identificado como de importância singular para a compreensão de fraternidade, serve também para resgatar informações e conhecimentos capazes de explicar a falência atual dos princípios da liberdade e da igualdade. Em 1789, a fraternidade mereceu lugar de destaque no tríptico que marcou e impulsionou a Revolução Francesa. Foi a primeira vez na história da Humanidade que a fraternidade foi considerada, enquanto princípio, e apelidada de instrumento fundamental das relações entre todos. Todavia, a fraternidade, que ajudou a segurar os ideais revolucionários da França, ficou esquecida no tempo.

É a partir da noção da fraternidade, enquanto “princípio esquecido”, que se inicia o segundo ponto do primeiro capítulo. Aqui, analisa-se o conceito e o motivo que levou ao esquecimento, relacionando-se o mesmo com o aparecimento da palavra solidariedade. Neste ponto, recorre-se à obra de Antonio Baggio, que sublinha o insucesso da fraternidade, enquanto conceito político. Ressalva, também, a ideia de que continua a ser o pilar basilar da relação cristã entre a pessoa humana. Encontra-se disseminada na esfera pública ainda que, muitas vezes, confundida com solidariedade.

Tendo em vista o resgate dessa fraternidade anunciada por Jesus como caminho para a Paz e para o Amor, estuda-se a mesma, não só à luz dos resquícios sociais e políticos que lhe fomos encontrando e que se agigantam na Declaração Universal dos Direitos do Homem, mas também sob gênese cristã.

Analisa-se, no ponto três, a transversalidade da temática no Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Afere-se a importância que é dada ao conceito na Encíclica *Caritas in Veritate* e nas Mensagens para a Paz assinadas pelo Papa Francisco nos anos de 2014 e 2015. Recua-se cronologicamente de forma a resgatar a beleza do “Cântico do Irmão Sol”, escrito pela pena de São Francisco de Assis, sendo apresentado como o cântico que alude verdadeiramente à fraternidade. Neste simples e singular texto, Francisco de Assis considera todas as criaturas e coisas da Natureza como irmãos e louva-os nesse sentido, assinando um exemplo de humildade e de reconhecimento do valor do outro e das coisas que constituem a Casa Comum, proporcionando condições para viver e alertando a Humanidade para a necessidade de cuidar e respeitar a obra de Deus.

No segundo capítulo, o conceito surge associado a uma obra de literatura clássica marcante, quase sempre considerada de literatura infantil, mas que se há de perceber ao longo da exposição traçada, que é para ser lida por crianças e pelos mais crescidos. A obra apresenta-se como um manual intemporal de relações humanas.

Todo o segundo capítulo toma como elemento crucial a obra de Antoine de Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*. Ao longo da história que o autor relata e das explicações que os seus protagonistas trocam entre si, percebe-se traços de fraternidade a cada passagem.

Através da obra *O Príncipezinho*, é possível conhecer a semântica do verbo “cativar”, tão necessária e fundamental ao desenvolvimento de relações fraternas. É, também, perceptível, através da análise desta obra, a estereotipação das pessoas crescidas, para quem a fraternidade, muitas vezes, parece não fazer sentido. Ressalta, ainda, a importância do cuidar da rosa e apreende-se a sabedoria que chega do deserto.

Ao longo do segundo capítulo do presente Relatório, para além de se reafirmar, de forma subtil, a importância da literatura infantojuvenil para a consolidação de valores e princípios fundamentais nas personalidades dos leitores, são apontados caminhos para uma vivência fraterna.

O último capítulo apresenta a Unidade Letiva 4 “Construir a Fraternidade”, tendo por base a premissa de que educar para a fraternidade é uma emergência das sociedades modernas.

Hodiernamente, torna-se premente o reconhecimento da dignidade da pessoa humana e a ligação deste com a percepção global acerca do valor da nossa filiação divina.

Reflete-se, ao longo da última parte do Relatório, sobre a contextualização da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), considerando o documento “perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória”, o contributo da disciplina na formação dos alunos, bem como as finalidades, domínios de aprendizagem e metas curriculares constantes no Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Analisa-se também a predominância do valor da fraternidade nos diferentes anos de escolaridade. De seguida, aborda-se a importância do fenómeno digital no processo ensino-aprendizagem. Desenvolve-se a dinâmica inerente à Prática de Ensino Supervisionada (PES), nomeadamente a realidade escolar, a proposta de lecionação de seis aulas e a avaliação da mesma.

O presente Relatório, no âmbito da sua estrutura metodológica, foi redigido em consonância com a Norma Chicago 16^a edição A.

CAPÍTULO I – A FRATERNIDADE: ETIMOLOGIA, HISTÓRIA E REGISTO CRISTÃO

Na parte I da Constituição da República Portuguesa, relativa aos Direitos e Deveres Fundamentais, o princípio da igualdade, que defende que “Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei”¹, surge no Artigo 13.º. À liberdade, embora não plasmada enquanto princípio, todo um título (Título II) e um vasto conjunto de Artigos constitucionais são-lhe dedicados, como forma de garantir que todos os cidadãos sejam livres, que possam exprimir as suas opiniões livremente e ter livre acesso à informação, podendo optar pelo credo religioso que melhor se ajustar às suas convicções ou que possam criar e aceder à cultura sem quaisquer entraves, entre tantas outras formas de liberdade.

A Liberdade e a Igualdade são dois dos princípios fundamentais que constituíram o lema da Revolução Francesa de 1789, a par com o princípio da Fraternidade. Os três princípios inspiradores da luta do povo contra a opressão absolutista dos aristocratas da época ganharam um lugar de destaque na história da Humanidade e, de forma direta ou indireta, viriam a servir de inspiração para a emancipação de tantos povos ao longo das décadas que se seguiram, merecendo enfoque em inúmeras redações constitucionais, como foi o caso da Constituição portuguesa.² No entanto, e tal como acontece na nossa Constituição, a fraternidade, essa peça fundamental do tríptico revolucionário francês, perdeu-se ao longo do tempo, da grande maioria dos textos que consagram direitos e deveres aos cidadãos de cada Estado, ficando na sombra das liberdades que o mundo moderno clama como a maior das conquistas civilizacionais e das igualdades que todos prezamos por lutar a cada dia que passa.³

Há, efetivamente, indícios de que a fraternidade poderá estar a cair no esquecimento, a liberdade ainda não é uma realidade absoluta, por mais que seja possível acreditar nela, e a igualdade, ainda que sobejamente exclamada e registada a tinta e pena nos mais importantes documentos, como na Declaração Universal dos Direitos Humanos, é apenas um resquício do que se sonhou a seu respeito... É, na verdade, um princípio

¹ Assembleia da República, *Constituição da República Portuguesa* (Coimbra: Almedina, 2002), art.º 13.

² Cf. Bernard Brossollet et al., *História do Mundo* (Lisboa: Selecções de Reader's Digest, SA, 1998), 69-87.

³ Cf. Antonio Maria Baggio, *O princípio esquecido*. (São Paulo: Editora Cidade Nova, 2008), 23.

quase tão esquecido e falhado quanto a fraternidade que os homens e mulheres da política, propositadamente ou não, deixaram de fora dos seus guias constitucionais.⁴

Julgar a veracidade e a exequibilidade de dois dos princípios leemáticos da Constituição francesa não se pode, pois, resumir à constatação factual da sua existência nos textos republicanos e democráticos de vários países, nem à iconografia existente um pouco por todo mundo, mas deve, antes, incutir a um longo e aprofundado momento de reflexão acerca da sua coerência existencial. Essa, certamente, leva a perguntar também o que aconteceu à fraternidade. De facto, uma mais detalhada abordagem à liberdade e à igualdade, e, principalmente, ao insucesso das duas, celeremente conduz a sérias reflexões sobre o afastamento da fraternidade e o seu olvido por parte do mundo atual.⁵ Tal certeza advém da distinta noção de que, como numa máquina bem oleada, as duas partes de um tríptico, não podem funcionar em harmonia quando afastadas de uma das componentes fulcrais da sua engenharia inicial.

Na certeza da urgência da fraternidade e visando o resgate da mesma na sua origem cristã, empreende-se um estudo com alguma profundidade a este “princípio esquecido”, que tem início numa abordagem concetual e na observação da sua etimologia, uma vez que da própria construção da palavra, da sua raiz, resulta, ainda hoje, o seu sentido mais genuíno, a sua ligação estreita aos sinónimos de irmandade e consanguinidade.

Na primeira parte do estudo sobre fraternidade e propondo cumprir o mesmo objetivo de aprofundamento consciente dos sentidos da palavra e das razões que viriam a fazer da mesma, princípio fundamental, aborda-se o seu percurso histórico. Neste enfatiza-se o papel que teve na construção da mensagem do Evangelho e que, muito rapidamente, através do amor emanado, se tornaria o cerne da mensagem cristã: os seres humanos são todos filhos do mesmo Pai, todos irmãos e, tal como irmãos, devem-se amar uns aos outros.

Conhecer a fraternidade e o seu percurso ao longo dos séculos, bem como perceber a forma como foi entendida nos mais variados momentos civilizacionais facilita a compreensão do seu esquecimento e conseqüente promoção da solidariedade. Também relevante e largamente defendida e estimulada pelo Cristianismo, a solidariedade parece ter sido a solução apontada por muitos como alternativa ou substituto de fraternidade. Todavia, o novo princípio de partilha e interajuda não pressupõe irmandade, abandona a

⁴ Cf. *Ibidem*.

⁵ Cf. *Ibidem*.

ideia de um único Pai e, portanto, parece deturpar a noção de amor que o Evangelho proclama.

Não está na solidariedade a plenitude da fraternidade cantada pelo Santo Francisco de Assis à Natureza, a todos os irmãos e a Deus. Na obra simples, mas plena de significados, escrita pelo frade franciscano, no “Cântico do Irmão Sol” reencontra-se o sentido de fraternidade expandido ao meio ambiente e percebe-se a importância de proteger e salvaguardar a Casa Comum.

Na terceira parte do capítulo primeiro dedicado à fraternidade, entra-se numa abordagem mais direcionada à mensagem de apelo ao registo cristão, procedendo-se a uma breve análise da transversalidade do tema no Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Efetua-se, ainda, uma indagação ao modo como é abordada a questão da fraternidade na Encíclica *Caritas in Veritate*, assim como a sua evidência em relação ao tema da Paz desejada pelo ser humano, nas Mensagens para o Dia Mundial da Paz proclamadas pelo Papa Francisco para os anos de 2014 e 2015.

1. Abordagem concetual e histórica de Fraternidade

Para uma melhor interpretação do conceito de fraternidade, este ponto do Relatório inicia-se com uma exploração etimológica da palavra. Com o recurso a dicionários e enciclopédias, o genuíno sentido do termo é apresentado como o amor entre irmãos. Contudo, outras polissemias de fraternidade podem ser entendidas.

Para além da abordagem concetual, realiza-se uma análise da evolução histórica de fraternidade, cujo início acompanha o desenvolvimento etimológico da palavra, sendo que as raízes do conceito se situam na civilização grega. No âmbito do contexto histórico, foca-se a centralidade do termo no processo de concretização da Palavra de Deus e na fundação da doutrina Cristã. Sublinha-se, também, um dos momentos históricos mais marcantes e determinantes para a implementação de fraternidade nas sociedades hodiernas: a Revolução Francesa. De facto, no contexto da explosão social que deu origem ao progresso da Humanidade para a construção da sociedade ocidental moderna, a fraternidade teve um papel de destaque que viria sublinhar e explicar a importância que sempre lhe foi atribuída pelos cristãos.

1.1. Etimologia

Numa primeira abordagem ao conceito de fraternidade remete, de imediato, para a simbologia terminológica da trindade revolucionária francesa da “*Liberté, Egalité e Fraternité*”⁶ e, simultaneamente, leva a considerar o conceito, no âmbito da sua relação com a vida e a mensagem que Jesus Cristo nos deixou ficar, muitos séculos antes da aprovação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão,⁷ e na qual se instituiu que todos somos filhos do mesmo Pai, “vós sois todos irmãos” (Mt 2,3). Assim sendo, somos todos membros constituintes de uma mesma e enorme fraternidade.

Destas duas primeiras considerações, outras duas evidências ressaltam, nomeadamente o facto da fraternidade, enquanto conceito, não ter um significado singular, bem como a amplitude e abrangência da palavra. Na verdade, a fraternidade é plena de polissemias e os seus vários sentidos têm vindo, ao longo dos tempos, a servir de mote a indagações no domínio da Filosofia, da Política, da História e da Religião. A empreitada de construção do conceito de fraternidade, da sua compreensão e dos meios de a explicar tem absorvido a Humanidade, nas suas múltiplas facetas, de tal forma que, por momentos, neste período em particular da nossa história comum, muitos sabem o que a fraternidade significa, mas não a materializam. E é por isso que se acredita que a descoberta da palavra, o seu estudo e a colocação da mesma nos contextos onde nasceu e em cujos palcos históricos serviu de epígrafe ao desenvolvimento da Humanidade pode ser o caminho para ajudar a perceber o seu propósito, cimentando as fundações para o seu desenvolvimento.

No Dicionário da Língua Portuguesa, o termo fraternidade, antecipadamente apresentado como tendo as suas raízes etimológicas no vocábulo latino *fraternitas, -atis*, é descrito como sendo relativo ao parentesco entre irmãos e também apontado como expressão que significa irmandade.⁸ Nesta, como em muitas publicações da mesma ordem, a palavra fraternidade também expressa a “boa harmonia, paz, união, concórdia entre pessoas, sociedades, comunidades, povos”⁹, ainda é dita como sendo capaz de

⁶ *Liberté, Egalité, Fraternité* (Liberdade, igualdade, fraternidade): lema da Revolução Francesa.

⁷ A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão foi um documento que resultou da Revolução Francesa, onde se definiram os direitos individuais e coletivos dos homens como universais.

⁸ Cf. António de Moraes Silva, *Dicionário da Língua Portuguesa* (Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1953), 326.

⁹ *Ibidem*.

traduzir a “aliança existente entre irmãos de armas”¹⁰. Ou seja, “das relações entre dois povos que combatem ou combateram pela mesma causa”¹¹. O significante ‘fraternidade’ é apresentado com cinco aceções pela Porto Editora: “1. parentesco entre irmãos; 2. relação de união como aquela que existe entre irmãos; 3. afeto ou carinho entre irmãos; 4. Amor ao próximo; 5. convivência amigável entre pessoas, comunidades, etc.; relações harmoniosas.”¹² As definições do vocábulo nos vários dicionários apresentam uma certa similitude: “1. Parentesco de irmãos ou irmãs. = Irmandade; 2. União ou afeto entre irmãos. = Confraternidade; 3. Amor ou afeto em relação ao próximo. = Fraternalização; 4. Boa convivência ou harmonia entre as pessoas. = Fraternalização.”¹³. A fraternidade, para além de se referir ao amor entre irmãos, também explica o amor entre as pessoas, que não tendo consanguinidade, se sentem como tal.

A fraternidade poderá ser entendida como o elo entre os membros de uma família, tal como o exemplo, que a partir das mais pequenas células familiares, deveria ser tomado por toda a Humanidade.

Na Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, o conceito é apresentado sob a ideia de um laço fraternal que traz todo o ser humano unido numa mesma e universal família.¹⁴ Expressa-se a ideia de que na fraternidade parece existir uma anuência generalizada entre as religiões, das quais o termo parece não poder ser apartado. Num contexto sem um alicerce cristão, a fraternidade parece assumir concretizações que a descaracterizam, deixando de existir para dar lugar à solidariedade social.

Ainda no âmbito enciclopédico, mas numa obra que se dedica ao estudo de temas de Ética,¹⁵ a fraternidade é concetualizada, enquanto “ideia de igualdade”¹⁶, que não pode ficar alheia à “questão da *comum paternidade*”, desse “reconhecimento da paternidade divina”¹⁷ que só dela emana e só por ela pode ser justificado.

O périplo inicial deste intrincado percurso por algumas semânticas de fraternidade, que deixa já em aberto importantes considerações sobre a mesma e a sua natureza, aguça, no sentido de estimular e também de abrir e tornar mais intensa a

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *Ibidem*.

¹² “Fraternidade”, Dicionários Porto Editora, consultado em 19 de outubro, 2017, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/fraternidade>.

¹³ “Fraternidade”, Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, consultado em 19 de outubro, 2017, <https://www.priberam.pt/dlpo/fraternidade>.

¹⁴ Cf. Roque Cabral sj, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. II (Lisboa: Logos, 1998), 742.

¹⁵ Cf. Roque Cabral sj, *Temas de Ética* (Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 2000), 42.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ *Ibidem*.

necessidade de se iniciar a análise da palavra pela sua etimologia. Assim, constata-se que o vocábulo fraternidade tem origem no Latim, especificamente no radical *frater*, que, na sua interpretação direta e correspondente à nossa língua materna, significa irmão. É deste radical que nasce a palavra *fraternitate* e, tal como a sua raiz, também esta remete para a relação de consanguinidade existente entre duas ou mais pessoas que têm os mesmos progenitores. Neste contexto, a *fraternitate* latina pode ser traduzida pelo “parentesco entre irmãos” ou pela “confraternização entre os povos”. Trata-se, também na sua raiz etimológica, de um conceito que se reporta à ideia de irmandade, de harmonia, de paz, de concórdia e amor ao próximo.¹⁸

A análise da etimologia de fraternidade impõe que a palavra seja também observada na sua origem do Grego Clássico, uma vez que este é anterior à evolução para o Latim Erudito e lhe serviu de influência. Neste contexto, poucas décadas após a formação de Atenas, já os habitantes do berço da democracia denominavam de *fratria* (*phratría*), os clãs de famílias nobres e todos os elementos que delas dependiam e onde realizavam os cultos familiares. A *phratría* do Grego Antigo que também está na base etimológica de fraternidade era sinónimo de “irmandade”. Foi destes primeiros clãs familiares que se evoluiu para as organizações religiosas, cuja denominação não assumiu muitas diferenças face ao vocábulo original: *phratría*.¹⁹

Do étimo e da formação da palavra, que constitui a base deste relatório, há uma aproximação da compreensão do seu significado geral e sublinha-se a coerência etimológica com as concetualizações atrás avançadas. A partir deste momento, parece haver condições para investir na demanda da polissemia de fraternidade e das molduras que a revestem e lhe permitem, tal como considerou Antonio Maria Baggio, ter significado e cabimento num conjunto diverso de categorias, desde a Social, a Teológica, passando pela Filosofia, pelas conceções universais do Direito, e, ganhando, sobretudo, na perspetiva do autor supracitado, um papel fulcral no âmbito da Política.²⁰

Esta perspetiva fundamenta-se no facto de que só, no contexto político, é possível dotar a fraternidade da sua verdadeira essência, que é a de constituir um motor de

¹⁸ Cf. “Fraternity”, Online etymology dictionary, consultado em 20 de outubro, 2017, <https://www.etymonline.com/word/fraternity>.

¹⁹ Cf. Pierre Chantraine et al., *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque: Histoire des mots* (Paris: Éditions Klincksieck, 1981), 1226.

²⁰ Cf. António Maria Baggio, «A redescoberta da fraternidade na época do “terceiro 1789”», in *O princípio esquecido*, António Maria Baggio (Org.) (São Paulo: Editora Cidade Nova, 2008), 23.

evolução positiva na realidade social. É neste domínio que a fraternidade resgata do passado a ligação com a *philia* da Grécia antiga e reforça este seu significado.²¹

Ora, partindo da premissa de que todos somos irmãos, todos fazemos parte da mesma universal *fraternitate*. Neste referencial concetualizado, o significado de fraternidade adquire uma dimensão global que nos separa em definitivo da célula de família, que foi a base das civilizações grega e romana e passa a ser entendida como a categoria relacional da Humanidade.

A partir destas interpretações derivam as que a Ética lhe coloca, as que fundamentam a intenção desta vir a ser um valor do Direito e também se funda a vontade expressa por muitos pensadores da atualidade desta ser encarada como princípio constitucional.²²

Os diferentes pontos de vista da sua interpretação em cada uma das esferas supramencionadas concorrem para a construção de um conceito de fraternidade abrangente, ao qual se chega através do simples exercício de referência dos pontos comuns da polissemia da palavra. Em todos os núcleos de fraternidade, a ideia de “união entre irmãos” vigora, bem como a referência ao facto de a fraternidade ser o espelho de amor, amizade, harmonia. Há, ainda que poucas vezes explicitamente referido, a alusão ao facto de ser um veículo para a paz. Da mesma forma, encontramos a ideia de proteção e de defesa dos interesses comuns, tal como fazem ou deveriam fazer os irmãos de consanguinidade.²³

Apesar destas asserções, a fraternidade continua a não granjear o direito de ter para si uma definição universalmente aceite, havendo mesmo quem a explique como sendo um ato de solidariedade.²⁴ No entanto, e ao contrário da solidariedade que apresenta um certo grau de impessoalidade e visa a comunidade de certa forma não tão concreta, a fraternidade é relacional e tem o dom de enfatizar a diversidade que marca as relações entre toda a Humanidade.²⁵ Neste sentido, a fraternidade não pode deixar de ser revelada como sendo um princípio de reciprocidade estabelecida com base em obrigações comuns,

²¹ Cf. Oscar Godoy, “*La amistad como principio político*, in *Estudios Públicos*” (Discurso de incorporação como Académico à Academia de Ciências Sociais, Jurídicas e Morais do Instituto de Chile, 23 de agosto, 1990).

²² Cf. Fernando de Almeida Sá, “Senso moral e política: uma história da ideia de fraternidade/humanidade nos liberalismos dos séculos XVIII e XIX” (PHD diss., Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008), 47.

²³ Cf. Giuseppe Tosi, “Cristianismo social: A fraternidade como categoria (cosmo)política”, *Nuova Umanità XXXII* (2010).

²⁴ Cf. Sá, “Senso moral e política”, 44.

²⁵ Cf. Luigino Bruni e Stefano Zamagni, *Handbook of the economics of reciprocity and social enterprise* (Chelam: EE, 2004), 73.

podendo também ser configurada como uma “família artificial” marcada pelo sentido comum da assistência mútua.²⁶

1.2. *Evolução histórica*

A evolução histórica do conceito de fraternidade está, inevitavelmente, relacionada com a evolução do vocábulo e, por isso, as suas raízes históricas estão na sua etimologia. Portanto, os primeiros sinais de fraternidade que o mundo civilizado apresentou remontam ao tempo da **Grécia Antiga** e à ideia de *phatria* que suportava aquela organização social. Foi destes minissistemas de culto (clãs familiares) que nasceram as *phratríai*, organizações mais alargadas do que os clãs, compostas por diversos clãs, que se dedicavam à promoção do culto aos deuses.²⁷

Pierre Lévêque, a propósito da história destas comunidades fraternas, defende a ideia de que elas foram o núcleo da democracia ateniense, alegando a um episódio mais ou menos mitológico, que sumariamente se explica com a vitória de Clístenes sobre os aristocratas e a possibilidade daí advinda de reorganizar o Estado sobre fundamentos novos que davam às *phatríai* o direito de escolher, através do voto, os seus líderes. A fraternidade está no berço da democracia e que as *phratríai* mantiveram um papel de destaque na primeira civilização democrática, na medida em que Clístenes as considerou na redação da primeira constituição de Atenas, guardando para elas o papel de comunidades religiosas e ditando-lhes a obrigação de acolhimento de todos os cidadãos.²⁸

Estes primeiros tempos e movimentos da ideia de fraternidade estão, certamente, na base das referências de Platão (427-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.) sobre o conceito e na tentativa, que já então se registava, sob pena destes pensadores de a concetualizar. Segundo a conceção de Aristóteles, fraternidade era sinónimo de amizade e esta apontada como “o maior bem para a cidade”²⁹. Era na amizade fraterna que residia a salvaguarda contra as revoluções e se garantia a unidade da cidade de Atenas.³⁰ A

²⁶ Cf. *Ibidem*, 75.

²⁷ Cf. Paul Harvey, *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*, Trad. Mário da Gama Kury (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987), 240.

²⁸ Cf. Pierre Lévêque, *A aventura grega*, Trad. Raúl Miguel Rosado Fernandes, v. III da Coleção Rumos do mundo, (Lisboa: Edições Cosmos, 1967), 196-197.

²⁹ Aristóteles, *Política*, Trad. Mário da Gama Kury (Brasília: Editora UnB, 1997), 38-39.

³⁰ Cf. *Ibidem*, 39.

evolução do pensamento de Aristóteles tem por base as ideias defendidas por Platão que, acreditando no valor da fraternidade e da possibilidade que o conceito tinha para a evolução da sua sociedade. Na verdade, chegou a defender numa das suas mais importantes obras, a *República*, que se as crianças não conhecessem os pais, a sociedade seria mais fraterna.

Ainda que na Grécia Antiga a fraternidade tenha tido um papel determinante, tornando-a um alicerce à construção da sociedade, o seu desenvolvimento não pode ser apresentado sem que se considere o conceito à luz da **tradição judaico-cristã**. É, de resto, no Antigo Testamento que o conceito de fraternidade se começa a esboçar. No Livro do Génesis, Deus cria o ser humano e coloca em Adão o ensejo da criação de laços de consanguinidade, todavia a relação fraterna é desde logo posta em causa nas figuras de Abel e Caim (*Cf. Gn 4,9*). Essa fraternidade há de vir a ser alargada a uma comunidade (*Cf. Dt 25,3*) e a uma linha de descendência (*Cf. Dt 2,4*).

No entanto, nestes primórdios de fraternidade e, tal como o próprio Antigo Testamento deixa registado, os caminhos para a construção e afirmação do conceito foram tortuosos, tendo-se baseado, desde logo, no conceito de irmandade e fracassado muitas vezes na determinação do amor entre irmãos, que, através da análise etimológica e concetual da palavra, é o pilar de sustentação de fraternidade em qualquer um dos seus sentidos.

Efetivamente, esse amor que sustenta a fraternidade e que parece nascer de forma natural entre filhos dos mesmos pais nem sempre foi uma certeza universal e o Antigo Testamento é rico de exemplos de irmãos que não gostam um do outro, de irmãos que são os piores inimigos dos seus próprios irmãos e até de irmãos que se matam movidos pelo mimetismo.³¹ As histórias de Abel e Caim, Jacob e Esaú, Isaac e Ismael, José e os irmãos são exemplos dessa condição humana do ódio e da subversão que prorrogaram o advento da fraternidade e determinaram encruzilhadas ao desenvolvimento da Humanidade que apenas se começaram a dissipar aquando da saída do Egito para a Terra Prometida. Os primeiros irmãos do Antigo Testamento que não se odiaram e trabalharam em conjunto a vontade de Deus foram Moisés e Aarão, mas, mesmo nesta relação de irmandade, a fraternidade é ainda muito tímida, na medida em que cada um destes irmãos precisa do outro para alcançar o sucesso das suas missões.

³¹ Aqui entendido enquanto mimetismo social que alude ao facto dos irmãos se tornarem rivais em disputa pelos mesmos pais, pela mesma família e, principalmente, pelos mesmos bens, direitos e regalias sociais.

No Antigo Testamento, o percurso de fraternidade encerra em si mesmo um longo período de vivências e de aprendizagens, começando pelo desenvolvimento do conceito, não entre todos as pessoas, mas sim entre todos os filhos de Abraão. Trata-se de uma fraternidade que tem em comum o facto de todos terem fé no mesmo Deus, no Deus Uno, Iavé,³² e de todos estarem envolvidos na mesma aliança, portanto, comprometidos com a Lei da Santidade (Cf. Lv 19,17ss).

Ainda que neste período da história da Humanidade, reproduzida no Antigo Testamento, a fraternidade não coincida com uma leitura hodierna, há referências, na primeira parte da Bíblia, que testemunham a caminhada do Povo de Deus para relações fraternas, quando se alude, por exemplo, à união entre irmãos (Cf. Sl 133,1). Neste Salmo didático, a fraternidade é entendida como um laço celeste que une todos os seres humanos.

Na perspectiva de Luis González-Carvajal Santabárbara, Jesus veio instaurar uma nova perspectiva de fraternidade.³³ Este autor, que não refuta a ideia da existência de fraternidade nos períodos históricos anteriores ao advento do Messias, explica-a, um pouco à semelhança do exposto, numa evolução concêntrica e centrada em si mesma, nunca separada da ideia do amor ao irmão e sempre arreigada a essa interpretação de ligação ao outro.³⁴ Somente em Jesus Cristo se veio fazer a diferença em relação à fraternidade. Na Declaração *Nostra Aetate*, o Papa Paulo VI avança que relativamente à fraternidade universal:

“Não podemos, porém, invocar Deus como Pai comum de todos, se nos recusamos a tratar como irmãos alguns homens, criados à Sua imagem. De tal maneira estão ligadas a relação do homem a Deus Pai e a sua relação aos outros homens seus irmãos, que a Escritura afirma: «quem não ama, não conhece a Deus» (1 Jo 4,8).”³⁵

O Novo Testamento abre uma nova fase no percurso da fraternidade. Nesta fase, continuam a caber as relações fraternas na pequena comunidade e essas entre os membros

³² "Eu sou aquele que sou" (Êxodo 3:14).

³³ Cf. Luis Santabárbara, *El Padre nuestro explicado con sencillez* (Santander: Sal Terrae, 2009), 39-45.

³⁴ Cf. *Ibidem*.

³⁵ Paulo VI, “Declaração *Nostra Aetate* sobre a Igreja e as Religiões não-Cristãs”, (28 de outubro de 1965), §5, consultado em 22 de outubro, 2017, http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html.

da comunidade cristã, mas uma nova perspectiva, alargada e nunca considerada dimensão, é introduzida: a fraternidade na Humanidade.³⁶

De facto, com Jesus, com a Sua mensagem e exemplo, aqueles que o seguiram abraçaram uma nova realidade, não foram à procura de uma Terra Prometida, mas, ao invés disso, foram em busca de um mesmo Pai comum, passando todos a serem filhos de Deus e, conseqüentemente, irmãos (Cf. Jo 1,9). Esta nova irmandade do Povo de Deus, em vez de sangue, une-se pela fé em Cristo, passando a ser uma fraternidade com “origem numa vocação transcendente de Deus Pai, que nos amou primeiro, ensinando-nos por meio do Filho o que é a caridade fraterna”³⁷.

Ao longo de toda a **Idade Média**, sempre muito acoplado à Igreja, o conceito de fraternidade sobreviveu, mas nunca foi claramente dissecado nem libertado a ponto de integrar outros cenários sociais ou mesmo ganhar reconhecimento no campo das utopias ou dos programas políticos. Nenhum escritor, filósofo, idealista, ter-se-á debruçado sobre o conceito e, por isso, foi tida como ilusão subjetiva, cujos objetivos caminhavam distantes daqueles que se propalavam nos autos filosóficos para a liberdade ou para a igualdade.

Só quando Kant (1724-1804) introduziu o conceito da “hospitalidade universal”³⁸, na sua obra *Paz Perpétua*, é que fraternidade ganhou um lugar novo e mais alargado. Assumiu um espaço fora do âmbito da interpretação cristã, o que constituiu mais um passo evolutivo na sua história. A hospitalidade universal era, no entender deste filósofo, o mesmo que fraternidade, contudo urge o propósito de explicar o termo, dado que estabelecia analogia ao prazer de receber um visitante nas nossas casas, de garantir que nada lhe faltava e de não esperar nada em troca.³⁹

A partir desta interpretação, o termo fraternidade, tal como havia sido definido pelos filósofos da antiguidade clássica, não resistiu à premissa que o **Iluminismo** traçou para a pessoa humana, enquanto animal político a quem corresponde uma identidade cívica em necessidade de constante aperfeiçoamento.

No ensejo de completar a visão da “hospitalidade universal” de Kant, a fraternidade assume espaço na tríade revolucionária francesa, surgindo como uma das divisas maiores na luta contra o regime absolutista de Luís XVI. Pela primeira vez na

³⁶ Cf. Santabárbara, *El Padre nuestro explidado con sencillez*.

³⁷ Benedictus XVI, “Litterae encyclicae «Caritas in Veritate»,” AAS 101 (2009), §19.

³⁸ Immanuel Kant, *A paz perpétua e outros opúsculos* (Lisboa: Edições 70, 1995), 53.

³⁹ Cf. *Ibidem*.

história da evolução do conceito de fraternidade, a mesma é interpretada como princípio, instrumento fundamental de regência das relações entre o ser humano. Nesta altura, a vontade revolucionária do povo, imbuído por todos os ideais do Iluminismo e entre eles o de rejeitar a cultura cristã dominante, assume um dos maiores princípios dessa mesma cultura que se rejeita e atribui-lhe o papel de guia, de farol para as outras duas partes da tríade revolucionária. No cenário da **Revolução Francesa**, a aceção de fraternidade obtém destaque social e político, sendo apontada como força unificadora, a única capaz de garantir o sucesso da efetivação da liberdade política e da e da igualdade de todos os seres humanos. De facto, e a par da Liberdade e da Igualdade, a Fraternidade constituiu-se, entre 1789 e 1799, como epíteto da rutura revolucionária e conceito de realização dessa igualdade política que os esforços republicanos democráticos apregoavam.⁴⁰

No decorrer da primeira parte metade do século XVIII, a França alcançou uma enorme prosperidade, devido às exportações, à implementação de fábricas. Entretanto, este progresso foi interrompido por uma grave crise, que permaneceu por mais de vinte anos. Este desacelerar do progresso que, se vinha a sentir, conduziu as classes mais desfavorecidas, como os camponeses, a uma situação séria de pobreza.⁴¹

Naturalmente, perante a miséria, há um maior descontentamento por parte dos trabalhadores, que levou a uma forte luta entre os operários e os patrões. A desordem estava instalada por toda a França.⁴² Assim sendo, rapidamente, a soberania nacional prevaleceu sobre o absolutismo monárquico.⁴³

Luís XVI, um herdeiro de linhagem milenar, é rei dos franceses e, de seguida, Luís Capeto. Assiste-se a um afundar do Antigo Regime, em que o poder transita dos aristocratas para os burgueses. Nesse contexto, desencadeiam-se várias revoluções, no sentido de abater esse poder. Houve uma revolução jurídica, uma revolução popular, que destrói a Bastilha, em Paris, uma revolução económica e financeira que leva à criação de uma nova moeda, e a revolução ultrajante, atingindo o rei e abolindo a monarquia. Esta última revolução assumiu uma viragem na história do mundo.⁴⁴

⁴⁰ Cf. Albert Soboul, *A Revolução Francesa*, Trad. Rolando Roque da Silva (Rio de Janeiro: Difel, 2003).

⁴¹ Cf. António Mattoso, *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, vol. XXV (Lisboa: Editorial Verbo, 2002), 432.

⁴² Cf. *Ibidem*.

⁴³ Cf. Brossollet, *História do Mundo*, 70.

⁴⁴ Cf. *Ibidem*, 69.

Então, a fraternidade já era uma realidade viva no pensamento de todos os que desejavam a mudança do panorama político francês e a própria tomada da Bastilha chegou mesmo a ser apelidada do momento em que a fraternidade se espalhou entre as pessoas.⁴⁵

O entusiasmo geral em torno da fraternidade revolucionária não foi capaz de manter a sua figura conceitual originária e, em poucos anos, a universalidade almejada para a mesma deu lugar à exclusão. A fraternidade passou a ser interpretada como símbolo de pertença, tal como se entendia no interior das irmandades. Assim, na década de 90 do século XVIII, era frequente que o povo francês se cumprimentasse com a expressão “Irmão[ã] amigo[a]” e muita correspondência da época foi assinada com a manifestação antecedente ao nome dos autores: “Saudações e Fraternidade”⁴⁶.

Em pouco tempo e muito fruto da resistência dos nobres e aristocratas derrotados na Tomada da Bastilha, a realidade de fraternidade passou a ser interpretada como meio de exclusão dos traidores. O lema que grassava a morte em nome da defesa dos irmãos retirou a fraternidade do palco revolucionário: “Unidade, indivisibilidade da República; liberdade, igualdade ou a morte”⁴⁷.

Dos três princípios proclamados em 1789, a fraternidade, por via destas alterações de mentalidade e de posicionamento dos revolucionários, foi o mais difícil de concretizar. Para António Maria Baggio, uma das razões capazes de explicar este facto pode estar na origem cristã da palavra e na sua importância para os cristãos, tal como na ânsia insaciável dos revolucionários de lutarem contra o poder estabelecido da Igreja. De facto, e tal como Baggio referiu, a fraternidade teve o papel de unir inicialmente, mas também de dividir durante a Revolução. Os sacerdotes patriotas, por exemplo, consideravam que estariam a ser reunidas as condições para a unificação fraternal identificada no Novo Testamento.⁴⁸

Nesta particularidade da interpretação que a Igreja estabeleceu sobre o princípio em causa pode, ainda, residir outro motivo explicativo da derrocada da fraternidade revolucionária francesa, uma vez que os homens e as mulheres que levantaram a sua força contra o poder monárquico estabelecido e ansiavam pela implantação da República nunca se mostraram dispostos a reconhecer os escravos do Haiti como iguais a si mesmos, falhando na verdade de que todos eram irmãos.

⁴⁵ Cf. Baggio, *O princípio esquecido*.

⁴⁶ Soboul, *A Revolução Francesa*, 41.

⁴⁷ António Maria Baggio, *A idéia de fraternidade em duas revoluções: Paris 1789 e Haiti 1791*, (Florença: Instituto Universitario Sophia, Rede Universitária para o Estudo da Fraternidade), 32 – 33.

⁴⁸ Cf. Baggio, *O princípio esquecido*, 33.

Este momento da história da fraternidade, que foi simultaneamente relevante e recessivo, conheceu um *volte-face* na interpretação do conceito logo no século XIX por via da desconfiança que se difundiu em torno do poder da razão e dos ideais do Iluminismo, bem como por meio da tentativa de reabilitação das ideias cristãs. O século da industrialização foi testemunha da ascensão da fraternidade cristã e da sua aceitação como meio capaz de ser usado em favor da paz entre as classes sociais e na luta contra o individualismo humano que pautara as décadas iluministas.⁴⁹

O impacto que a fraternidade teve no contexto histórico da Revolução Francesa parece ter fracassado, da mesma forma que falharam os impulsos revolucionários naquele tempo face aos esforços da Europa contra a repressão da França revolucionária e o pretensiosismo de Napoleão Bonaparte (1769-1821).⁵⁰ No combate europeu ao conceito democrático da expansão revolucionária, nasceu uma nova interpretação para fraternidade, estabelecida com a Santa Aliança de 1815.⁵¹

Mas, a história guardou poucos anos a este posicionamento da fraternidade. A conjuntura social e política que se desenvolveu nos anos seguintes ao estabelecimento da Santa Aliança e que viria culminar nos movimentos revolucionários de 1830, novamente liderados pelos franceses, favorecendo a redação da Constituição da República Francesa em 1848, voltou a colocar em destaque a fraternidade que os franceses almejavam desde o século anterior. Neste marco da história, a fraternidade revolucionária dos franceses conquistou um lugar inapagável e direito a púlpito no preâmbulo constitucional, ladeada pela liberdade e pela igualdade.

Ao longo do século XIX, a fraternidade ocupou um lugar, embora não de destaque, mas de reflexão e mérito, no contexto do liberalismo, tendo obtido espaço nas obras icônicas de alguns dos maiores pensadores de época, nomeadamente John Stuart Mill (1806-1873).⁵² Para este pensador, a fraternidade política entre o povo seria alcançada, quando a tolerância face à soberania do eu e da diversidade dos seres humanos viesse a

⁴⁹ Cf. Brossollet, *História do Mundo*, 69-87.

⁵⁰ Napoleão Bonaparte (1769 –1821) foi um líder político e militar da França durante os últimos estágios da Revolução Francesa. Responsável pela reforma legal denominada Código Napoleônico, teve grande influência na legislação de vários países.

⁵¹ A Santa Aliança foi uma coligação criada pelos poderes monárquicos da Europa: Império Russo, Império Austríaco e Reino da Prússia como consequência do insucesso de Napoleão Bonaparte pelo Czar Alexandre I e selada em Paris, no dia 26 de setembro de 1815. Este acordo tinha como objetivo travar a difusão do ideário revolucionário francês, semeado por Napoleão Bonaparte.

⁵² John Stuart Mill (1806-1873) foi um filósofo e economista britânico, considerado como um dos filósofos de língua inglesa mais influentes do século XIX. É conhecido pelos seus trabalhos no âmbito da filosofia política, ética, economia política e lógica. Defendeu o utilitarismo, e foi um dos mais proeminentes e reconhecidos defensores do liberalismo político.

ser a base de construção de uma sociedade promotora de liberdade e tolerante ao conflito, na medida em que este último pode constituir-se o motor de reformas necessárias e de desenvolvimento social. Entendendo a fraternidade como as duas pontas de um mesmo circuito elíptico, Mill colocou-a na posição do desejável a alcançar e dotou a liberdade das características que permitem atingi-la.⁵³

A evolução histórica do conceito de fraternidade, cuja tônica inicial foi marcadamente cristã e o momento do seu ressurgimento na máxima força à luz social acaba por poder ser considerada a tentativa de alienação dessa matriz do cariz religioso, pautou-se por momentos de evolução civilizacional marcantes. Em todos os tempos da história em que vida da Humanidade conheceu profundas mutações, a fraternidade parece, pois, acordar de um sono profundo a que, esporadicamente, vai sendo obrigada pela mesma Humanidade que a desperta.

A fraternidade que se afirmou como elevação ao expoente máximo a partir do discurso de Jesus e da compreensão da mensagem de que somos todos irmãos veio a ser “esquecida”, durante a Idade Média, ou, no mínimo, descontextualizada da intenção de unificação e criação de paz que sustentara a sua definição inicial. No entanto, parece ter sido o maior dos recursos quando os homens e mulheres da Idade das Trevas quiseram abraçar a luz e resgatar a Humanidade dos povos. Depois, dada a sua politização e provável incapacidade de se ajustar, na verdadeira aceção concetual, aos objetivos egoísticos que se esconderam por detrás da Revolução Francesa e que clamaram pela Liberdade e pela Igualdade sem, na realidade, terem vontade de aceitar como iguais e livres os povos que eram os seus escravos, a fraternidade voltou a ser posta de parte.

Com exceção de um ou outro momento de relevantes aparecimentos nas obras filosóficas que marcaram a transformação do pensamento social da Europa da industrialização e absolutamente adormecida ao longo das primeiras décadas do século XX, alheia à destruição e mortandade que grassou o mais velho dos continentes e todo o mundo ao longo dos duros anos das duas guerras mundiais, a fraternidade voltaria a ser acordada para ocupar lugar de destaque num novo e surpreendente momento histórico que se traduziu na assinatura da **Declaração Universal dos Direitos Humanos**.⁵⁴

⁵³ Cf. Norberto Bobbio, *Teoria geral da política: A filosofia política e as lições dos clássicos*, Trad. Daniela Beccaccia Versiani (Rio de Janeiro: Campus, 2000), 357.

⁵⁴ Os Direitos Universais do Homem foram proclamados no dia 10 de dezembro de 1948 pelas Nações Unidas quando estas subscreveram a, então denominada Carta Magna e atual Declaração dos Direitos Humanos, depois de um processo de negociações e preparação do documento em que se destacou, entre outras, a figura de Eleanor Roosevelt, viúva do presidente americano Franklin Roosevelt. O pilar que sustentava o documento então subscrito por vários países do mundo era o objetivo geral de acabar com as

Definidos como “os direitos e liberdades básicas de todos os seres humanos”⁵⁵ e tendo o seu conceito alargado “à ideia de liberdade de pensamento, de expressão, e à igualdade perante a lei”⁵⁶, os Direitos Humanos consagrados na Carta Magna de 10 de Dezembro de 1948 uniram todos os povos das nações unidas na afirmação da boa-fé nos direitos fundamentais do Homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade de direitos entre homens e mulheres e na necessidade do trabalho comum em prol do progresso social, com vista à promoção de melhores condições de vida para os povos e o alargamento da liberdade a todos os cidadãos. A importância deste documento e dos valores que veio reafirmar como construto para a evolução da Humanidade levaram mesmo João Paulo II a louvar esta conquista e a definir a Magna Carta como “uma pedra miliária no caminho do progresso moral da humanidade”⁵⁷.

A reafirmação de Igualdade e Liberdade, que a Declaração dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas estipulou, veio resgatar também do tríptico francês do século XVIII. A fraternidade é lembrada e sublinhada logo no seu primeiro Artigo, onde se afirma que “todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de Fraternidade”⁵⁸. A introdução da fraternidade no documento que se veio firmar como o garante físico da paz universal parece resultar da confluência das várias correntes de pensamento e de ação que, ao longo dos séculos, a foi chamando e afastando em função das suas conveniências. Denota-se que esta fraternidade mais madura do que a que se aclamou na Revolução Francesa bebeu do liberalismo e do socialismo, mas manteve o seu pilar originário da Doutrina Social da Igreja.⁵⁹ De facto, e tal como subscreveu Marco Aquini,⁶⁰ existe uma clara conotação entre o documento das Nações Unidas e a visão

guerras promover a paz e a democracia e fortalecer os Direitos Humanos, que se descrevem no preâmbulo e no primeiro Artigo do documento: “O desconhecimento e o desprezo dos direitos humanos conduziram a atos de barbárie que revoltaram a consciência da Humanidade e o advento de um mundo em que os seres humanos sejam livres de falar e de crer, libertos do terror e da miséria, foi proclamado como a mais alta inspiração do Homem... Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos” - “Human Rights”, United for Human Rights, consultado em 28 de outubro, 2017, <http://www.humanrights.com/>.

⁵⁵ “Human Rights”, United for Human Rights, consultado em 28 de outubro, 2017, http://www.humanrights.com.

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ Conselho Pontifício «Justiça e Paz», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (Cascais: Principia, 2005), 152.

⁵⁸ Diário da República, *Declaração Universal dos Direitos do Homem de 10 de dezembro de 1948*, nº 57/78, I Série A, de 9 de março de 1978.

⁵⁹ Cf. Tosi, “Cristianismo social”: 525-547.

⁶⁰ Cf. Marco Aquini, *Fraternità e diritti umani*, Osservatorio Cardinale Van Thuans, consultado em 2 de novembro, 2017, <http://www.vanthuanobservatory.org/ita/fraternita-e-diritti-umani/>.

social que o Cristianismo defende e que, mais tarde, viria a ser sublinhada na redação da Encíclica *Pacem in terris*, que estabeleceu uma relação intrínseca entre os direitos e os deveres de cada ser humano e estipulou a profunda necessidade de reconhecimento dessa relação causal por parte de todos os homens e mulheres, irmãos em Deus.⁶¹

Através da Declaração Universal dos Direitos Humanos, pela primeira vez na História da Humanidade, a fraternidade aparece como verdadeiro instrumento para o entrave aos desrespeitos infligidos aos homens, mulheres e crianças do mundo, sendo esta ideia geral explicitamente reforçada, quando no texto preambular da Declaração dos Direitos Humanos se evoca o conceito de família humana.

Destaca-se no Compêndio da Doutrina Social da Igreja os “mais relevantes esforços para responder de modo eficaz às exigências imprescindíveis da dignidade humana”⁶², em que a fraternidade volta a ser evocada no Artigo 29.º, introduzindo-se a ideia dos deveres que cada um dos seres humanos tem para com as suas comunidades.

Segundo o referido Artigo, a pessoa humana é lembrada das responsabilidades que a condição de ser humano lhes importa e que resultam do facto de estarem resguardados pelos direitos que o documento consagra. É nestas responsabilidades que a fraternidade se materializa, na medida em que só por ela os beneficiários dos Direitos Humanos se podem comprometer de livre vontade com a sua liberdade e com a liberdade dos outros, bem como com o direito a ser considerado igual no seio da igualdade coletiva.

O Artigo 29.º, ainda que não explicita de forma direta o vocábulo sobre que se tem vindo a discorrer ao longo do presente Relatório, remete, tal como já se disse, para os deveres de comunidade e favorece a participação de todos na causa pública, podendo esta contribuição e direito de participação, como frisou Marco Aquini, serem assumidos como um novo significado da fraternidade.⁶³

Para além disso, a interpretação de fraternidade no Artigo 29.º da Declaração universal dos Direitos Humanos também poderá ser entendida ao considerar-se que os deveres ali propostos a toda a pessoa humana vão além das obrigações que os cidadãos têm para com os seus Estados. Agora, o indivíduo, que tem deveres para com a comunidade, passa a ter compromissos em círculos sociais onde os Estados nem sempre são chamados a intervir, como nas relações de amizade, por exemplo. A fraternidade pode

⁶¹ Cf. Johannes XXIII, "Litterae Encyclicae «Pacem in Terris»," *AAS* 55 (1963).

⁶² Conselho Pontifício «Justiça e Paz», Compêndio da Doutrina Social da Igreja (Cascais: Principia, 2005), §152.

⁶³ Cf. Aquini, *Fraternità e diritti umani*.

ser a base que ajuda os cidadãos do mundo a cumprirem as premissas do Artigo, bem como a entender que todos os Direitos conquistados em 1948 só podem ser merecidos e alcançados se nos passarmos a entender e considerar como elementos de uma fraternidade mundial.

Há, assim, na história da fraternidade um relevante momento de construção com a conquista da Organização das Nações Unidas, sendo que a longevidade do documento maior dos Direitos Humanos é a prova de que ela persiste como vínculo unificador das pessoas e a estratégia capaz de fazer vigorar e fortificar a Liberdade e a Igualdade. No entanto, importa recordar que, apesar das manifestas boas intenções que patentearam a subscrição deste magno documento, e volvidas sete décadas após a sua assinatura, com base na honra e na boa-fé das nações subscritoras, ainda se registam, pelo mundo fora, situações contraditórias aos textos ali redigidos e às relações fraternas expressas. Algumas delas ocorrem mesmo em países civilizados e democráticos, em países que, teoricamente, se assumiram como principais guias da exequibilidade dos textos magnos desta declaração universal.

2. Do “Princípio Esquecido” ao Princípio da Solidariedade

A construção, estudo e análise do percurso histórico de fraternidade reveste-se de uma importância fundamental para a compreensão do conceito, além da sua concetualização e etimologia, mas também para a identificação da forma como tem sido tratada pela Humanidade ao longo dos séculos. A fraternidade, firmada por Jesus como derradeira e mais significativa mensagem de Amor, deixada aos seres humanos que se devem amar uns aos outros como Ele nos amou, não encontrou ainda espaço no coração da Humanidade para se implantar e florescer em definitivo. Embora já tenha servido para que os cidadãos do mundo conquistassem a satisfação de se considerarem iguais e livres nos direitos, parece ter novamente sido impelida para o esquecimento.

Neste século XXI, depois das conquistas revolucionárias da França, alcançadas há cerca de 229 anos, e depois de fixada a convicção de que o mundo não voltará a entrar em conflitos bélicos entre si e contra si por meio da assinatura de quase todos os países de uma declaração que reconhece os mesmos princípios basilares da Revolução Francesa, vivem-se medos e angústias (perigos de uma eventual Guerra Mundial Nuclear, a

destruição na Síria, os conflitos africanos, os desafios tecnológicos militares da Rússia, entre muitos outros) totalmente incompatíveis com a fraternidade. Mas onde é que é ela se encontra?

Antonio Maria Baggio considera que esta está esquecida, afastada da cena pública e silenciada pelo pensamento democrático.⁶⁴ Depois de se ter destacado dentro da trilogia revolucionária que a dotou de dimensão política e garantiu a sua aproximação e interação com os princípios da Liberdade e da Igualdade, a Fraternidade, ou dito de forma mais aproximada ao discurso de Baggio, o princípio da fraternidade “decai, pelo desaparecimento, quase que imediato (...) da cena pública”⁶⁵, deixando a Liberdade e a Igualdade numa situação antagónica como “sínteses extremas de duas visões do mundo, de dois sistemas económicos e políticos que disputarão o poder nos dois séculos seguintes”⁶⁶.

A introdução da ideia de fraternidade, enquanto “princípio esquecido”, é materializada, na opinião de Antonio Maria Baggio e explicada pelo autor, em oposição ao percurso que os outros dois princípios da Revolução Francesa tiveram. Na verdade, e segundo lembra Baggio, a:

“liberdade e igualdade conheceram, (...), uma evolução que as levou a tornarem-se autênticas categorias políticas, capazes de se manifestarem tanto como princípios constitucionais quanto como ideias-força de movimentos políticos. A ideia de Fraternidade não teve a mesma sorte. Com exceção do caso francês, como princípio político, ela viveu uma aventura marginal, o percurso de um rio subterrâneo, cujos raros afloramentos não conseguiam irrigar sozinhos, a não ser esporadicamente, o terreno político.”⁶⁷

Na visão apresentada por Baggio, a fraternidade que a Humanidade esqueceu e que, na verdade, não teve tempo para interiorizar foi a política. Então, a fraternidade, enquanto categoria política, porque a mesma está presente na vida, nas palavras e nas

⁶⁴ Autor da obra “Princípio esquecido”, Antonio Maria Baggio, é professor de Filosofia Política no Instituto Universitário Sophia e diretor da publicação “Ideias para a Política” de Città Nuova Editrice (Roma). Preside a Fundação Weber e é Membro da Comissão Internacional RUEF (Red Universitaria para Estudio da Fraternidade).

⁶⁵ Baggio, *O princípio esquecido*, 8.

⁶⁶ *Ibidem*.

⁶⁷ *Ibidem*, 8-9.

ações de Jesus superou-lhe a vida e estendeu-se para todo o sempre, junto dos homens e mulheres que fazem da Sua palavra e exemplo um modelo a seguir. Essa fraternidade de teor cristão foi tendo, ao longo da história, várias manifestações práticas, traduzidas em ações humanas concretas como a doação de esmolas, a hospitalidade e mesmo a fraternidade monástica que implica a convivência e a comunhão de bens.⁶⁸ Na Idade Média, a Igreja reclamou a fraternidade como sua. Efetivamente, manifestou-se, por exemplo, através dos atos do Clero que fomentavam a criação de obras de apoio aos pobres e desfavorecidos. Preocupava-se, ainda, com o lançamento de sementes para o aparecimento da solidariedade social. Apesar da forte resistência que encontrou com o Iluminismo, a fraternidade de Cristo, quando confrontada com os ideais da razão e o apetite fugaz da pessoa humana pela razão, esta esmoreceu. Contudo, não foi olvidada por parte de quem, através do novo mandamento de Jesus, continuou a acreditar que somos mesmo todos filhos do mesmo Pai.

Apesar da tomada de consciência de que a *fraternidade esquecida* é a que não vingou na experiência política, o alerta de Baggio não deixa de ser preocupante, na medida em que se constitui como a afirmação, um prenúncio de que a fraternidade não tem capacidade para ser, para existir, fora do círculo da cristandade. A constatação de Baggio pode ser desconcertante, tendo em conta que Jules Michelet (1789-1874) a considerou o instrumento realizador da conjugação harmoniosa entre a Liberdade e a Igualdade, Louis Blanc (1811-1882) afirmou-a como o único meio capaz de fazer dissipar o individualismo e o único suporte perene da Liberdade e da Igualdade. John Stuart Mill (1806-1873) defendeu-a como as duas pontas de um mesmo circuito elíptico, onde Liberdade e Igualdade se tornam reais.⁶⁹

A Palavra de Deus oferece dispositivos para a leitura do mundo político que tem as suas lentes, precisamente, na fraternidade:

“como sabeis os chefes das nações mantêm-nas sob o seu poder, e os grandes, sob seu domínio. Não deve ser assim entre vós. Pelo contrário, se alguém quer ser grande entre vós, seja vosso servo, e se alguém quer ser primeiro entre vós, seja vosso escravo” (Mt 20,25-28).

⁶⁸ Cf. *Ibidem*.

⁶⁹ Cf. Sá, “Senso moral e política”, 38.

Numa outra passagem, o Evangelho de Mateus esclarece:

“quanto a vós, não vos façais chamar de mestres: porque tendes um só mestre e sois todos irmãos. A ninguém na terra chameis de vosso Pai: porque só tendes um, o Pai celeste. Tampouco vos façais chamar de “doutores”: porque só tendes um doutor, o Cristo. O maior dentre vós será vosso servo; todo aquele que se exalta será humilhado, e todo aquele que se humilha será exaltado” (Mt 23,8-12).

Destas duas passagens, relativamente à temática da fraternidade, subscrevem-se também ideias políticas fortes e sublinha-se essa razão indissolúvel da concretização da fraternidade de Deus através da política dos homens e mulheres. No evangelho de Mateus, subentende-se uma conceção igualitária das relações entre a pessoa humana quando se afirma que só Deus é Pai, só Ele é mestre e só a Cristo compete a denominação de doutor. A partir desta grandeza divina, todas as diferenças capazes de serem identificadas entre o homem e a mulher deixam de fazer sentido. Denota-se, também, nestas passagens da Bíblia, a existência de uma incerteza face aos poderes vigentes que são usados apenas como meio para a imposição do poder, para dominar, oprimir e explorar os outros. Há, ainda, a transmissão da ideia da recuperação de uma política de entrega e de serviço pelo bem comum.

Estes elementos evangélicos oferecem a chave para o exercício de uma política ética de serviço aos outros, que funcionará em pleno se todos se tiverem por irmãos e se dedicarem ao exercício de fraternidade. Acaba, então, por se poder concluir que a mesma, na relação com os outros dois princípios da Revolução Francesa, é a mais universal e difusa do tríptico revolucionário, e, portanto, primordial.

O seu esquecimento, ou quase esquecimento, se se considerar que houve uma nova tentativa de a resgatar do obscurantismo para que foi relegada pelos homens e mulheres da República de França, na mesma França e na redação da sua Constituição de 1848, bem como na Magna Carta da Organização das Nações Unidas, pode constituir o garante do fracasso da implantação da Paz no mundo.

É neste contexto que se torna difícil perceber a razão pela qual a Fraternidade seguiu um caminho diferente (que quase a conduziu ao abismo) da Igualdade e da Liberdade. Nos anos que se seguiram à Revolução Francesa, estes dois princípios transformaram-se em valores políticos e jurídicos com direito a subscrição e elevação em

constituições de vários países, sendo até o mote para a implantação da democracia em vários pontos do planeta, como foi o caso da nossa Revolução de Abril. Segundo Baggio, a fraternidade provou ser o princípio mais difícil de realizar, porque este foi transferido do interior do Cristianismo por meio da afinidade religiosa que os humanistas cristãos lhe tinham. Este foi apresentado por eles como proposta para uma nova ordem social, o que se veio a revelar motivo de repúdio por parte dos Iluministas.⁷⁰ De resto, e na sequência da sua vontade de apartar da política e da razão todos os resquícios de religiosidade, os Iluministas não foram capazes de encontrar argumentos que fundamentassem a introdução de um conceito cristão numa conjuntura sociopolítica nunca anteriormente experimentada.⁷¹

Importa também deixar claro que, enquanto princípio que demandava o amor e o tratamento fraternal entre todos os homens e mulheres, colocava os Iluministas que aspiravam à democracia numa posição constrangedora, pois estes não se mostravam dispostos a abdicar da escravidão e das colônias com o mesmo vigor com que guilhotinaram cabeças.

Tal como Baggio sustenta, o fracasso do conceito de fraternidade no período pós-revolucionário pode também ser explicado com a dualidade que o princípio assumiu (primeiro uniu, todavia, posteriormente, desuniu a população).

Não obstante, a importância das razões que ajudam a compreender o esquecimento da fraternidade e considerando as palavras do autor, subsiste a esperança do ressurgimento pleno de fraternidade (Não só a partir dos contínuos esforços da Igreja, como também pelo despertar de pensadores da modernidade).

Na nota conclusiva do Capítulo “A redescoberta da Fraternidade”, na obra *Princípio Esquecido*, o autor considera que a modernidade enquadrou a Liberdade e Igualdade como conceitos políticos, todavia a Fraternidade, apesar de ser a base das outras duas, não foi considerada ao nível dessas por receio do que essa categorização poderia implicar. Contudo, a Fraternidade é a base da Liberdade e da Igualdade. Se forem vividas em espírito fraterno, a Liberdade não beneficiaria o elo superior e a Igualdade não cairia em “igualitarismo opressor”. Efetivamente, a fraternidade pode ser uma mais-valia na execução dos princípios modernos. Os valores fraternos são adequados a essa concretização.⁷²

⁷⁰ Cf. Baggio, *O princípio esquecido*, 36.

⁷¹ Cf. *Ibidem*.

⁷² Cf. Baggio, *O princípio esquecido*, 54.

Em face desta realidade e firme certeza da profunda necessidade de fraternidade expressa por Baggio, mas muito antes sentida pelos *politic makers* e pensadores que almejavam instituir a liberdade e a igualdade nas suas constituições nacionais, a história encarregou-se, na figura dos mesmos políticos que rejeitaram a fraternidade, de contornar o problema e oferecer ao mundo um sinónimo de aceção fraterna concretizável e afastado dos pressupostos da religião: a solidariedade.⁷³

O termo “substituto” foi firmado ao longo do século XX e com raízes bem implantadas já no século anterior, como sinónimo de “caridade” e de “fraternidade”, numa clara e supressiva confusão entre os dois termos, pois ser caridoso não implica irmandade. Apesar da deturpação terminológica referida, o que sobressai da opinião do autor supramencionado é a tendência crescente que os anos do pós-Revolução Francesa trouxeram à substituição das palavras e à tentativa de traduzir numa mais prática, a solidariedade, toda a riqueza de conteúdo que a outra encerra.⁷⁴

A urgência da solidariedade percebe-se não só pela vontade do *esquecimento* da fraternidade, mas também porque, na impossibilidade de ter esta última, o mundo desesperava por uma alternativa que fosse capaz de responder à miséria e sofrimento com que a Revolução Industrial premiou as classes mais desfavorecidas da sociedade ocidental. Portanto, a solidariedade parecia mesmo apresentar-se como o sinónimo de fraternidade, pois ambas as palavras remetem para a unidade entre os povos e as pessoas, a comunhão e a comunidade. A solidariedade seria mais facilmente reconhecida, remete para o serviço solidário que o mundo demanda. Esta seria mais próxima das verdadeiras necessidades de cidadania, na medida em que pode revestir-se de diferentes formas, seja ao nível humano, social, político ou cívico, tendo o poder de melhor acentuar os deveres dos cidadãos que emanam da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

No entanto, esta não é uma opinião que Baggio tenha subscrito. Para este autor, através do alerta para o *esquecimento* da fraternidade e o prejuízo que daí advém para toda a Humanidade, a solidariedade e a fraternidade são dois conceitos distintos que importa diferenciar, para que o resgate da convivência fraternal aconteça mais rapidamente. Para o autor, a principal diferença entre estes termos reside no facto de a fraternidade ser indiferente à assimetria de poder na relação que as pessoas estabelecem entre si. Os laços fraternos não têm “Pai”, nem mestres, nem doutores, e, na sua conceção, os chefes das nações não procuram o poder nem visam dominar o povo, antes pelo

⁷³ Cf. *Ibidem*, 55.

⁷⁴ Cf. *Ibidem*.

contrário, a ânsia da fraternidade visa o serviço ao outro, a comunhão entre iguais. Na solidariedade, as relações construídas são, tantas vezes, unidirecionais, indo do mais forte para os mais necessitados.

Segundo a opinião de Baggio, a solidariedade é apenas o espelho das relações fraternas, mas o reflexo que resulta do exercício da solidariedade exige, da parte do solidário, muito menos esforço do que a fraternidade.⁷⁵ A diferença entre a solidariedade e a fraternidade são assim sintetizadas: a solidariedade possibilita a ajuda ao outro, numa posição de verticalidade, de um ‘superior’ a um ser que está nesse momento num estado inferior. Todavia, a fraternidade implica a relação ao mesmo nível (horizontalidade), auxílio mútuo no plano social e/ou institucional.⁷⁶

Assim entendida, a solidariedade pode quase soar a uma realidade “perversa”, pois afigura-se como elemento supressor da fraternidade. Contudo, se à mesma for conferida uma nova leitura, também ela ofuscada dos mesmos princípios que pautaram a construção do conceito de fraternidade pelas palavras de Jesus, pode, ainda que nas suas diferenças, ajudar a suplantar a falta do “princípio esquecido”.

A solidariedade concetualizada como “verdadeira e própria virtude moral”⁷⁷, segundo o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, poderá assumir esse papel. Neste âmbito, a mesma não se traduz num “sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas próximas ou distantes”⁷⁸, mas, pelo contrário, apresenta-se como “determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum. Ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos”⁷⁹. Todos nós somos responsáveis uns pelos outros, porque todos somos irmãos. Esta é, então, a solidariedade fraterna, que apela ao bem comum e ao bem do próximo e que nos pode conduzir à igualdade e à paz:

“O termo «solidariedade», amplamente empregado pelo Magistério, exprime em síntese a exigência de reconhecer, no conjunto dos liames que unem os homens e os grupos sociais entre si, o espaço oferecido à liberdade humana para prover ao crescimento comum, de que todos partilhem. A aplicação nesta direção se traduz no positivo contributo que não se há de deixar faltar à causa comum e na busca dos pontos de possível acordo,

⁷⁵ Cf. Baggio, *O princípio esquecido*, 22.

⁷⁶ Cf. *Ibidem*, 23.

⁷⁷ Conselho Pontifício «Justiça e Paz», Compêndio da Doutrina Social da Igreja, §193.

⁷⁸ *Ibidem*.

⁷⁹ *Ibidem*

mesmo quando prevalece uma lógica de divisão e fragmentação; na disponibilidade a consumir-se pelo bem do outro, para além de todo individualismo e particularismo.”⁸⁰

3. O apelo à Fraternidade numa perspectiva cristã

Para uma abordagem da fraternidade numa perspectiva cristã, toma-se como ponto de partida a análise da temática, de uma forma transversal no Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Tendo em conta o facto de que a fraternidade percorre o conteúdo da mensagem cristã, esta exploração parece a mais adequada e capaz de firmar a ideia subjacente à mensagem de Jesus, que apela à criação de uma família universal unida pelo amor fraterno.

Na *Encíclica Caritas In Veritate* do Papa Bento XVI também são realçados e solidificados, para o mundo atual, os valores da fraternidade e da caridade, em prol de uma sociedade mais justa. Assim, este documento assume-se como fundamental, sendo o objeto de análise ao longo do segundo subponto do presente capítulo.

Tal como o seu antecessor, também o Papa Francisco entende a fraternidade como esteio da desejada Paz mundial e, por isso, atribui-lhe particular destaque nas Mensagens para a Paz dos anos de 2014 e 2015. Seguindo a mesma linha norteadora de construção deste terceiro ponto do primeiro capítulo, as duas mensagens são alvo de reflexão. Nesses documentos atribui-se particular ênfase à fraternidade por ser entendida como elemento essencial para a conquista da paz universal.

Termina-se a abordagem ao tema do apelo à fraternidade na perspectiva cristã, dando destaque ao “Cântico do Irmão Sol” de São Francisco de Assis. Aqui, o autor apela a uma convivência fraternal, cuidando da Natureza e do ser humano. Este texto aparentemente simples, mas repleto de profundidade, mantém-se atual e cada vez mais necessário. Os laços fraternos que transparecem do cântico entre o autor e a Natureza entendem-se como analogia da admiração e do reconhecimento da obra de Deus e sustentam a metáfora da necessidade urgente de cuidado pela nossa Casa Comum.

⁸⁰ *Ibidem*, 194.

3.1. A transversalidade da temática no *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*

“Aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mt 12,50). O mote sobre a irmandade coletiva, que une todas as pessoas sobre o braço de um mesmo Pai e que nos indica que a vida vem de Deus, trata uma nova verdade, realizada em Jesus, e concretizada como dimensão essencial do Homem: a fraternidade.

O apelo à fraternidade no contexto do Cristianismo apresenta-se, essencialmente, na transversalidade de todo o seu conteúdo, começando em Jesus e tendo como fundamento uma mensagem de paz e amor, que incita à procura de um mesmo Pai comum e estabelece uma nova irmandade do Povo de Deus que, em vez de sangue, se une pela fé em Cristo. É desta mensagem que transcende a descoberta do Amor de Deus por todos os seus filhos e neste amor, tal como lembra o Pontifício Conselho «Justiça e Paz», que “o homem compreende a própria dignidade transcendente, aprende a não se contentar de si e a encontrar o outro”⁸¹. Assim, a partir desta procura pela construção de uma rede de relações com outros com quem não tem laços de consanguinidade, mas que são, igualmente, seus irmãos, o mundo vai transformando as suas estruturas sociais e conquistando instrumentos e ferramentas que o vão ajudar à construção da paz.

É também neste Amor que é Deus, “Deus é amor” (Jo 4,8), que Jesus nos firma a certeza de um caminho para a fraternidade universal e esta, tal como sustenta o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, não é coisa vã,⁸² antes a “norma última de todas as dinâmicas nas quais se desdobram as relações humanas”⁸³.

No *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, fortemente marcado por referências à fraternidade, esta é revelada como estratégia de compreensão da existência social, um veículo que ajuda ao diálogo entre as pessoas, que resulta da revelação Divina do desígnio de salvação. Ou seja, a procura da “verdade e do sentido da existência pessoal e social”⁸⁴ passa pelo encontro da vida fraterna e pela comunhão de amor entre todas as pessoas sem distinção.

⁸¹ Conselho Pontifício «Justiça e Paz», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, §4.

⁸² Cf. *Ibidem*, §54.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ *Ibidem*, §17.

A fraternidade poderá ser também caminho para o próprio Deus, na medida em que Jesus declarou que, enquanto nos comportarmos como irmãos, estaremos certos de alcançarmos o reino dos Céus: “Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo, porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim (...) todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes” (Mt 25,34-36.40).⁸⁵

Numa das referências à fraternidade, o Compêndio da Doutrina Social da Igreja alude ao facto de nela residir a garantia da liberdade e do livre arbítrio.⁸⁶ Nesta ideia, em particular, encontra-se um paralelo no sentido em que, sem fraternidade, torna-se menos viável a construção de uma sociedade livre de injustiças e plena de dignidade humana. No discurso de Baggio e, ainda que de forma indireta, apela à necessidade de resgatar a fraternidade política e as suas demais dimensões do *esquecimento*.

Também na abordagem que o Cristianismo elabora sobre a igualdade e a dignidade de todos seres humanos, a fraternidade volta a ser explicitamente mencionada como que a estabelecer e a reafirmar a perspectiva propagada por Baggio, Jules Michelet (1789-1874), Louis Blanc (1811-1882), John Stuart Mill, entre outros. Destacando que a fraternidade é a base, o motor e a engrenagem que garante a construção da Liberdade e da Igualdade e que sem a primeira, nenhuma das outras duas, alguma vez seria realmente possível e concretizável.

O destaque atribuído à fraternidade manifesta-se na transversalidade que esta assume no seu discurso, do qual o Compêndio da Doutrina Social da Igreja é exemplo. Prevalece a tónica com que dota este princípio maior de responsabilidade, no que se refere à manutenção e propagação do Amor entre os seres humanos, bem como à possibilidade de construção de uma convivência civil saudável e pacífica: “O significado profundo da convivência civil e política não emerge imediatamente do elenco dos direitos e deveres da pessoa. Tal convivência só adquire todo o seu significado se for baseada na amizade civil e na Fraternidade”⁸⁷.

⁸⁵ *Ibidem*, §57.

⁸⁶ *Cf. Ibidem*, §137.

⁸⁷ *Ibidem*, §390.

3.2. *A Encíclica Caritas in Veritate*

Passaram duzentos anos da Revolução Francesa e, na altura da redação deste Relatório, comemora-se o 70.º aniversário da assinatura da Declaração Universal dos Direitos do Homem. A conjuntura que esteve na origem da implantação da primeira República de França há muito foi ultrapassada e o mundo, ainda que ciente do horror das grandes guerras que ditaram a constituição da Organização das Nações Unidas, abraçou com vontade o progresso que o sossego da paz efémera lhe trouxe e cresceu. Simultaneamente a cada década que passou, as pessoas dos quatro cantos do planeta aproximaram-se entre si, através do desenvolvimento das novas tecnologias.

A globalização, assim chamada esta nova época do capitalismo desenfreado e das comunicações globais que permitem a realização de negócios entre cidadãos de partes opostas do globo em poucos segundos, veio promover condições para que a *fraternidade esquecida*, pouco antes do início do século XIX, possa ser retomada e o seu desígnio maior, a paz entre irmãos, seja cumprido. Talvez esta seja apenas a expressão de um desejo maior que se foi deixando crescer, imbuído no conhecimento até agora adquirido a propósito da fraternidade e da certeza que a firma como condição para a formalização da paz que o mundo procura desde que o ser humano o habitou pela primeira vez.

Efetivamente, a globalização promoveu condições para que a fraternidade possa ser acordada do sono do esquecimento a que está eleita, mas os homens e mulheres que promoveram todas as transformações económicas, sociais e políticas, que vieram a desenhar o atual estado do mundo, parecem não saber onde reside o princípio revolucionário que os Iluministas dotaram de carácter político para, logo a seguir, virem declarar que não tinha exequibilidade no âmbito constitucional.

Na falta deste conhecimento da urgência de fraternidade, estes seres humanos, que hoje parecem pensar mais em economia do que em ideias políticos, têm vindo a criar divisões, ao invés de promoverem a união. Preparam o caminho para as desigualdades, que impedem a concretização efetiva da igualdade proclamada pela incapacidade de acesso aos bens mais essenciais, ao estabelecimento e à manutenção da dignidade humana. Da mesma forma, e por causa dos mesmos modos de agir, os cidadãos da ‘aldeia global’ que amam a liberdade e a enaltecem a cada ocasião, já não são livres. Afirma-se esta falta de liberdade com a convicção de quem se refere à escravatura dos tempos

modernos, à “escravatura” do capitalismo. A liberdade não está esquecida como a fraternidade, mas está quase confinada às Constituições que a proclamaram efusivamente.

Liberdade e Igualdade correm hoje sérias ameaças e a constatação da sua fragilidade faz lembrar as palavras dos vários autores mencionados, que apontavam a fraternidade como construto essencial dos princípios que a acompanharam na Revolução de 1748.

Bento XVI na sua Carta Encíclica *Caritas in Veritate* faz referência, sobretudo no capítulo III, onde aborda a fraternidade, o desenvolvimento económico e a sociedade civil.⁸⁸ Neste contexto, o Pontífice contesta a necessidade da caridade, dotando-a de características capazes de promoção de laços fraternos e afirma que:

“Enquanto dom recebido por todos, a caridade na verdade é uma força que constitui a comunidade, unifica os homens segundo modalidades que não conhecem barreiras nem confins. A comunidade dos homens pode ser constituída por nós mesmos; mas, com as nossas simples forças, nunca poderá ser uma comunidade plenamente fraterna nem alargada para além de qualquer fronteira, ou seja, não poderá tornar-se uma comunidade verdadeiramente universal: a unidade do género humano, uma comunhão fraterna para além de qualquer divisão, nasce da convocação da palavra de Deus-Amor.”⁸⁹

Sem a prática do dom da caridade, a pessoa humana, como afirma Bento XVI, não é em si mesmo capaz de realizar um crescimento económico, mesmo que apoiado por todos os benefícios da globalização social e política justa e “autenticamente humana”⁹⁰. Por isso é urgente que se estabeleça um novo princípio, o da gratuitidade, um novo sentido de fraternidade.

De acordo com o pensamento expresso na Encíclica *Caritas in Veritate*, a atividade económica por si só e a sua lógica capitalista não chegam para resolver todos os problemas sociais que a sociedade do século XXI enfrenta. Só a transformação da lógica mercantil como composto equilibrado entre o agir político e a justiça social pode dar impulso à prossecução do bem comum.

⁸⁸ Cf. Benedictus XVI, “Litterae encyclicae «Caritas in Veritate»,” AAS 101 (2009).

⁸⁹ *Ibidem*, §34.

⁹⁰ *Ibidem*.

Bento XVI alerta para o maior dos desafios que a Humanidade está prestes a enfrentar e que se apresenta em resultado dos grandes problemas do desenvolvimento económico perpetrado nos moldes da globalização, sendo que esta prova passa por mostrar efetivamente que os princípios tradicionais da ética social serão salvaguardados face à ânsia de enriquecimento de alguns. A promoção da fraternidade, através da caridade, apela ao ser humano hodierno “que a vida económica seja entendida como uma realidade com várias dimensões: em todas deve estar presente, embora em medida diversa e com modalidades específicas, o aspeto da reciprocidade fraterna”⁹¹.

Através da Encíclica que se traduz numa ode à caridade, Bento XVI promove uma ação de sensibilização global que visa dar conta da importância da utilização da atividade económica em prol da solidariedade e do bem comum: “na época da globalização, a atividade económica não pode prescindir da gratuidade, que difunde e alimenta a solidariedade e a responsabilidade pela justiça e o bem comum nos seus diversos sujeitos e atores”⁹².

3.3. *As Mensagens do Papa Francisco para o Dia Mundial da Paz*

Na primeira mensagem comemorativa do dia da Paz,⁹³ o Papa Paulo VI referiu que a proposta “de dedicar à Paz o primeiro dia do novo ano não tem pretensão de ser qualificada como exclusivamente religiosa ou católica. Antes, seria para desejar que ela encontrasse a adesão de todos os verdadeiros amigos da Paz”⁹⁴. Visando garantir que as comemorações da Paz ganhassem estatuto de tradição e se prolongassem por longos anos, o Pontífice, a quem se fica a dever a iniciativa, agora amplamente reconhecida no seio da sociedade religiosa e civil, expressou a vontade de que cada primeiro dia do ano fosse de “caráter sincero e forte de uma humanidade consciente e liberta dos seus tristes e fatais conflitos bélicos, que quer dar à história do mundo um devir mais feliz, ordenado e

⁹¹ *Ibidem*, §38.

⁹² *Ibidem*, §38.

⁹³ O Dia Mundial da Paz, inicialmente denominado de Dia da Paz, foi comemorado pela primeira vez a 1 de janeiro de 1968. A iniciativa nasceu da vontade do Papa Paulo VI de criar um dia de celebração da Paz. Tal vontade foi manifestada no texto encíclico de 8 de dezembro de 1967 perdura até aos dias de hoje.

⁹⁴ Paulo VI, “Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz”, in *Mensagens do Dia Mundial da Paz*, Comissão Nacional Justiça e Paz (Cascais: Principia, 2002), §4.

civil”⁹⁵. Neste contexto, Paulo VI expressou que a Paz e o seu dia era para ser comemorada em todo o mundo por todos os "verdadeiros amigos da Paz", sem fazer distinção de credos, raças ou condições sociais e, assim, sem que tenha feito uma alusão direta, deixou subentendida a ideia de fraternidade em associação às comemorações da paz, estabelecendo um paralelo quase poético entre a sua intenção e as palavras explicativas da mesma e a necessidade de existência de fraternidade para a construção da paz.

Depois de Paulo VI, todos os Papas que lhe sucederam escreveram mensagens de exultação à paz, mas, por razão de proximidade cronológica e, sobretudo, pela sua significação, analisaram-se, neste enquadramento, as que o Papa Francisco redigiu para os anos de 2014 e 2015.

Na sua primeira abordagem à paz, no sentido solene e da formalidade da sua comemoração, o Papa Francisco assumiu como palavra de ordem a fraternidade. Toda a sua mensagem discorre da ideia fulcral de que é nela que se solidifica o percurso da paz e que este princípio que sustenta a verdade de todos sermos irmãos de Jesus é uma dimensão elementar da pessoa humana. Lembrando o essencial do Evangelho, o Papa Francisco explica o fundamental sobre o conceito com a racionalidade humana, condição que permite, somente à pessoa humana, constituir-se como “verdadeira irmã e um verdadeiro irmão; sem tal consciência, torna-se impossível a construção duma sociedade justa, duma Paz firme e duradoura”⁹⁶.

Com vista a reforçar a ideia de fraternidade, a que dedica o seu texto comemorativo da paz, o Papa Francisco alude à globalização e chama a atenção dos cristãos e de todos os amantes da paz para a proximidade que a nova ordem do mundo veio trazer, tornando-nos ainda mais vizinhos uns dos outros do que eramos no século XX, quando o mundo já era apelidado de pequena aldeia através das infraestruturas de comunicação e das tecnologias, como o telefone e televisão.

Nesta globalização que torna cada ser humano mais próximo de todos os outros e que, quando bem aproveitada, poderia ser um elemento favorecedor de fraternidade de extrema relevância, uma vez que serviria de motivo de aproximação, sendo cada vez mais “irmãos”, o Papa Francisco afirma que assiste ao crescente défice de solidariedade entre os homens e mulheres, bem como ao aumento das desigualdades sociais. O Sumo

⁹⁵ *Ibidem*, §5.

⁹⁶ Franciscus, “Occasione Diei Mundialis Pacis: «Fraternità, fondamento e via per la Pace»”, AAS 106 (2014), §1.

Pontífice, na Mensagem para as comemorações do Dia Mundial da Paz de 2014, reporta também o aumento da ocorrência de casos de injustiça social e constata que estes problemas tendem a expandir-se, porque o ser humano *esqueceu-se* de dinamizar a fraternidade.

Na boa nova que guardou para anunciar nesse dia 1 de janeiro de 2014, o Papa Francisco esclareceu que a fraternidade é o maior segredo para a Paz, mas que, ao contrário de muitos, este não é um segredo escondido ou que não se possa partilhar, mas antes, a capacidade de cada um admitir que somos todos irmãos.⁹⁷

Imbuído na senda e na necessidade de remir a fraternidade do *esquecimento* a que está votada, o Papa Francisco volta a evocá-la como tónica principal da sua Mensagem para a Paz do ano seguinte. Em 2015, o tema central do discurso comemorativo da paz é a irmandade global, essa grandiosa dádiva de Deus de nos ter tornado a todos seus filhos e, por isso, uma quase infinita família, que tem resultados práticos no perecimento do Humano subjogado e escravo: “já não escravos, mas irmãos”⁹⁸. Com vista a celebrar a paz, o Papa convida todos os recetores da sua mensagem a participarem no projeto de construção da família de Deus, fazendo eco de algumas passagens da Bíblia com vista a sustentar a importância da fraternidade e do conceito de irmandade, retirando mesmo da história de Abel e Caim uma lição de dispersão das desigualdades.⁹⁹

Nesta Mensagem para a Paz denominada “Já não escravos, mas Irmãos”, Francisco explica que a “rejeição do outro, maus-tratos às pessoas, violação da dignidade e dos direitos fundamentais, institucionalização de desigualdades”¹⁰⁰ resultam do facto do ser humano tender a afastar-se de Deus.

Da mesma forma, o Papa Francisco aborda o afastamento do Pai, a falta de fraternidade, para dar conta do facto de, durante longos períodos da História, ter existido:

“uma conceção da pessoa humana que admite a possibilidade de a tratar como um objeto. Quando o pecado corrompe o coração do Homem e da Mulher e o afasta do seu Criador e dos seus semelhantes, estes deixam de ser sentidos como seres de igual dignidade, como irmãos e irmãs em humanidade, passando a ser vistos como objetos. Com a força, o engano, a

⁹⁷ Cf. *Ibidem*.

⁹⁸ Franciscus, “Occasione XLVIII Diei Mundialis Pacis: «Iam non servi, sed fratres»”, AAS (107) 2015.

⁹⁹ Cf. *Ibidem*, §2.

¹⁰⁰ *Ibidem*.

coação física ou psicológica, a pessoa humana – criada à imagem e semelhança de Deus – é privada da liberdade, mercantilizada, reduzida a propriedade de alguém; é tratada como meio, e não como fim.”¹⁰¹

Tal concepção da vida humana só ocorre, porque o mundo está, muitas vezes, desprovido de fraternidade, pejado de muros que nos impedem de caminhar ao encontro da Paz.

3.4. O Cântico do Irmão Sol de São Francisco de Assis

Quando, na primeira parte deste primeiro capítulo, se apresenta a fraternidade nos seus momentos e contextos mais marcantes, não se referenciou o “Cântico das Criaturas”¹⁰², também denominado de “Cântico do Irmão Sol”, que São Francisco de Assis escreveu com a finalidade de louvar a Deus através das suas criações, como o sol, a lua, a terra e a água.¹⁰³ Todavia, neste ponto, faz-se justiça a este pequeno e humilde cântico que o fundador da Ordem Mendicante dos Frades Menores escreveu a Deus.¹⁰⁴

Eventualmente, o cântico em causa não constituirá um momento referencial na evolução da fraternidade, todavia merece ser analisado neste contexto. Por exemplo, o termo “irmão” repete-se três vezes e pela mesma quantidade lê-se o vocábulo “irmã”. No entanto, as variações de masculino e feminino da palavra que, etimologicamente, constitui a base da fraternidade tampouco se referem a seres humanos e, por isso, as analogias ao contexto não são reconhecíveis numa primeira e menos focada abordagem ao cântico.

Contudo, nesta obra de louvor a Deus, o “Cântico do Irmão Sol”, denota-se, efetivamente, um apelo à fraternidade. Depois de uma análise mais atenta das suas estrofes, é notório ao leitor que se está perante um texto da mais pura e alargada fraternidade.

¹⁰¹ *Ibidem*, §4.

¹⁰² O *Laudes Creaturarum* (Cântico das criaturas) ou, como é mais sobejamente conhecido, *Cantico di Frate Sole* (Cântico do Irmão Sol) é uma canção religiosa cristã composta por Francisco de Assis em 1224, quando já se encontrava de estado debilitado e a recuperar em San Damiano.

¹⁰³ Giovanni di Pietro di Bernardone, adotou o nome de Francisco de Assis (1182- 1226), sendo uma figura marcante do Cristianismo. É conhecido como o patrono dos animais e da Natureza.

¹⁰⁴ A Ordem mendicante dos Frades Menores (*Ordo Fratrum Minorum*, *O.F.M.*), reconhecida pelas denominações que remetem para o nome do seu fundador, Ordem de São Francisco; Ordem dos Franciscanos ou Ordem Franciscana, foi uma ordem religiosa instituída por São Francisco de Assis, em 1209, na cidade italiana de Assis.

Quando o contexto de estudo incide na temática da fraternidade, o que pensar de um poema que considera o sol, a lua e as estrelas, o vento, a água, o fogo, a terra e até a própria morte como “irmãos”? Em primeiro lugar, julga-se ler um “hino de ação de graças a Deus”¹⁰⁵, pelas maravilhas da Sua criação e percebe-se também, por meio destas e da sua simplicidade, o próprio Deus, em toda a sua onnipotência. Em segundo lugar, lê-se neste poema “um hino de esperança de que o Salvador há de transfigurar a criação por meio do espírito de paz e de reconciliação”¹⁰⁶. Nesta segunda leitura, a fraternidade tem cabimento, porque a paz e a reconciliação são os seus motes, os seus desígnios universais. Através da alusão sincera que Francisco de Assis faz à natureza, regista-se a importância desta para a nossa vivência comum, e, mais ainda, a simplicidade da partilha dos elementos da Natureza por todos os habitantes do mundo. O irmão sol, a irmã lua, o irmão vento, a irmã água, o irmão fogo e a mãe terra são a ‘*Casa comum*’ onde vivemos e esta, tal como o Pai celestial, é partilhada por todos. Que outra expressão maior pode sublinhar a máxima magnânima de Jesus de que somos todos irmãos em Deus?

Talvez a alusão que o Santo franciscano faz à irmã morte, também ela, na sua forma corporal, comum a toda a Humanidade, mas apenas igual na forma corporal, pois a segunda morte já não considera a todos. E Deus acolhe na sua graça os que se mostrem humildes - outra das condições de fraternidade.

Na Encíclica *Laudato Si*, o Papa Francisco reconhece no Santo de Assis a fraternidade plena a que nos reportamos quando afirma que:

“Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior.”¹⁰⁷

Numa alusão direta ao “Cântico do Irmão Sol”, o Papa Francisco lembra a paixão que São Francisco de Assis nutria pela natureza e reporta que “a reação de Francisco,

¹⁰⁵ Gérard Guitton, *Descobrir São Francisco* (Braga: Editorial Franciscana, 2006), 47.

¹⁰⁶ *Ibidem*.

¹⁰⁷ Franciscus, "Litterae Encyclicae «Laudato si» de Communi Domo Colenda," *AAS* 107 (2015), §10.

sempre que olhava o sol, a lua ou os minúsculos animais, era cantar, envolvendo no seu louvor todas as outras criaturas”¹⁰⁸. Para ele, continua o Pontífice, “qualquer criatura era uma irmã, unida a ele por laços de carinho. Por isso, sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe”¹⁰⁹. O objetivo maior da fraternidade volta a espelhar-se nesta reflexão do Papa, que coloca na relação fraternal o sentimento do carinho e a união pelo Amor.

Esta relação de afeto que o frade franciscano mantinha com a Natureza não tem, no entanto, “uma leitura retilínea”¹¹⁰, pois remete para o simbolismo da relação da Natureza com o seu Criador, que é, indubitavelmente, Aquele a quem o São Francisco mais admira e, também, explicita a adoção de comportamentos ecológicos por parte deste que mais uma vez são sublinhados no texto da Carta Encíclica *Laudato Si'*:

“Esta convicção não pode ser desvalorizada como romantismo irracional, pois influi nas opções que determinam o nosso comportamento. Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da Fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos.”¹¹¹

A partir do exemplo de São Francisco de Assis, perpetuado no cântico de louvor ao irmão sol e a todas as criaturas de Deus, percebe-se a analogia da admiração e do reconhecimento da obra de Deus em cada um dos aspetos da nossa Casa Comum e compreende-se o motivo pelo qual a nossa sociedade chegou ao aquecimento global. O homem e a mulher da atualidade já não olham para o meio ambiente com admiração e encanto e não têm por hábito empreender uma relação com o meio ambiente baseada na fraternidade nem espelhada na simples contemplação da beleza que a mãe Terra nos oferece. Existe o reconhecimento da beleza por parte da Humanidade globalizada, mas esta só é considerada (maioritariamente), quando pode ser traduzida em ganhos ou proveitos, seja na exploração desenfreada de recursos naturais, seja, por exemplo, na implementação de infraestruturas turísticas. O mundo globalizado só gosta dos *irmãos*

¹⁰⁸ *Ibidem*, §11.

¹⁰⁹ *Ibidem*.

¹¹⁰ Cf. Joaquim Cerqueira Gonçalves, *S. Francisco de Assis e a Ecologia* (Lisboa: Didaskália, 2001).

¹¹¹ Cf. Franciscus, «*Laudato si'*», §11.

comuns criados por Deus se deles puder tirar algum benefício. Por isso, o cântico escrito nos primórdios da Idade Média pelo Santo que se dirigia a todas as criações de Deus pela denominação “irmão” faz agora mais sentido do que nunca.

Síntese

A fraternidade, traduzida no seu conceito mais simples, reporta ao amor que os irmãos partilham entre si. Tantas vezes os irmãos se desencontram, tantas vezes entram em disputa, mas, quase sempre, quando um se encontra em apuros o outro apresenta-se para ajudar. Da análise etimológica efetuada ao conceito, como também da observação da sua multiplicidade de definições, surge a ideia que advém do senso comum, parecendo alcançar algumas correspondências, nomeadamente ao nível dos significados recolhidos no dicionário, onde a fraternidade foi dada a conhecer como uma realidade que alude ao parentesco entre irmãos.

Mas a fraternidade não pode ser reduzida a uma explicação de cariz tão simplista como esta, na medida em que se reveste de uma pluralidade de polissemias e tem encontrado concetualizações em diferentes áreas de atuação. A sua primeira abordagem concetual, que remonta ao tempo da Grécia Antiga, coloca-a no seio da família. Contudo, as famílias da fundação de Atenas eram também células da vida política ativa e, por isso, as relações fraternas constituíram-se, desde muito cedo, como pilar basilar de construção e desenvolvimento de sociedades.

Mais tarde, recodificada na Mensagem de Amor que Jesus difundiu, a fraternidade ganhou dimensão universal e passou a ser sinónimo de Amor e promotora de Paz no mundo. O papel de sustentáculo da Doutrina Social da Igreja inaugurado com a Boa Nova de Cristo não haveria de se perder jamais.

Ao contrário, a fraternidade clamada pela Revolução Francesa, dotada, finalmente, de um papel oficial e político, não haveria de vingar, nem ao período pós-revolucionário que se viu assim amputado no seu tríptico fundamentalista. Esta fraternidade foi *esquecida* para só vir a ser chamada, séculos mais tarde, a integrar o conceito de redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, onde ficaria fechada, votada ao esquecimento até agora. Os princípios que a ladearam na concretização dos ideais revolucionários franceses já com mais visibilidade do que ela, na própria

Declaração da ONU saltaram da Carta Magna para inspirar revoluções democráticas e cimentar textos constitucionais, mas a fraternidade, tal como Baggio veio afirmar, ficou *esquecida*. Terão os políticos e filósofos esquecido a fraternidade ou esta terá sido escondida por defender valores de união desprovida de interesse e ajuda universal que não são compatíveis com o mundo capitalista da atualidade, tal como não foram desejados pelos defensores dos sistemas de colónias e da escravidão dos séculos XVIII e XIX?

Como forma de suplantar a lacuna deixada pela fraternidade, institui-se o moderno conceito de solidariedade, que muitos interpretam como sinónimo de fraternidade e outros consideram ser apenas uma imagem fosca do “princípio esquecido”. De facto, a solidariedade, embora pressupusesse o apoio comunitário, impõe sempre a existência de uma linha vertical e requer papéis de força e de fragilidade aos seus atores.

Ainda que *esquecida* para alguns, a fraternidade continua a atravessar todas as linhas de orientação do Cristianismo, assumindo-se na sua transversalidade como fundamento de uma mensagem de Paz e Amor que incita à procura de um mesmo Pai comum em Deus. Talvez seja esta a fraternidade de que o mundo precisa para sobreviver aos desafios da globalização e das leis de mercado mundiais tão agressivas e fixadas no lucro, que se esqueceram da caridade. Com vista a tentar sublevar os valores da fraternidade e da caridade, o Papa Bento XVI exaltou-a na Encíclica *Caritas in Veritate*, promovendo a necessidade do seu enaltecimento global como prumo para uma economia favorecedora do bem comum.

Na ânsia de resgatar a fraternidade e de lhe dar voz ativa, o Papa Francisco dedicou-lhe as primeiras duas mensagens para a Paz que redige, em 2014 e em 2015, e instituiu-lhe o poder de construir a Paz.

No fim desta ampla abordagem ao conceito de fraternidade, o mesmo alarga-se à ideia de que o princípio não é só imprescindível nas relações humanas, mas também no cuidado a ter com todas as criaturas da Natureza e com o próprio planeta, que agora enfrenta sérias ameaças ambientais e climáticas. Numa analogia baseada a partir do sublime “Cântico do Irmão Sol” de Francisco de Assis, apela-se à convivência fraternal como meio de salvação do planeta face ao desejo desmesurado de realização de lucros que o mundo globalizado parece ter.

CAPÍTULO II – O CONTRIBUTO DE *O PRINCIPEZINHO* PARA A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE FRATERNIDADE

No prefácio à edição da obra *O Principezinho* de Antoine de Saint-Exupéry, reeditado pela Porto Editora em 2017, o escritor Valter Hugo Mãe compara a história do Principezinho e a forma como é contada com uma bula farmacológica. Alude ao caráter profilático das palavras, dos sentimentos e dos valores que o aviador, testemunha da segunda grande guerra, quis deixar às gerações futuras.¹¹²

Segundo este, “ler e reler *O Principezinho* é uma tarefa de felicidade”¹¹³, porque o livro “é uma reclamação de liberdade, um manifesto de dignidade que funciona pela sua simplicidade aparente. Feito de Filosofia, a maturidade do autor levou ao texto essa glória de verdadeiramente iluminar”¹¹⁴. Nesta descrição, encontra-se paralelo com a nossa própria interpretação da obra, mesmo que o sentido de observação entre os nossos olhos e os do escritor português tenham seguido direções diferentes. A luz que se procura no texto, que conta as aventuras de um pequeno menino de cabelos loiros em viagem interplanetária, visa iluminar a intenção oculta do autor de homenagear aquele valor que pautou a revolução do seu país quase cem anos antes do seu nascimento.

Ao longo de toda a obra, que a história da Literatura categoriza como infantil, o vocábulo fraternidade, na sua expressão direta, não aparece escrito nenhuma vez. No entanto, por várias ocasiões no enredo, o autor aponta-lhe significados e incorre em explicações dos mesmos e da sua importância. Tal acontece com o termo “cativar”, que se assume como elemento fulcral do enredo e tem direito ao maior dos capítulos da obra.¹¹⁵ A semântica de “cativar”, que se explora, no segundo ponto do presente capítulo, remete, na conceção positiva da palavra, para a construção da amizade, ou como muito melhor explicou a raposa ao principezinho: “criar laços”¹¹⁶. Ou seja, construir relações de fraternidade.

¹¹² Cf. Antoine de Saint-Exupéry, prefácio de *O Principezinho*, por Valter Hugo Mãe (Porto: Porto Editora, 2017), 5-6.

¹¹³ *Ibidem*, 5.

¹¹⁴ *Ibidem*, 6.

¹¹⁵ Cf. O livro *O Principezinho* está dividido em capítulos, terminado no capítulo XXVII. Alguns ocupam uma página, outros poucos mais do que uma página, contudo o capítulo XXI, onde se conta o encontro e os diálogos entre o Principezinho e uma raposa, que explica, primeiramente, o significado de “cativar”, conta oito páginas com desenhos incluídos.

¹¹⁶ Antoine de Saint-Exupéry, *O Principezinho* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2015), 65.

A compreensão deste processo, tão simples e eruditamente explicado por Saint-Exupéry, é um determinante contributo para a construção social da fraternidade, sobretudo, se as pessoas crescidas, assim apelidados os adultos pelo aviador-narrador da obra, o conseguirem ver. No entanto, e tal como também se perceberá a partir da interpretação do conceito de pessoas crescidas, em Saint-Exupéry, estas são incapazes de ver para lá daquilo que os seus olhos alcançam.

As pessoas crescidas vivem obcecadas pelo seu trabalho e parecem ter, como valor primordial, o dinheiro, por isso têm pouco tempo, ou mesmo vontade, para se dedicarem ao cuidado desprendido pelo outro. Não compreendem ainda, tal como o Príncipezinho veio a compreender, que só no cuidado, metaforizado na rosa, reside a verdadeira fraternidade.

A tarefa para esta compreensão, tão difícil a uma Humanidade repleta de vícios, cujos olhos se fecharam, não só ao Outro, mas também à nossa Casa Comum, que mais entende como instrumento de criação de valor financeiro do que como ninho de proteção e amor, passa pela colocação do ser humano no deserto, num espaço despojado do dinheiro que quer ter e do trabalho que o escraviza e o convida à reflexão. Nesse deserto, onde o aviador encontrou o Príncipezinho e onde ambos foram capazes de encontrar a água que lhes saciou a sede e que lhes fez bem ao coração, o ser humano pode, finalmente, entender que tudo o que o prende a essa relação de si para si e traz a Humanidade em constante sobressalto de guerras e miséria humana é supérfluo.¹¹⁷ Só no deserto onde nada se vê, as pessoas podem aprender que “o essencial é invisível aos olhos”¹¹⁸.

1. *O Príncipezinho* de Antoine de Saint-Exupéry

Nas contracapas das mais variadas edições da obra *O Príncipezinho* de Saint-Exupéry, a apresentação do livro ao futuro leitor faz-se de uma maneira mais ou menos parecida. Amiudadamente, a sinopse da história escreve-se num vocabulário simples, como se para crianças se falasse, pois, na verdade, o mundo que recebeu as mais de duzentas traduções desta obra, tornando-a num dos incontornáveis e incontestáveis

¹¹⁷ Cf. *Ibidem*, 79.

¹¹⁸ *Ibidem*, 70.

clássicos da literatura infantojuvenil. Nesta mesma sinopse, a resenha das aventuras do aviador, que encontra um pequeno petiz com cabelos cor de ouro no meio do deserto, tem sempre um maior cariz laudatório para com o único habitante do asteroide B 612 do que para com o pobre piloto perdido na areia com um avião avariado. Por via desse infortúnio, acaba por se transformar no narrador das aventuras interplanetárias do menino que vivia num planeta infestado de sementes de embondeiro.

Acontece n' *O Príncipezinho* o mesmo que em tantos outros livros de literatura infantil ou mesmo naquela que é escrita a pensar nos mais crescidos: o narrador é alguém que delicia o leitor com uma história encantadora; tem o seu papel, a sua importância, mas não é, ou quase nunca é, o protagonista. Se quisermos ver a obra de Antoine de Saint-Exupéry apenas na perspectiva da história desse maravilhoso encontro no deserto do Sara, a secundariedade do narrador não tem a mínima importância. Todavia, se a intenção for interpretar a obra nos valores que o autor nela plantou, então terá de se assumir que o narrador tem também um papel fundamental no enredo e que, sem ele, sem a sua vida e, sobretudo, sem o seu regresso à infância, nada do que hoje se lê nesta obra-prima da literatura francesa teria, sequer, chegado a ser escrito.

Antoine Jean-Baptiste Marie Roger Foscolombe de Saint-Exupéry nasceu em Lyon, na França, a 29 de junho de 1900. Foi o terceiro filho do conde Jean Saint-Exupéry e da condessa Marie Foscolombe, mas foi entregue, na infância, aos cuidados de uma tia que residia em Ambérieu. Esse, segundo se pode depreender a partir da significância dos escritos n' *O Príncipezinho*, terá sido o momento de captação dos valores e dos aspetos essenciais da vida, que, na angústia de uma guerra devastadora e no desespero de um exílio, que, muitos anos mais tarde, o afastam de todos os que ama, revive e subescreve metaforicamente como sendo o período mais feliz da sua vida.¹¹⁹

Foi, também, durante a infância, que Saint-Exupéry descobriu a paixão pela aviação, tendo feito o seu batismo de voo com apenas doze anos de idade. Por esta altura já era aluno do colégio jesuíta de Notre-Dame, em Mans, onde ingressou, em 1909, e onde se manteve até 1914, ano em que rebentava a Primeira grande Guerra Mundial. Ao deixar para trás a infância feliz e sem sobressaltos, Saint-Exupéry despede-se também da sua primeira escola e ingressa, com um dos seus irmãos, no colégio dos Maristas, na

¹¹⁹ Cf. Luis de Vega, "Tarfaya El desierto de Saint-Exupéry," consultado em 27 de março, 2018, http://www.abc.es/hemeroteca/historico-21-10-2007/abc/Domingos/tarfaya-el-desierto-de-saint-exupery_1641195002407.html.

Suíça, onde ficará até 1917. Por esta altura da sua vida, a “magia” escrita na obra, que o viria a consagrar, muitos anos depois, já se havia extinto e poderá ser esse um dos motivos que o fará voltar atrás no tempo, a um tempo em que o mundo seguiria sem grandes atrocidades ou perturbações sociais.¹²⁰

Não há registos biográficos devidamente confirmados que expliquem a opção profissional de Antoine de Saint-Exupéry pela aviação, mas, considerando o narrador de *O Príncipezinho*, a descoberta precoce da sua vocação terá resultado da constatação, ainda durante a infância, de que a sua imaginação não era compatível com o que os adultos eram capazes de compreender, a partir dos seus desenhos. Ainda antes de ter conhecido e de nos ter apresentado o seu protagonista, o aviador, preso no deserto do Sara, lança pistas da sua infância, da sua personalidade e das primeiras impressões, que os adultos, esses que agora faziam guerras e trucidavam multidões, lhe causavam. Eram os “crescidos”¹²¹ que o aviador foi aprendendo a compreender e a tolerar (“as crianças devem ser muito tolerantes para com a gente crescida”¹²²). “Nunca são capazes de compreender nada sozinhos”¹²³ e “adoram números”¹²⁴, para além de só acreditarem naquilo que lhes é dito, quando o portador das novidades se apresenta vestido “à europeia”¹²⁵.

Desde muito cedo, Saint-Exupéry percebeu que os adultos “nunca querem saber o essencial”¹²⁶ e são incapazes de imaginar a beleza. Se esta não lhes for apresentada em números: “se dissermos aos crescidos: “vi uma linda casa, com tijolos cor-de-rosa, gerânios nas janelas e pombas no telhado...”, eles não conseguem imaginar esta casa. É melhor dizer-lhes; “vi uma casa que custa cem mil francos.” Então aplaudem, entusiasmados: “mas que bonita!”¹²⁷.

Desde os seus primeiros anos, aqueles em que percebeu que a objetividade dos olhos das pessoas grandes é incapaz de perceber uma jiboia a comer um elefante, o autor de *O Príncipezinho* identificou, nos “crescidos”, o perigo dos embondeiros, mas o seu

¹²⁰ Cf. *Ibidem*.

¹²¹ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 8.

O autor dirige-se aos adultos como “crescidos”. Esta denominação parece ter uma importância simbólica na obra, dado que estes “crescidos” se apresentam como o oposto do pequeno que Antoine de Saint-Exupéry enfatiza, desde logo no título da obra e nome do seu protagonista: O Príncipezinho, bem como na casa onde o Príncipezinho vem, o seu planeta, que “era pouco maior do que uma casa”.

¹²² *Ibidem*, 18.

¹²³ *Ibidem*.

¹²⁴ *Ibidem*, 17.

¹²⁵ *Ibidem*.

¹²⁶ *Ibidem*, 18.

¹²⁷ *Ibidem*.

grito de alerta contra estas “ervas daninhas” ficou guardado para a narração do seu encontro com o pequeno e único habitante do asteroide B 612. Possivelmente, por ter encontrado na história de *O Príncipezinho* semelhanças cruéis com a vida do seu próprio planeta e por se ter apercebido de que o cuidado a ter para com a rosa vaidosa, que não pensa em mais nada do que em si própria, não é um problema exclusivo dessa criança que mora sozinha num pequeno planeta perdido no espaço.

O desenho mais perfeito de toda a criação pictórica do narrador/aviador de *O Príncipezinho* foi um grito impulsionado pelas atrocidades vividas nas duas guerras que viu o mundo fazer contra si mesmo e foi, de tal forma sonante, que o aviador se empenhou com todas as suas forças na ilustração destas árvores maldosas, que atravancam “o planeta inteiro. Perfura-o com as suas raízes. E se o planeta for demasiado pequenino, e se os embondeiros forem demasiado numerosos, fazem-no rebentar”¹²⁸. O planeta de Antoine de Saint-Exupéry é grande, o maior que o Príncipezinho já visitou, mas tem muitos, mesmo muitos, embondeiros e, por isso, está à beira da explosão.

No desenrolar da história que vai sendo contada em *O Príncipezinho* e, após a criação de um primeiro vínculo de amizade entre o aviador, que devido a uma avaria do seu avião se viu caído e perdido no deserto, e o rapazinho que caiu do céu, o leitor vai percebendo que, antes de chegar à Terra, o interlocutor do piloto perdido visitou um considerável número de planetas pequeninos. Em cada um dos planetas por onde passou, o Príncipezinho conheceu somente um único habitante e cada um destes personagens tinha características peculiares, com alguma similitude às figuras-tipo.¹²⁹

O residente do asteroide 325, por exemplo, era o Rei, mas não tinha súbditos, e todo o seu pequeno planeta estava ocupado pelo seu “magnífico manto de arminho”¹³⁰, de tal forma que o Príncipezinho teve de permanecer em pé, enquanto ouvia as ordens desnecessárias ou redundantes do monarca, que ditava ao sol que se pusesse à hora que se poria mesmo sem a dita ordem ou que ordenava ao Príncipezinho que bocejasse ou não quando lhe apetecesse.¹³¹

O autor da obra era também piloto das Forças Francesas Livres que lutavam com os aliados num esquadrão do Mediterrâneo aquando da Segunda Guerra Mundial.¹³² Certamente, a sua experiência de vida influenciou a narração desta história. É nesta

¹²⁸ *Ibidem*, 21-22.

¹²⁹ *Cf. Ibidem*, 34-35.

¹³⁰ *Ibidem*, 35.

¹³¹ *Cf. Ibidem*, 34-39.

¹³² *Cf. Luis de Vega*, “Tarfaya El desierto de Saint-Exupéry”.

primeira paragem da viagem do habitante do asteroide B 612 que se percebe, no encontro do petiz com o rei, a analogia aos muitos reis que o seu próprio planeta tem. Ainda que sejam reis com súbditos, a verdade é que para os reis e governantes do planeta Terra, tal como para o rei amigo do Príncipezinho, “o que mais importava (...) era que a sua autoridade fosse respeitada. Não tolerava desobediências”¹³³.

Num outro planeta, o segundo que conheceu, o viajante do espaço encontrou um homem vaidoso mesmo que por ali não houvesse mais ninguém que o pudesse admirar nem alimentar a referida vaidade. Incapaz de perceber as perguntas que o Príncipezinho lhe fazia, porque “os vaidosos só percebem elogios”¹³⁴, o habitante do asteroide 326 não cativou o único ser que o poderia vir a admirar.¹³⁵ A vaidade é uma característica humana aqui caricaturada pelo escritor. De facto, a formação humana e cristã do autor parece, também aqui, ter influência no narrador, que educa gerações com os seus ensinamentos.

Num novo planeta, há um bêbedo que bebia continuamente para esquecer que tinha vergonha de beber, fugindo à sua realidade e, de algum modo, a si mesmo. Saint-Exupéry estabelece, neste momento, um paralelismo com determinados adultos do mundo real, que sabem que estão a proceder de forma errónea e persistem no erro, apesar de terem vergonha de o fazer.¹³⁶

A quarta figura que o Príncipezinho juntou ao seu rol de conhecidos era, também, o único habitante do quarto planeta visitado. Todavia parecia ser, à primeira vista, um habitante diferente dos anteriores, mais empenhado no seu trabalho e muito ocupado com as suas tarefas, “muito sério, muito rigoroso”¹³⁷. O homem achava-se dono das estrelas, um grande homem de negócios, que, como dono que se preza, passava a vida a contar as suas propriedades. As estrelas, como explicou ao Príncipezinho depois da insistência curiosa do pequeno viajante, faziam dele um homem rico e dessa riqueza podia servir-se para comprar mais estrelas. Como sempre vira estrelas, desde o seu próprio asteroide e nunca as julgou propriedade de ninguém, o Príncipezinho quis saber quem dissera ao homem de negócios que era ele o dono delas e a explicação obtida foi surpreendente: “quando encontras um diamante que não é de ninguém, passa a ser teu. Quando encontras uma ilha que não é de ninguém, passa a ser tua. (...) Eu cá sou dono das estrelas porque

¹³³ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 35.

¹³⁴ *Ibidem*, 36.

¹³⁵ *Cf. Ibidem*, 39.

¹³⁶ *Cf. Ibidem*, 42.

¹³⁷ *Ibidem*, 45.

ninguém antes de mim se lembrou de as possuir”¹³⁸. Da lógica avançada pelo homem rico, o Príncipezinho foi levado a pensar que o seu interlocutor “tem um raciocínio parecido ao do bêbedo”¹³⁹. Da mesma forma, o protagonista da história de Antoine de Saint-Exupéry concluiu que a existência do homem rico tinha pouca utilidade: “Sou dono de uma flor (...) que vou regando todos os dias. Sou dono de três vulcões aos quais limpo a chaminé todas as semanas (...) É útil para os meus vulcões, é útil para a minha flor que eu seja dono deles. Mas tu não és útil às estrelas...”¹⁴⁰. Neste planeta, ficou claro, que o pequeno príncipe não encontrou uma relação entre o ter e o cuidar, tal como também o autor da obra não encontrava no seu próprio planeta e nos governantes dos países envolvidos no cenário bélico do contexto histórico da época. O Príncipezinho cria laços de amizade, ou mesmo fraternos, com a sua rosa, o que implica que ele seja responsável por cuidar dela. Ao passo que as pessoas, que criam uma relação de posse a algo ou alguém, colocam-se numa posição superior e, muitas vezes, acabam por não ser úteis ao outro. Este é um dos ensinamentos da obra para as relações humanas ou mesmo para uma ecologia integral.¹⁴¹

Num outro asteroide, o mais pequeno de todos, vivia um acendedor de candeeiros, que por não ser capaz de fazer mais do que obedecer a ordens, limitava-se a acender e apagar constantemente o mesmo candeeiro sem ter tempo para descansar. Incapaz de pensar por si próprio, o único habitante deste asteroide fez com que o Príncipezinho percebesse a tristeza daqueles que passam a vida a cumprir ordens, mesmo que estas os coloquem a fazer coisas que não gostem.¹⁴² Entre várias interpretações, haverá alguma probabilidade deste acendedor de candeeiros poder ser uma metáfora de determinado grupo social, como por exemplo, dos soldados que primem gatilhos e explodem bombas nas guerras no seu próprio planeta.

Obedecer cegamente a ordens no asteroide mais pequeno de todos era só inconveniente para o habitante do planeta. Já na Terra obedecer cegamente a ordens pode dar origem a proporções dantescas. Não será ao acaso que o único sítio onde o narrador encontrou a amizade foi no deserto.

O acendedor de candeeiros representa, possivelmente, as pessoas que não conseguem mudar a sua vida, que vivem para agir como máquinas, cumprindo

¹³⁸ *Ibidem*, 46.

¹³⁹ *Ibidem*.

¹⁴⁰ *Ibidem*, 47.

¹⁴¹ *Cf.* Franciscus, «Laudato si».

¹⁴² *Cf.* Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 51.

rotineiramente as suas tarefas diárias. Contudo, o narrador reconhece-lhe qualidades pelo facto de não pensar apenas no seu ego.

No último planeta visitado pelo Príncipezinho, antes de chegar à Terra, o viajante deparou-se com um geógrafo muito sábio que “sabe onde se localizam os mares, os rios, as cidades, as montanhas e os desertos”¹⁴³, mas que nunca saiu do seu escritório por ser “importante demais para andar por aí a deambular”¹⁴⁴. Isolado, o geógrafo, revelava uma atitude egoísta do homem fechado sobre si mesmo, preso a convicções fundamentadas na repetitividade e incapaz de ver para além daquilo que pensa, ou seja, inapto de descobrir novos caminhos para a felicidade. Por todos os pequenos planetas por onde passou, o Príncipezinho encontrou homens assim, demasiado presos a certezas infundadas e incapazes de criar laços, ficando solitários.

No planeta Terra, onde se contabilizam “cento e onze reis (...), sete mil geógrafos, novecentos mil homens de negócios, sete milhões e meio de bêbados, trezentos e onze milhões de vaidosos”¹⁴⁵, o Príncipezinho dá conta da sua pequenez, sobretudo ao descobrir que existem mais cinco mil rosas iguais à sua, aquela que lhe disse ser única e que sempre lhe exigia toda a atenção e cuidados, sendo, também, o motivo que o levou a sair do asteroide B 612. É na sua estadia na Terra que o protagonista da história de Saint-Exupéry se depara com as saudades que tem do seu planeta, alimentando as mesmas com as recordações que se estendem ao longo da narrativa e o levam a descobrir que o sentido da sua vida está lá, naquele espaço pequenino onde conhecia o sentido da felicidade, quando cuidava dos três pequenos vulcões e da rosa vaidosa.¹⁴⁶

Ainda que imerso em descobertas surpreendentes, o jovem curioso sente-se um príncipe desterrado, tal como se sentia o autor, longe da sua pátria e das pessoas que amava e, sobretudo, afastado da sua infância, daquele tempo em que, aos seus olhos, o universo era repleto de valores e de elementos essenciais à vida, e onde a guerra ainda não tinha acontecido. Naquele tempo em que ensaiava desenhos e projetava vir a ser aviador, Antoine de Saint-Exupéry conseguia perceber o que é belo, pois o seu olhar era puro, livre dos massacres e das dores da guerra. Através dessa visão, o autor extraía do mundo o que nele havia de mais verdadeiro. É a esse olhar que o autor volta quando se veste de piloto e se deixa aterrar no deserto com um avião avariado, para conhecer o

¹⁴³ *Ibidem*, 52.

¹⁴⁴ *Ibidem*.

¹⁴⁵ *Ibidem*, 56.

¹⁴⁶ *Cf. Ibidem*, 89.

viajante que veio do asteroide B 612 e lhe contou que na sua casa tomava conta de vulcões, combatia embondeiros e cuidava de uma rosa. É, neste momento, que se percebe a importância do papel da infância do autor na construção da obra, que, aparentemente, foi dirigida às crianças do mundo, mas está, também, repleta de mensagens e, sobretudo, recados para os mais crescidos.

Ao longo de toda a construção da narrativa das aventuras do Príncipezinho, Saint-Exupéry recorre ao mecanismo subtil de ir além das aparências para conseguir captar o significado nas pequenas coisas e nos atos mais simples, condensando e enriquecendo valores que a Humanidade parece ter esquecido. Na história da relação do Príncipezinho com a rosa, que nasce única e ativa no asteroide B 612 e que, no peso das suas exigências, acaba por motivar a partida do seu cuidador da sua própria casa. Inicia-se uma viagem insólita pela conjuntura planetária, sendo uma das principais mensagens que o autor quer fazer chegar à Humanidade.¹⁴⁷

Pode-se afirmar, neste contexto, que o escritor faz, nesta obra, um apelo ecológico ao cuidar da natureza, ao cuidado fraterno entre seres humanos, numa relação de igualdade entre pessoas e demais habitantes da Terra.

De facto, na história, a rosa que tão delicadamente era cuidada pelo pequeno habitante do asteroide B 612, não se mostrava agradecida pelos cuidados de que era alvo. Pelo contrário, exigia-os como que um direito adquirido pela sua beleza e singularidade. Cansado das demandas de vaidade e atenção da rosa e das suas histórias falaciosas, o Príncipezinho sai do seu próprio planeta e, chega mesmo, a conhecer cinco mil rosas iguais à sua, mas nenhuma dessas desperta em si o sentimento de saudade, que é exclusivo da sua.¹⁴⁸ É através dessa pequena e única rosa que o viajante aprende a identificar o sentido das pequenas coisas, percebendo que aquilo que os homens e as mulheres procuram “pode encontrar-se numa só rosa ou num trago de água...”¹⁴⁹.

A procura da água e a própria água adquirem determinado simbolismo nesta história. O Príncipezinho e o avião partem no deserto numa busca, à partida inglória, em busca de um poço de água. Esta procura com o coração faz com que se cativem mutuamente, que criem laços, que ajam de forma fraterna na demanda desse poço.¹⁵⁰ Neste episódio, relatado por Saint-Exupéry, em que o Príncipezinho e o avião

¹⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 28-34.

¹⁴⁸ Cf. *Ibidem*, 62.

¹⁴⁹ *Ibidem*, 79.

¹⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 76-79.

percorrem a pé o deserto na ânsia de encontrar um poço que lhes mate a sede, pode-se estabelecer uma analogia com a passagem do Evangelho de São João, onde se narra o diálogo de Jesus com a Samaritana. Nesta parábola, Jesus ensina o que é a água viva e declara que quem dela beber não “tornará a ter sede” (Jo 4,13). À imagem desse encontro e diálogo tão improvável entre uma habitante da Samaria e um Judeu e dessa mensagem de que não existem muros capazes de impedir a fraternidade entre os mais diferentes seres humanos, o narrador colocou, nas palavras do seu amigo, a compreensão da grandiosidade da sede e da importância de a saciar. Tal como no relato bíblico, também na narrativa de Saint-Exupéry “aquela água era mais do que um mero alimento. Nascera da caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço dos meus braços. Era boa para o coração, como uma prenda”¹⁵¹.

No episódio da água, bebida no poço que serve de palco ao mais sinistro encontro de todos os encontros que o Príncipezinho teve ao longo da sua viagem (aquele que o levou a conhecer a serpente que o mordeu para que se pudesse desprender do seu corpo e assim regressar para junto da sua rosa), consolidam-se, em definitivo, as palavras da raposa, uma outra amiga que o Príncipezinho conheceu no deserto e lhe explicou a importância de “cativar”, de “criar laços”.¹⁵²

A raposa, que, inúmeras vezes, é apresentada nos contos e fábulas como manhosa, ativa e, até, vaidosa, foi o animal escolhido pelo autor para representar um dos mais importantes papéis da história: o de ensinar ao Príncipezinho a diferença entre a sua rosa e as outras cinco mil que são exatamente iguais a essa. Ou seja, o de lhe ter demonstrado como e qual a importância de “cativar” o outro, fazendo dele especial entre os iguais, alguém por quem nos preocupamos, a quem damos tempo e atenção, porque estabeleceu laços conosco. As pessoas cativadas umas pelas outras precisam umas das outras e tornam-se únicas para quem as cativou.¹⁵³

Das lições sobre a importância de “criar laços” que a raposa lhe deu, o Príncipezinho percebeu que, apesar das suas características de personalidade, desses aspectos menos positivos como a vaidade e a exigência, a rosa que estava sozinha com os seus quatro espinhos, insuficientes para se proteger, no asteroide B 612, era diferente, porque o tinha cativado: “Mas ela, e só ela, é mais importante que vocês todas juntas,

¹⁵¹ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 79.

¹⁵² Cf. *Ibidem*, 65.

¹⁵³ Como afirma Antoine de Saint-Exupéry, “Aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”.

porque foi ela que eu reguei. Porque foi ela que eu abriguei dentro de uma redoma (...) Porque é a minha rosa”¹⁵⁴.

Nesta descoberta da importância de “criar laços”, o Príncipezinho assimila o maior de todos os segredos: que no ato de “cativar” a pessoa humana aprende-se a ver com o coração e “só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”¹⁵⁵.

A beleza dos ensinamentos desta obra influencia, ainda hoje, a construção das relações humanas e sociais. Não será por acaso que este livro faz parte do Plano Nacional de Leitura do Ministério de Educação, como leitura obrigatória no segundo ciclo do Ensino Básico, na disciplina de Português.¹⁵⁶

2. A semântica de “Cativar”

O ato de “cativar” destaca-se, nesta obra, como uma realidade fundamental nas relações humanas. Nesse sentido, inicia-se uma exploração da sua polissemia, para que haja uma melhor compreensão do uso desta palavra.

O vocábulo “cativar”, no dicionário Priberam, é apresentado numa pluralidade de interpretações, que, tanto apontam para o “encantar” e para o “seduzir”, como para o “reduzir a cativo”.¹⁵⁷ Curiosamente, esta significação é a primeira a ser exposta neste glossário. Nestes apontamentos semânticos referentes à palavra que a raposa tão bem expôs ao protagonista das aventuras contadas por Antoine de Saint-Exupéry, depreende-se uma polissemia contraditória no verbo “cativar”. Trata-se da evolução da palavra ao longo da história da Língua. De facto, à palavra “cativar”, o senso comum, prontamente, acrescenta a significação pressuposta ao encantamento e à sedução como à noção de “reduzir ou colocar em cativo”. Em quantas passagens da história da Humanidade, o ser humano fez e foi feito “cativo”, colocado em masmorras ou, como no tempo em que vivia o autor de *O Príncipezinho*, cativos em campos de concentração? Quantas vezes a semântica da palavra “cativar” foi expressa em atos atrozos do *eu* contra o *tu* e se

¹⁵⁴ *Ibidem*, 70.

¹⁵⁵ *Ibidem*.

¹⁵⁶ Cf. “O Príncipezinho,” Plano Nacional de Leitura, consultado a 3 de abril, 2017, www.planonacionaldeleitura.gov.pt.

¹⁵⁷ Cf. “Cativar,” Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, consultado em 6 de abril, 2018, <https://www.priberam.pt/dlpo/cativar>.

negligenciou o outro sentido da palavra, apresentado só na terceira interpretação que lhe é dada, após referir que este expressa o facto de “tornar cativo, reduzir a cativo” e “subjugar”?¹⁵⁸

Com raiz etimológica no termo latino *captivare*,¹⁵⁹ cuja sematologia também remete para a ideia de “tornar cativo”, o verbo “cativar” é explicado, quanto à sua significação, de forma muito similar ao Dicionário Online de Português.¹⁶⁰ Neste compêndio, onde, para além dos significados atribuídos à palavra também se apresentam os seus antónimos, a ideia de que “cativar” remete para a subtração da liberdade do outro fica explícita de forma ainda mais evidente do que no primeiro dicionário observado. Sob o ponto de vista das suas palavras antagónicas, “cativar” é o contrário de “libertar” ou “soltar”.¹⁶¹ Aqui, o significado de “cativar”, que expõe até exemplos concretos, é apresentado como “perder a liberdade: alguns agricultores cativaram animais selvagens”¹⁶².

No dicionário da Porto Editora, outra fonte que refere outra interpretação semântica para a palavra que melhor expressa o encontro da Raposa com o Príncipezinho, a exposição dos significados de “cativar” segue a mesma linha dos compêndios atrás referenciados.¹⁶³ De novo e na perspectiva de verbo transitivo, o vocábulo aponta para o ato de prender “tornar cativo”¹⁶⁴, “dominar” ou “reter”¹⁶⁵, sendo que também pode ser interpretado como ato de “ganhar a amizade de, seduzir, conquistar”¹⁶⁶, mas, apenas após a apresentação por ordem decrescente dos significados mais usuais, e, como já se constatou, mais negativos.

Partindo da evolução da palavra aparentemente antagónica e da percepção de que, muitas vezes, a semântica de “cativar” confere à mesma um carácter pejorativo, sublinha-se a importância do “cativar” no contexto da narrativa da obra *O Príncipezinho*, indagando-se acerca da intencionalidade da escolha do vocábulo por parte do autor. Terá Saint-Exupéry tido o propósito de “reinventar” a significação da palavra? De lhe devolver o seu verdadeiro significado? De fazer refletir acerca desta dupla e contraditória

¹⁵⁸ Cf. *Ibidem*.

¹⁵⁹ Cf. *Ibidem*.

¹⁶⁰ Cf. “Cativar,” Dicionário Online de Português, consultado em 6 de abril, 2018, <https://www.dicio.com.br/cativar/>.

¹⁶¹ Cf. *Ibidem*.

¹⁶² *Ibidem*.

¹⁶³ Cf. “Cativar,” Infopédia, Dicionários Porto Editora, consultado em 6 de abril, 2018, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cativar>.

¹⁶⁴ *Ibidem*.

¹⁶⁵ *Ibidem*.

¹⁶⁶ *Ibidem*.

semântica, que, por sua vez, pode ser a metáfora ou o espelho da interpretação que os homens e as mulheres fazem de si próprios?

No decorrer da sua viagem interplanetária, o Príncipezinho cruza-se com várias personagens, muitos são homens, mas foi uma raposa quem lhe ensinou o que queria dizer “cativar”. Uma raposa, um animal que as lendas, os contos infantis e o senso popular quase sempre a associam ao adjetivo matreira, manhosa. A raposa, que os habitantes do planeta Terra julgam ser animal de pouca confiança, é a porta-voz da semântica que Saint-Exupéry pretende para o vocábulo “cativar”. É a raposa que explica o quão erradas são as atitudes, as convicções humanas.¹⁶⁷ De algum modo, os dicionários referem-se à raposa como responsável pelo segredo da ligação entre o significante e o seu significado. Por que razão terá colocado o autor a explicação de “cativar” na voz de uma raposa? Talvez, para enfatizar os erros da Humanidade e embutir, na sua obra, a importância do discurso e da comunicação entre as pessoas.¹⁶⁸

A força da palavra que se expressa na passagem, onde a raposa ensina o Príncipezinho a “cativar”, remete-nos para a dialogicidade de Martin Buber, que, na obra *Eu e Tu*,¹⁶⁹ dá conta de que “a palavra falada endereçada a outro, o confrontante, é portadora de ser, por meio dela o homem realmente «existe»”¹⁷⁰. Segundo este filósofo, a palavra comporta a força criadora da relação e, por isso, o ato da fala, do uso concreto das palavras é o que mais aproxima o homem e a mulher do ato da criação divina.¹⁷¹

Ora, se as palavras, na sua semântica, podem servir de veículo à expressão de atos e sentimentos opostos, como pode a Humanidade realizar o seu verdadeiro encontro dialógico, aquele que Buber caracterizou como sendo o fenómeno inter-humano?¹⁷²

Na mesma certeza de que os termos devem ser bem conhecidos, distantes de interpretações antagónicas, Saint-Exupéry coloca a raposa a explicar de forma detalhada o significado de “cativar”. Antes mesmo de dizer ao Príncipezinho que a palavra significa “«criar laços»”¹⁷³, a raposa lembra ao seu interlocutor que o termo “é uma coisa muito esquecida”¹⁷⁴. Está, aqui, a sublinhar a ideia de que os habitantes do planeta Terra

¹⁶⁷ Cf. Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 64-70.

¹⁶⁸ Cf. *Ibidem*.

¹⁶⁹ Cf. Martin Buber, *Eu e Tu* (São Paulo: Centauro, 2008).

¹⁷⁰ Newton Aquiles Von Zuben, “A Questão do Inter-humano: uma releitura do Eu e Tu de Martin Buber,” *Síntese* 111 (2009): 95.

¹⁷¹ Cf. António Sidekun, *A Intesubjetividade em Martin Buber* (Porto Alegre: Escola Superior de Teologia S. Lourenço de Brindes, 1979), 15-18.

¹⁷² Cf. Buber, *Eu e Tu*, 6.

¹⁷³ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 65.

¹⁷⁴ *Ibidem*.

deixaram de ter tempo para a construção da relação essencial, que só se consegue através do diálogo e este, por sua vez, só resulta após o encontro.¹⁷⁵ Ou seja, através do reforço da semântica de “cativar” para a expressão “criar laços”, o viajante interplanetário parece aproximar-se do pensamento de Buber, ainda que de forma involuntária.¹⁷⁶ Tendo-lhe sido explicado, de forma diferente da do filósofo austríaco, autor do conhecido ensaio sobre a existência *Eu e Tu*,¹⁷⁷ que para se “criar laços” “é preciso ser muito paciente (...) é preciso ter rituais (...) aquilo que torna certos dias diferentes dos outros dias”¹⁷⁸.

Neste ritual de paciência, donde derivam os laços entre as pessoas, que a raposa ensinou ao Príncipezinho, depreende-se a construção de uma relação entre o Eu e o Tu e subentende-se que só dessa construção é possível a criação do sentimento do amor, sendo que este, tal como explicado por Martin Buber, não está no Eu, nem no Tu, mas na esfera do inter-humano, só podendo ser construído através do diálogo.¹⁷⁹

É o amor que nasce da criação de laços, que deriva do esforço de “cativar”, que a raposa descreve como essencial, quando refere que “o essencial é invisível aos olhos”¹⁸⁰, o mesmo essencial que Buber declarou ser “vivido na presença”¹⁸¹.

Se, na obra de Buber, é exigido ao leitor um esforço complementar de interpretação e compreensão da dinâmica relacional da Humanidade e da importância de se compreender o facto de que somos um Eu, porque temos um Tu com quem nos relacionar, na exploração do termo “cativar”, a simplicidade parece ter pontos comuns. Não existirá amor, se os seres humanos não dotarem as suas vidas de dinâmica dialógica, se não se derem ao trabalho de cuidar, comunicar com o outro e se não se entenderem nas palavras, a única via capaz de conduzir à fraternidade humana.

¹⁷⁵ Cf. Buber, *Eu e Tu*, 32.

¹⁷⁶ A sugestão da relação existente entre a explicação do “cativar” de Saint-Exupéry e a obra de Martin Buber é uma aferição da autora do presente Relatório, não tendo sido encontrada qualquer prova documental que leve a afirmar com certeza esta intencionalidade por parte do autor de *O Príncipezinho*. A constatação evidenciada surge apenas em traçar uma linha causal na relação entre dois sujeitos pressuposta para a criação de laços de Saint-Exupéry e a relação do “eu” e “tu” em Martin Buber.

¹⁷⁷ A obra *Eu e Tu*, ensaio Filosófico sobre a existência humana que ficou reconhecido como a maior obra do Filósofo austríaco Martin Buber. A publicação original da obra ocorreu em 1923.

¹⁷⁸ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 68.

¹⁷⁹ Cf. Cynthia Helena Chaves Oliveira, “Filosofia Contemporânea: reflexões sobre os dias atuais,” *Inter Espaço 4* (2001): 212.

¹⁸⁰ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 70.

¹⁸¹ Buber, *Eu e Tu*, 15.

3. As pessoas crescidas

O Príncipezinho vivia sozinho no asteroide B 612. É certo que tinha três vulcões e uma rosa, que lhe fazia companhia, mas a verdade é que não conhecia pessoas crescidas. Ele, que era um rapazinho pouco mais pequeno do que o planeta onde vivia, nunca tinha visto pessoas crescidas e só as conheceu quando deu início à sua viagem interplanetária.¹⁸² As primeiras pessoas crescidas que conheceu viviam sozinhas e todas elas, desde o rei, o vaidoso, o bêbedo, o homem de negócios, o acendedor de candeeiros e o geógrafo, aos olhos do Príncipezinho, são efémeras. Esta é a perspectiva do velho sábio que assinalava oceanos e montanhas nos seus registos, mas que nunca tinha saído da sua secretária para ver as realidades que escrevia.¹⁸³ De facto, as pessoas crescidas que viviam sozinhas em cada um dos planetas, por onde o Príncipezinho passou, estavam ameaçadas de “desaparecimento próximo”¹⁸⁴.

Estas pessoas crescidas e solitárias pareciam viver e realizar tarefas sem sentido, no entender do pequeno viajante.¹⁸⁵ Ideia com que tinha ficado das futilidades da vida do rei, do vaidoso, bem como da incongruência da forma de pensar do bêbedo ou da maneira de agir do acendedor de candeeiros. Estas formas de ser, estar e fazer causaram, ainda, mais impacto na impressão do rapazinho loiro, quando, na Terra, percebeu estar junto de muitas pessoas crescidas, que não estão sozinhas, mas que não são mais do que elementos de uma “galeria de retratos de vaidade, da nulidade, da incapacidade total de amar seja quem for para além de si mesmo”¹⁸⁶. Esse “caleidoscópico de egocentrismo desconchavado onde cada um mora no seu planetazinho particular, a anos-luz dos outros homens, de toda a humanidade”¹⁸⁷ não foi colocado perante o Príncipezinho de forma direta, pois quem teve melhor impressão da verdadeira natureza dos adultos, foi o aviador.

Na verdade, o Príncipezinho, durante a sua permanência no planeta Terra, contactou com o próprio narrador, e com outros seres humanos que não lhe deixaram a melhor imagem do planeta azul. Ainda assim, esta perspectiva não era tão óbvia como a que o aviador tinha em relação aos adultos, que ficou profundamente marcado pelo

¹⁸² Cf. Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 34.

¹⁸³ Cf. *Ibidem*, 51-65.

¹⁸⁴ *Ibidem*, 54.

¹⁸⁵ Cf. *Ibidem*, 70.

¹⁸⁶ Eugen Drewermann, *O Essencial é Invisível: Uma leitura psicanalítica de O Príncipezinho* (Braga: Círculo de Leitores, 2001), 23.

¹⁸⁷ *Ibidem*.

episódio da jiboia. Quando era criança, fez o desenho de uma jiboia a comer um elefante e foi levado a escolher uma profissão completamente diferente do que queria ser, devido à falta de imaginação dos crescidos e da incapacidade destes de compreenderem, para além do que os olhos veem.¹⁸⁸

As outras duas pessoas crescidas que o Príncipezinho conheceu no planeta Terra deixaram ao viajante um misto de sensações referente à maioria dos habitantes humanos do planeta, nomeadamente o facto de serem confusos e ignorantes em relação àquilo que procuram. Para além disso, andam sempre com muita pressa, muito ocupados sem saberem muito bem o lugar onde querem estar.¹⁸⁹ Estas perceções sobre o mundo dos adultos foram transmitidas ao menino curioso pelo agulheiro da linha férrea e pelo comerciante que se dedicava a vender “comprimidos com fórmula melhorada, para matar a sede”¹⁹⁰.

No diálogo travado com este audaz capitalista, o Príncipezinho aprendeu que as pessoas crescidas valorizam o dinheiro e, na ânsia de inventarem maneiras que lhes permitam ganhar cada vez mais, tal como o contador e dono das estrelas que vivia isolado num dos planetas por onde tinha passado, tornam-se incapazes de compreender o significado da verdadeira grandeza e/ou sentido da vida.¹⁹¹

O dinheiro parece ser, de facto, um dos maiores problemas das pessoas crescidas, aos olhos do Príncipezinho. Perante esta “tendência furiosa para tudo transformar em cifrões”¹⁹², os adultos perdem a noção de que nem tudo se pode comprar com o mesmo, “por exemplo, comprar um amigo ao mercador”¹⁹³.

O protagonista da história de Saint-Exupéry conhece uma pessoa crescida que, às voltas com uma avaria no seu avião aterrado em pleno deserto, mais se assemelha a uma criança.¹⁹⁴ O aviador não é igual à maioria dos adultos. De facto, como em muitos pontos da narrativa se pode comprovar, ele, ou volta amiúde aos seus tempos de infância ou ainda vive naquela infância, em que tinha de estar constantemente a dar explicações aos mais velhos. Certamente, não foi despropositado o facto de o autor da obra começar por narrar as suas aventuras, enquanto aviador, colocando-se nos seus tempos de infância e dando conta das suas primeiras impressões, que, como pessoa, teve do mundo dos adultos. Há,

¹⁸⁸ Cf. Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 7-8.

¹⁸⁹ Cf. *Ibidem*, 8.

¹⁹⁰ *Ibidem*, 73.

¹⁹¹ Cf. Drewermann, *O Essencial é Invisível*, 28.

¹⁹² *Ibidem*, 29.

¹⁹³ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 76.

¹⁹⁴ Cf. *Ibidem*, 9.

também, na sua obra o registo, que, ao longo da sua vida, viveu “bastante entre os crescidos. - Observei-os de muito perto”¹⁹⁵, e não conseguiu, em todo esse tempo, melhorar “grandemente a minha opinião acerca deles”¹⁹⁶.

Face a esta desilusão sublinhada para com as pessoas crescidas, o aviador coloca toda a ênfase possível no seu encontro com o Príncipezinho. Esta criança, sobre quem recaem muitas responsabilidades, tal como acontece com os adultos, mostra-lhe que vê o mundo para lá daquilo que os olhos são capazes de ver.

O Príncipezinho, constantemente preocupado em cuidar da sua rosa, que é frágil, mas vaidosa e exigente, próximo do final da história não tem outra solução senão deixar-se picar pela serpente e, assim, conseguir voltar ao seu asteroide.¹⁹⁷ O seu ato de altruísmo é uma bela e pura demonstração de alteridade, dessa “responsabilidade incondicional e irrecusável não só pelo Outro, mas também por todos os outros”¹⁹⁸, que é absolutamente antagónica, relativamente ao modo de estar e de viver do homem de negócios e do vendedor de comprimidos que servem para matar a sede.

As pessoas crescidas que o Príncipezinho conhece nos planetas por onde passa antes de chegar à Terra são, agora, que interpretamos a obra sob o ponto de vista do seu escritor, figuras caricaturadas das pessoas crescidas que vivem no maior dos planetas visitados. E, se a crítica mordaz acerca da sua obsessão pelo dinheiro já não bastasse, percebe-se que a percepção do viajante vê, nestes crescidos, ainda mais e piores defeitos, como o da obsessão pelo trabalho, donde resulta a falta de “tempo para viver”¹⁹⁹ e a falta de tempo para estar com os outros. A expressão máxima destas pessoas crescidas, que deturpam o sentido do dever e da fidelidade, é apresentada na figura do acendedor de candeeiros, um homem que não tem nome nem história e se confunde, ou melhor, se funde, com a sua profissão.

Muitos dos adultos hodiernos vivem em função do trabalho. O cumprimento das suas funções profissionais ultrapassa em larga escala essa função, que lhe era inata, de provir meios para a satisfação das suas necessidades básicas.²⁰⁰

¹⁹⁵ *Ibidem*.

¹⁹⁶ *Ibidem*.

¹⁹⁷ *Cf. Ibidem*, 88.

¹⁹⁸ Juliano Costa e Renato Caetano, “A concepção de alteridade em Lévinas: Caminhos para uma Formação mais Humana no Mundo Contemporâneo,” *Revista Eletrónica Igarapé* 3 (2014): 195, consultado em 15 de abril, 2018, <http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/viewFile/861/865>.

¹⁹⁹ Noção retirada da ideia de “duração real” afeta à filosofia de Bergson (1859-1941) e expressa na obra *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, de 1889.

²⁰⁰ Ideia filosófica de que o trabalho se apresenta e serve de meio para capacitar os seres humanos a obterem meios (dinheiro) para alimentação, habitação e lazer (Karl Marx; Jonh Lock; Foucault; e outros).

O trabalho caricaturado nessa figura que se quer exímia no que realiza, mas odeia as suas funções e não consegue encontrar tempo para dormir entre o acender e o apagar do candeeiro, é, nesta Terra de pessoas crescidas, símbolo de reconhecimento social e a expressão máxima do erro de interpretação do essencial. De algum modo, o trabalho absorve, não torna visível, aquilo que os olhos jamais podem ver, o essencial da vida.

O trabalho, de certa forma, nesta linha de pensamento, pode-se afirmar que aniquila a alteridade²⁰¹ e impede as pessoas crescidas de perceberem o verdadeiro sentido da responsabilidade: “O Eu diante do Outro é infinitamente responsável”²⁰².

Indo de encontro a uma outra interpretação de responsabilidade, aquela que Jesus apontou para o ser humano, o trabalho, o dinheiro e todos os vícios identificados pelo Príncipezinho na sua viagem, anulam a fraternidade humana, pois as pessoas que não têm tempo para si, jamais conseguem direcionar os olhos para reconhecerem o seu verdadeiro Eu no coração dos Outros.

4. O cuidar da rosa

“- Como és bonita!

- Pois sou – respondeu a vizinha da flor.

- E nasci ao mesmo tempo que o sol.

O príncipezinho percebeu logo que ela não era propriamente modesta...

Mas era tão encantadora!

- Acho que são horas do pequeno-almoço – apressou-se ela a lembrar. – Se quiseres ter a amabilidade de pensar em mim...

O príncipezinho, todo atrapalhado, foi logo a correr buscar um regador com água fresca e serviu a flor.”²⁰³

Depois da água com que alimentou a rosa vaidosa, o Príncipezinho também haveria de vir a arranjar-lhe uma redoma para a cobrir todas as noites, a fim de evitar que se constipasse com as aragens mais frescas. A rosa não era uma flor de trato fácil, mas,

²⁰¹ Aqui entendida segundo a percepção da ética da Alteridade de Lévinas (1906-1995), como o Eu que tem responsabilidade para com o Outro.

²⁰² Emmanuel Lévinas, *Humanismo do outro homem* (Petrópolis: Vozes, 1993), 53.

²⁰³ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 29-30.

apesar das particularidades da sua personalidade, o seu cuidador nunca lhe descurou o seu bem-estar. Mesmo afastado, em viagem pelo universo, pensava nela, como se encontraria e tinha noção da necessidade de regressar para retomar-lhe os tratos.²⁰⁴

A história do encontro, no deserto, entre o aviador e o habitante do asteroide B 612, parece ter um ponto central, mais profundo do que o do relato da amizade entre os dois protagonistas. Este momento não só lhes reforça a amizade, mas dá a entender ao leitor o seu verdadeiro sentido: esse que está para lá do que os olhos veem, mas que não se alcança sem que exista cuidado. Para se ser amigo é preciso “cativar” e para se “cativar” é preciso dar cuidados. É esta a mensagem que Saint-Exupéry escreve com tinta de limão,²⁰⁵ numa amarga alusão à despreocupação e à falta de esforço da Humanidade, e que, apenas pode ser revelada, quando a leitura das suas intenções e das descobertas do Príncipezinho se fizerem com os olhos plenos de luz.²⁰⁶

O cuidar da rosa do Príncipezinho, a sua constante preocupação para com a flor, que apenas tem quatro espinhos para se defender, coloca-se na narrativa da obra que se traz em análise como um alerta para a necessidade do cuidar do outro e do cuidar da nossa casa.²⁰⁷

Na análise traçada por Drewermann à obra *O Príncipezinho*, o autor sugere uma analogia, criada, na sua opinião, intencionalmente por Saint-Exupéry, entre a rosa e a sua mãe.²⁰⁸ Assim, a rosa, que se entende como fulcral na história, é, de certa forma, metáfora do cuidado. Se, por um lado, exige e demanda cuidados, por outro, é espelho da maior e mais responsável de todas as cuidadoras: as mães, que cuidam incondicionalmente os filhos e os ensinam a amarem os seus irmãos.

A mãe, no mundo das pessoas crescidas, pode ser entendida como a figura mais próxima da realidade de fraternidade, porque é a origem dos irmãos e é, também, a primeira instrutora do magistério do amor.

O Príncipezinho, no seu périplo pelo universo, decide conhecer a Terra e, coincidentemente, ou não, acaba por passar a maior parte do tempo que está neste planeta num deserto, onde a vida animal e a flora se perdem para dar lugar a uma imensidão de areia seca. Viaja, deixando a sua rosa sozinha, em parte devido à sua dileção pelo cuidado.

²⁰⁴ Cf. *Ibidem*, 29.

²⁰⁵ Metáfora criada a partir de uma alusão à forma de escrever com tinta invisível.

²⁰⁶ Na sequência da mesma metáfora, para se ler com tinta de limão é preciso colocar o texto escrito sob a luz de uma vela.

²⁰⁷ Cf. Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 30.

²⁰⁸ Cf. Drewermann, *O Essencial é Invisível*, 71.

De facto, ao recordar-se a passagem da história em que se despede da rosa, pode-se ler que “apesar de toda a boa vontade do amor, começou a duvidar dela”²⁰⁹. Todavia, na distância dos dias afastados da rosa que exigia água todos os dias ao pequeno-almoço e uma redoma para se proteger do frio todas as noites, o sentido do cuidado que sempre norteava a sua estada no asteroide, que era a sua casa, começou a falar mais alto e a vontade de voltar para cuidar da rosa chamava-o a retornar. No percurso da sua viagem e na história dos seus encontros, com os habitantes solitários dos primeiros planetas, com o aviador, com a raposa, com a serpente e com as cinco mil rosas iguais à sua, o Príncipezinho percebeu que: “não devia ter-me enfurecido! Devia ter reconhecido a doçura por trás das suas pobres artimanhas”²¹⁰.

Ao cuidar da rosa poder-se-á estabelecer um relativo paralelismo com a responsabilidade pelo Outro de Lévinas. Para o jovem príncipe, a sua rosa é única em relação às demais e ele é responsável por ela. Para o autor, subentende-se a responsabilidade pelos seus amigos. O cuidado, em Lévinas, tem outros contornos, somos responsáveis pelo Outro, provavelmente num sentido mais global. Já o cuidado pelo outro e a responsabilidade pelo outro parece adquirir o seu expoente máximo na perspectiva cristã, no mandamento do amor, nas palavras de Jesus “Dou-vos um mandamento novo: Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo, 13, 34). Esse amor que faz a Humanidade filha de Deus e estabelece as relações de fraternidade à luz do Cristianismo.

Todavia, se associarmos a rosa à infância do autor, ainda afastada de todas as imperfeições do mundo dos adultos (O Príncipezinho cuida da Rosa antes de visitar outros planetas, que têm uma figura-tipo a representar os defeitos humanos), o solicitar de cuidados por parte desta, parece remeter o narrador para a necessidade de cuidar do outro, independentemente de quem ele é. Esta analogia parece fulcral para entender este livro como um contributo para a construção social do sentido de fraternidade humana. Fraternidade numa relação de igualdade entre pares e não solidariedade numa relação de superior-inferior.

Cuidai para o bem-estar dos outros mesmo que esses outros não vos pareçam, a um primeiro olhar, dignos do vosso cuidado, cuidai porque eles são vossos irmãos e aquilo que os vossos olhos não veem, o essencial invisível, está na descoberta da vossa

²⁰⁹ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 31.

²¹⁰ *Ibidem*.

fraternidade: poderá ser este o apelo, aqui conjecturado, que esta interpretação retira da mensagem que Saint-Exupéry escondeu nas pétalas da rosa vaidosa.²¹¹

O cuidar da rosa, enquanto eventual símbolo de regresso à infância, parece remeter inevitavelmente o leitor para a mãe do escritor.²¹² Não se pode confundir autor, com narrador, aviador com Príncipezinho. Contudo, atendendo à vida e obra do autor, percebe-se que a sua mãe ocupou um lugar essencial na sua vida.

A mãe (simbolizada na rosa) cuida dos filhos como cuida do lar, com amor. A mãe sabe que uma casa bem cuidada e asseada é o primeiro dos passos para a construção das boas relações e da partilha de cuidados, que conferem harmonia ao contexto familiar. A fraternidade torna-se uma construção mais sólida, quando a casa que a alberga, tem pilares consistentes e espaços bem cuidados. Por isso, a mensagem do cuidar da rosa do Príncipezinho estende-se dessa relação a todas as parcelas da existência humana, no planeta Terra.

Recorde-se, brevemente, os cuidados que o Príncipezinho dava à sua própria casa: limpava os vulcões, mesmo o que já estava extinto, e cuidava de arrancar todos os embondeiros, sublinhando, nas suas tarefas, “uma questão de disciplina (...) quando acabamos de nos arranjar, logo pela manhã, é preciso ir arranjar o planeta, com o mesmo cuidado”²¹³. Era imperioso para o Príncipezinho que as “sementes más de ervas más”²¹⁴ fossem eliminadas antes de crescerem, pois “se um embondeiro for detetado tarde demais, já ninguém consegue livrar-se dele. Atravanca o planeta inteiro. Perfura-o com as suas raízes. E (...) fazem-no rebentar”²¹⁵. Assim, sem cuidado, e tal como o asteroide B 612, também o Planeta Terra, a nossa Casa Comum, corre riscos de sustentabilidade, se lhe faltarmos com o cuidado, se não for tratada de forma equilibrada.²¹⁶

Leonardo Boff, na sua obra *Saber Cuidar*, sublinha a ideia de que o cuidado representa a nossa forma de ser e estar no mundo.²¹⁷ E por ele, a atual perspetiva que o ser humano tem em relação à Natureza e aos objetos é transformada. Passa-se da visão relacional sujeito-objeto para um novo grau de ligação com o planeta que nos coloca na linha sujeito-sujeito, face às realidades cuidadas.²¹⁸

²¹¹ Interpretação da autora, partindo da obra de Eugen Drewermann, *O Essencial é Invisível*, 71-90.

²¹² Cf. *Ibidem*.

²¹³ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 22.

²¹⁴ *Ibidem*, 21.

²¹⁵ *Ibidem*, 21-22.

²¹⁶ Cf. Franciscus, «Laudato si!».

²¹⁷ Cf. Leonard Boff, *Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra* (Petrópolis: Editora Vozes, 2004).

²¹⁸ Cf. *Ibidem*, 95.

Tal como Boff expressa, na sua filosofia do cuidado, o cuidar das ‘coisas’ implica a criação de uma ligação de intimidade com elas, pressupõe que as sintamos, que as possamos acolher e, sobretudo, respeitar: “Cuidar é entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele”²¹⁹. Este ser-no-mundo emanado da filosofia do *Saber Cuidar* oferece aos cuidadores uma perspectiva de vida contrária à visão utilitarista que, hoje em dia, tanto caracteriza o ser humano egocêntrico.²²⁰ Esta ética do cuidado propõe, então, a percepção do valor das coisas em si mesmas, tal como o Príncipezinho foi capaz de ver o valor da rosa. Nesta linha, há esperança de que a Humanidade seja capaz de tratar das relações humanas e das relações com a Natureza.

O cuidar da rosa do Príncipezinho, o *Saber Cuidar* de Boff e a encíclica do Papa Francisco aos habitantes da Terra²²¹ parecem ter um ponto comum: a simbologia materna do ato de cuidar. Somente quando as pessoas crescidas souberem cuidar dos outros e da Terra, como forma equilibrada de ser e estar na vida, só aí se pode atingir uma fraternidade global, onde todos os olhos finalmente conseguem ver e sentir o essencial.

5. A sabedoria do deserto

Ao longo da sua viagem, o Príncipezinho pisou uma terra, que se encontra preenchida de pessoas crescidas e, simultaneamente, um lugar onde prevalece a solidão. Talvez por isso, este lugar seja identificado como o deserto. A referência ao deserto, na obra de Antoine Saint-Exupéry, aponta, possivelmente, para um deserto de seres humanos.²²² Este lamento, por parte do narrador, pode remeter para o “símbolo religioso de renovação da vida, para um novo começo”, pois foi em pleno deserto que o Príncipezinho descobriu “a mais pura figura deste desejo”²²³. À luz da Bíblia, o deserto é a procura da verdade divina. Logo, não simboliza apenas um momento da vida interior (deserto interior de Saint-Exupéry), como também pode ser entendido como o lugar eleito do encontro de Deus, privilegiando o silêncio e a solidão.²²⁴

²¹⁹ *Ibidem*, 96.

²²⁰ *Cf. Ibidem*, 92-97.

²²¹ *Cf. Franciscus*, «Laudato si».

²²² *Cf. Drewermann*, *O Essencial é Invisível*, 42.

²²³ *Ibidem*, 42-43.

²²⁴ *Cf. Ibidem*, 125.

Falar do deserto, neste contexto, é falar, naturalmente, do Norte de África, local que o narrador calcorreou. Saint-Exupéry conhece, indubitavelmente, as capacidades, o mistério que este deserto dispõe para limar o ser humano, no sentido de o tornar mais puro, mais capaz de identificar e valorizar o essencial. Portanto, o deserto do Sara, com sabedoria, vai “roendo todo o supérfluo, a casquinha, o excesso de gordura, decapando-o com jatos de areia, como um alquimista”²²⁵. O deserto parece, aqui, adquirir uma função formadora.

Ainda que desprovido de seres humanos, os poucos que passam pelo deserto assumem que a Natureza será o único elemento capaz de responder a alguma solicitação sua, havendo, assim, necessariamente, a urgência de confiar em Deus. Portanto, toda a privação e despojamento impõe a valorização de, por exemplo, de uma gota de água e a entrega integral da vida em prol do outro.²²⁶ Assim, pode dizer-se que o deserto funciona como uma fonte de ensinamento, de modo a valorizar-se justamente as mais pequenas coisas. Nas palavras de Saint-Exupéry, o deserto é apresentado como a última oportunidade que o ser humano tem de continuar a ser humano numa vida que se encontra desertificada.²²⁷

Na perspectiva de Saint-Exupéry, o fundamental para o ser humano não é saber do que viver, mas antes saber “para o que é que vive”²²⁸. Efetivamente, este objetivo é que confere essência à vida, porque implica a ligação de diferentes sentidos, que são invisíveis aos olhos.

No desenrolar desta obra, o Príncipezinho encontra a serpente. Este elemento da narrativa acrescenta mais simbologia ao deserto. A serpente remete para um caminhar para a verdade e para a morte, o que, de algum modo, implica que o viajante que atravessa o deserto deva fortalecer a capacidade de aceitar a morte, o término da vida terrestre.²²⁹

Ao aproximar-se das pessoas, quando chega à Terra, o Príncipezinho repara que é posto em questão, na medida em que se alega que não é possível viver sem algo que é verdadeiramente fundamental e precioso para si. A rosa, no seu pequeno planeta, era para o Príncipezinho esse bem único. Contudo, ao encontrar cinco mil rosas, sente-se confuso, pois o essencial é saber se realmente a sua rosa é única. Na verdade, esta necessidade de

²²⁵ *Ibidem*, 43.

²²⁶ *Cf. Ibidem*, 43.

²²⁷ *Cf. Ibidem*, 43.

²²⁸ *Ibidem*, 44.

²²⁹ *Cf. Ibidem*, 44.

identificar o que torna a sua rosa única é que confere o seu valor e a sua importância para ele.²³⁰

Saint-Exupéry, através da sua experiência no deserto, pretende transmitir a mensagem de que “o valor da água está ligado à caminhada sob as estrelas em direção ao poço”²³¹. De outro modo, refere-se não propriamente ao consumo de água, mas à entrega, ao empenho, à dedicação, ao esforço exigente inerente ao deserto. No entanto, o Príncipezinho refere que a água também “fazia bem ao coração”²³². Esta imagem da água, no deserto, pode evocar o renascimento, o regresso à origem, a profundidade, aludindo ao despojamento total de tudo que nos reveste.

No contexto de todas as alterações climáticas e da preocupação com a Casa Comum, a questão da água é também referida na Carta *Encíclica Laudato Si'* como uma realidade inerente à sobrevivência do ser humano, mesmo que este não percorra o deserto. Na verdade, o acesso à água, aqui, é apresentado pelo Papa Francisco como “um direito humano fundamental e universal, porque determina a sobrevivência das pessoas”²³³.

Com o intuito de promover uma ecologia integral, o Papa Francisco indica São Francisco de Assis, autor do gracioso “Cântico do Irmão Sol”, como um belo exemplo “do cuidado pelo que é frágil”²³⁴, bem como reflexo de um cuidado especial para com a Natureza e pela justiça perante os mais desfavorecidos. Apela, ainda, que haja aproximação e admiração da Natureza, falando-lhe na língua da fraternidade.²³⁵

Na imensidão da Natureza, mais propriamente na solidão do deserto, o piloto afirma que “estava muito mais isolado do que um náufrago numa jangada no meio do oceano”²³⁶, realçando a ideia de isolamento, de solidão, que se alterou, a partir do momento que ocorreu o encontro com o Príncipezinho.

A solidão afirma-se como uma realidade correspondente ao deserto. No caso da obra *O Príncipezinho*, a mesma está bem patente no momento em que o Príncipezinho aterriza num planeta desconhecido, e no episódio do narrador, sendo reforçada pela afirmação da serpente “Também se está só entre os homens”²³⁷. Saint-Exupéry está, através desta expressão, a realçar a importância de se estabelecer verdadeiros laços, para

²³⁰ Cf. *Ibidem*, 46.

²³¹ *Ibidem*, 51.

²³² Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 96.

²³³ Franciscus, «Laudato si'», 11.

²³⁴ Cf. *Ibidem*, §10.

²³⁵ Cf. *Ibidem*, §11.

²³⁶ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 12.

²³⁷ *Ibidem*, 71.

que se possa evitar a solidão, realidade tão vivida entre os mais crescidos. Neste sentido, a solidão não se apresenta apenas como uma característica do deserto, que pode estar deserto de seres humanos, mas, sobretudo, como uma preocupação da sociedade onde há prevalência de pessoas e, aparentemente, não haveria motivos que conduzissem para o fenómeno da solidão. Na verdade, ela existe, porque, como já havia sido referido anteriormente, os adultos estão muito focados na superficialidade, descurando o essencial, o desenvolver laços fraternos com o outro sem a preocupação de qualquer reconhecimento.

Pelo exposto, a sabedoria do deserto contribui significativamente para a construção social da fraternidade. O deserto encarrega-se de moldar o ser humano, na medida em que apela à verdadeira privação e despojamento. Entende-se, assim, que, só quando se vive completamente desprendido de tudo que é supérfluo, se aprende a valorizar o gesto mais básico para a sobrevivência do meu irmão ou da minha irmã.

Ao jeito de Saint-Exupéry, só o coração é capaz de ver e conhecer a importância de se viver desprovido de materialismos. Para combater a terrível solidão, urge a necessidade de cativar e de se deixar cativar.

Síntese

Ao longo do presente capítulo, em que se explora a obra mais conhecida do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, visa-se enfatizar o papel extraordinário deste livro e dos valores nele contidos para a construção social de fraternidade. Rapidamente se firma a certeza de que a maior preocupação do autor era, exatamente, enobrecer a importância da amizade entre os homens e mulheres de todo o mundo, fazendo eco, através do excepcional recurso à metáfora, do opaco das suas vidas e do vazio em que aquilo a que dão valor, como o dinheiro e o trabalho, os vota.

A redescoberta do texto que, enquanto docente se apresenta aos alunos do 2º ciclo do Ensino Básico, aproxima-nos, de facto, da noção de fraternidade que se apresenta como princípio unificador do Povo de Deus. A fraternidade postulada na palavra de Jesus que leva a descobrir que somos todos irmãos e, como tal, todos fazemos parte da mesma universal *Fraternitate*, explica-se, na obra, de forma muito simples, recorrendo à palavra “cativar” e ao esclarecimento de que esta última mais não quer dizer do que “criar laços”.

A fraternidade pressupõe a união pelos laços da amizade, do amor, da harmonia fraternal e, principalmente, da Paz. Explicar a fraternidade aos mais pequenos, já que a obra se considera de literatura infantil e é designada como leitura obrigatória no Plano Nacional de Leitura, por meio da voz da raposa e da noção de que, a partir da criação de laços, as pessoas desenvolvem entre si um sentimento de esperança e alegria no outro, torna-se, sem dúvida, um indelével contributo para a construção social de laços fraternos.

Mas os esforços de Saint-Exupéry para a promoção do valor da fraternidade entre os seres humanos não se remete à explicação do ato de “cativar”. Na verdade, todo o texto, mesmo nos pontos em que se contam as passagens do Príncipezinho pelos asteroides vizinhos do seu planeta, é um construto de fraternidade, na medida em que se reconstrói a imagem da Humanidade, a partir das caricaturas feitas às pessoas crescidas. Visa dar-se a conhecer a possibilidade de renascimento de novos homens e mulheres que entendam que o verdadeiro sentido da responsabilidade se alcança quando o Eu é colocado diante do Outro. Da mesma forma se entende que a fraternidade se revela na mensagem inerente ao trato e na relação que o Príncipezinho tem com a sua rosa, assim como na intenção explícita do autor de contar a história dos seus protagonistas sob o cenário do deserto. A aridez e a imensidão do nada transformam-se, aos poucos, no palco de uma amizade inquestionável, de uma fraternidade que justificou uma caminhada por entre a areia ressequida em busca da água, que faz bem ao coração e se partilhou entre os dois amigos como uma prenda.

Servindo de contributo para o enriquecimento social de fraternidade, no sentido em que também deve ser dado a ler às pessoas crescidas, a obra *O Príncipezinho*, entendida como instrumento de promoção à leitura, é essencial para a promoção dos valores que sublinhamos: da fraternidade, do amor, da amizade e da paz, junto dos mais novos.

Esta obra cumpre a função adstrita à leitura infantil de enriquecer o vocabulário e promover a escrita, despertando nos mais novos a sede de saber como todos os livros que lhes são direcionados. Para além disso, tenciona despertar nos mais pequenos a consciência para valores que galvanizam a sociedade fraternal.

CAPÍTULO III – EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA: A UNIDADE LETIVA “CONSTRUIR A FRATERNIDADE”

“Construir a fraternidade” é, efetivamente, o tema da unidade letiva em torno do qual se desenrola o presente Relatório. Se ousarmos descodificar a expressão “Construir a fraternidade”, constata-se, de imediato, que o ato de construir é aquele que se desencadeia ou se procura concretizar no contexto da educação, desde as faixas etárias mais baixas, no sentido de colaborar na formação dos jovens, atendendo às diferentes áreas de atuação. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica ao integrar o currículo educativo é desafiada a intervir assertivamente no desenvolvimento integral do ser humano.

No que concerne ao termo fraternidade, este é um conceito que, na educação, envolve todos os intervenientes da mesma. Contudo, perante a sociedade atual, há, por vezes, alguma dificuldade em entender ou agir de forma fraterna.

Na verdade, a educação para as atitudes fraternas é uma emergência do quotidiano. Nesse sentido, ao longo deste capítulo, decorre a tarefa de explorar a Unidade Letiva “Construir a fraternidade” como aspeto enriquecedor para os homens e as mulheres da atual sociedade. Inicialmente, procura-se analisar e entender a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica como uma das principais áreas curriculares para a formação integral da pessoa humana. Essa abordagem implica a interpretação das Finalidades, dos Domínios de Aprendizagem e das Metas Curriculares que constituem o programa da disciplina.

Sendo o aluno o elemento central no processo educativo, torna-se pertinente uma indagação sobre o documento *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*,²³⁸ uma vez que o mesmo pressupõe que os alunos adquiram uma perspetiva mais humanista na sua forma de agir e de atuar no seu quotidiano. Assim, este documento apresenta alguns pontos convergentes com a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Propõe explorar princípios, áreas de competência e valores.

Analisa-se, também, a predominância do valor da fraternidade nos diferentes anos de escolaridade, desde o primeiro ciclo do ensino básico até ao ensino secundário, verificando-se a uma abordagem transversal do tema no programa de Educação Moral e

²³⁸ Cf. Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho. “Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória”, consultado a 14 de abril, 2018, https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Religiosa Católica, o que denota que se trata de um conteúdo programático fundamental. Urge a necessidade de se promover a preocupação, o cuidado pelo outro, à luz da perspectiva cristã, proporcionando-se uma sociedade mais justa, mais responsável, mais fraterna.

A importância do fenómeno digital no processo ensino-aprendizagem é também fundamental, pois afirma-se como uma metodologia essencial na lecionação de Educação Moral e Religiosa Católica. Através da vertente lúdica, os conteúdos tornam-se mais apelativos, havendo, então, mais motivação por parte dos alunos.

Desenvolve-se, ainda, toda a dinâmica inerente à Prática de Ensino Supervisionada. Para tal, inicia-se a mesma com uma análise do Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio (AEAS), para que a atuação da docente esteja em conformidade com as suas especificidades. Seguidamente, efetua-se a caracterização da turma, recorrendo a uma atividade de autocaracterização.

Para a concretização da Unidade Letiva “Construir a fraternidade”, apresenta-se uma proposta de planificação, que consiste na aplicação de um jogo digital, intitulado *Frater Game*, aplicado às seis aulas de lecionação. Naturalmente, decorre o momento efetivo da Prática de Ensino Supervisionada e posterior avaliação.

Este capítulo encerra com a apresentação e avaliação da atividade desenvolvida em contexto de Prática de Ensino Supervisionada, denominada *Mesa da partilha*.

1. Educação Moral e Religiosa Católica e o perfil do aluno

No âmbito da educação, o aluno apresenta-se como elemento essencial. Todo o processo educativo se estrutura em torno das finalidades propostas para os jovens à saída da escolaridade obrigatória. Nesse sentido, neste ponto do Relatório, procurou-se entender a real intenção e preocupação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Para tal, decorre uma análise do documento *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*, onde se privilegiam as valências humanistas do aluno.

No ponto seguinte, explora-se o contributo da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica na formação do ser humano. Há uma preocupação inerente à disciplina que se centra no desenvolvimento pessoal e da sociedade, para que se possam construir projetos de vida bem alicerçados.

Por fim, analisam-se os diferentes aspetos que configuram o Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, nomeadamente as Finalidades, os Domínios de Aprendizagem e as Metas Curriculares.

1.1. O “perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória”

No contexto da educação portuguesa, à escola atual é proposta a análise do documento *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Este destaca que a “referência a um perfil não visa, porém, qualquer tentativa uniformizadora, mas sim criar um quadro de referência que pressuponha a liberdade, a responsabilidade, a valorização do trabalho, a consciência de si próprio, a inserção familiar e comunitária e a participação na sociedade que nos rodeia”²³⁹.

Para Edgar Morin²⁴⁰ há sete pilares a considerar numa realidade de autonomia e de responsabilidade, a saber: “prevenção do conhecimento contra o erro e a ilusão; ensino de métodos que permitam ver o contexto e o conjunto, em lugar do conhecimento fragmentado; o reconhecimento do elo indissolúvel entre unidade e diversidade da condição humana; aprendizagem de uma identidade planetária considerando a humanidade como comunidade de destino; exigência de apontar o inesperado e o incerto como marcas do nosso tempo; educação para a compreensão mútua entre as pessoas, de pertenças e culturas diferentes; e desenvolvimento de uma ética do género humano, de acordo com uma cidadania inclusiva.”²⁴¹ Portanto, terá de existir uma conexão entre diferentes domínios, desde a educação, cultura, ciência, saber e saber fazer.²⁴²

Este documento apresenta a proposta de um perfil de aluno com base humanista, visando a construção de uma sociedade direcionada para a pessoa humana e para a sua dignidade. Nesta perspetiva, no processo ensino-aprendizagem, as aprendizagens, a inclusão e o respeito pela diferença apresentam-se como elementos fulcrais. Naturalmente, estes anseios surgem pelo facto de o mundo hodierno colocar verdadeiros

²³⁹ *Ibidem*, 5.

²⁴⁰ Edgar Morin é um antropólogo, sociólogo e filósofo francês. Destaca-se como um dos pensadores contemporâneos e um dos principais teóricos no âmbito de estudos da complexidade.

²⁴¹ *Cf.* Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho, 6.

²⁴² *Cf. Ibidem*.

desafios à educação, pois o desenvolvimento tecnológico, o conhecimento científico e a multiculturalidade desenvolvem-se num ritmo muito acelerado, a nível global.

Assim sendo, a escola, como lugar de múltiplas aprendizagens, procura adequar o seu sistema educativo às exigências atuais impostas pelas gerações globalizadas.

Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo Português (LBSE), de 1986,²⁴³ a prioridade centrava-se, essencialmente, em proporcionar condições de acesso ao ensino, de forma a escolarizar o maior número pessoas. Nesse sentido, foram-se alargando os anos de escolaridade obrigatória e garantindo um ensino de qualidade. Em 2009, a escolaridade obrigatória alargou-se até aos dezoito anos de idade e o ensino pré-escolar teve vindo a abranger um maior número de crianças.²⁴⁴

O *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória* visa, sobretudo, contribuir para a “organização e gestão curriculares e, ainda, para a definição de estratégias, metodologias e procedimentos pedagógico-didáticos a utilizar na prática letiva”²⁴⁵. É um perfil com um carácter abrangente e transversal. A sua abrangência afirma-se pela capacidade inclusiva e por garantir todos os saberes, que são orientados por princípios, valores e por uma visão, resultantes de consenso social, aceitando qualquer percurso escolar. Quanto à transversalidade, esta pressupõe que cada área curricular enriqueça todas as áreas de competências consideradas no Perfil dos Alunos.²⁴⁶

O documento em análise apresenta quatro áreas de atuação, nomeadamente Princípios, Visão, Valores e Áreas de Competências. Portanto, os Princípios configuram as ações educativas, como a gestão do currículo na escola das diferentes áreas disciplinares. São, então, os Princípios:

A. Base humanista – A escola habilita os jovens com saberes e valores para a construção de uma sociedade mais justa, centrada na pessoa, na dignidade humana e na ação sobre o mundo enquanto bem comum a preservar.

B. Saber – O saber está no centro do processo educativo. É responsabilidade da escola desenvolver nos alunos a cultura científica que permite compreender, tomar decisões e intervir sobre as realidades naturais e sociais no mundo. Toda a ação deve ser sustentada por um conhecimento sólido e robusto.

²⁴³ Lei que define o sistema educativo português.

²⁴⁴ Cf. “Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho”, 7.

²⁴⁵ *Ibidem*, 8.

²⁴⁶ *Ibidem*.

C. Aprendizagem – As aprendizagens são essenciais no processo educativo. A ação educativa promove intencionalmente o desenvolvimento da capacidade de aprender, base da educação e formação ao longo da vida.

D. Inclusão – A escolaridade obrigatória é de e para todos, sendo promotora de equidade e democracia. A escola contemporânea agrega uma diversidade de alunos tanto do ponto de vista socioeconómico e cultural como do ponto de vista cognitivo e motivacional. Todos os alunos têm direito ao acesso e à participação de modo pleno e efetivo em todos os contextos educativos.

E. Coerência e flexibilidade – Garantir o acesso à aprendizagem e à participação dos alunos no seu processo de formação requer uma ação educativa coerente e flexível. É através da gestão flexível do currículo e do trabalho conjunto dos professores e educadores sobre o currículo que é possível explorar temas diferenciados, trazendo a realidade para o centro das aprendizagens visadas.

F. Adaptabilidade e ousadia – Educar no século XXI exige a perceção de que é fundamental conseguir adaptar-se a novos contextos e novas estruturas, mobilizando as competências, mas também estando preparado para atualizar conhecimento e desempenhar novas funções.

G. Sustentabilidade – A escola contribui para formar nos alunos a consciência de sustentabilidade, um dos maiores desafios existenciais do mundo contemporâneo, que consiste no estabelecimento, através da inovação política, ética e científica, de relações de sinergia e simbiose duradouras e seguras entre os sistemas social, económico e tecnológico e o Sistema Terra, de cujo frágil e complexo equilíbrio depende a continuidade histórica da civilização humana.

H. Estabilidade – Educar para um perfil de competências alargado requer tempo e persistência. O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória permite fazer face à evolução em qualquer área do saber e ter estabilidade para que o sistema se adeque e produza efeitos.”²⁴⁷

A Visão explora o que se pretende para os jovens à saída da escolaridade obrigatória, procurando a qualificação individual e a cidadania democrática. Aqui, propõe-se que o jovem à saída da escolaridade obrigatória seja um ser humano:

²⁴⁷ *Ibidem*, 13-14.

- “munido de múltiplas literacias que lhe permitam analisar e questionar criticamente a realidade, avaliar e selecionar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia a dia;
- livre, autónomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo que o rodeia;
- capaz de lidar com a mudança e com a incerteza num mundo em rápida transformação;
- que reconheça a importância e o desafio oferecidos conjuntamente pelas Artes, pelas Humanidades e pela Ciência e a Tecnologia para a sustentabilidade social, cultural, económica e ambiental de Portugal e do mundo;
- capaz de pensar crítica e autonomamente, criativo, com competência de trabalho colaborativo e com capacidade de comunicação;
- apto a continuar a aprendizagem ao longo da vida, como fator decisivo do seu desenvolvimento pessoal e da sua intervenção social;
- que conheça e respeite os princípios fundamentais da sociedade democrática e os direitos, garantias e liberdades em que esta assenta;
- que valorize o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático; • que rejeite todas as formas de discriminação e de exclusão social.”²⁴⁸

Os Valores são abordados como orientações ajustadas aos jovens, considerando características éticas, levando os mesmos a saber ser e saber estar. Então, na atividade letiva, os alunos são convidados a conhecer e a concretizar os valores inerentes à realidade escolar. A saber:

- “Responsabilidade e integridade – Respeitar-se a si mesmo e aos outros; saber agir eticamente, consciente da obrigação de responder pelas próprias ações; ponderar as ações próprias e alheias em função do bem comum.
- Excelência e exigência – Aspirar ao trabalho bem feito, ao rigor e à superação; ser perseverante perante as dificuldades; ter consciência de si e dos outros; ter sensibilidade e ser solidário para com os outros.

²⁴⁸ *Ibidem*, 16.

- Curiosidade, reflexão e inovação – Querer aprender mais; desenvolver o pensamento reflexivo, crítico e criativo; procurar novas soluções e aplicações.
- Cidadania e participação – Demonstrar respeito pela diversidade humana e cultural e agir de acordo com os princípios dos direitos humanos; negociar a solução de conflitos em prol da solidariedade e da sustentabilidade ecológica; ser interventivo, tomando a iniciativa e sendo empreendedor.
- Liberdade – Manifestar a autonomia pessoal centrada nos direitos humanos, na democracia, na cidadania, na equidade, no respeito mútuo, na livre escolha e no bem comum.²⁴⁹

As Áreas de Competências conciliam várias aptidões, desde conhecimentos, capacidades e atitudes, que conduzirão a uma ação humana perante diferentes contextos, tornando-se fulcrais no perfil dos alunos. As Áreas de competências consideradas são as que se seguem:

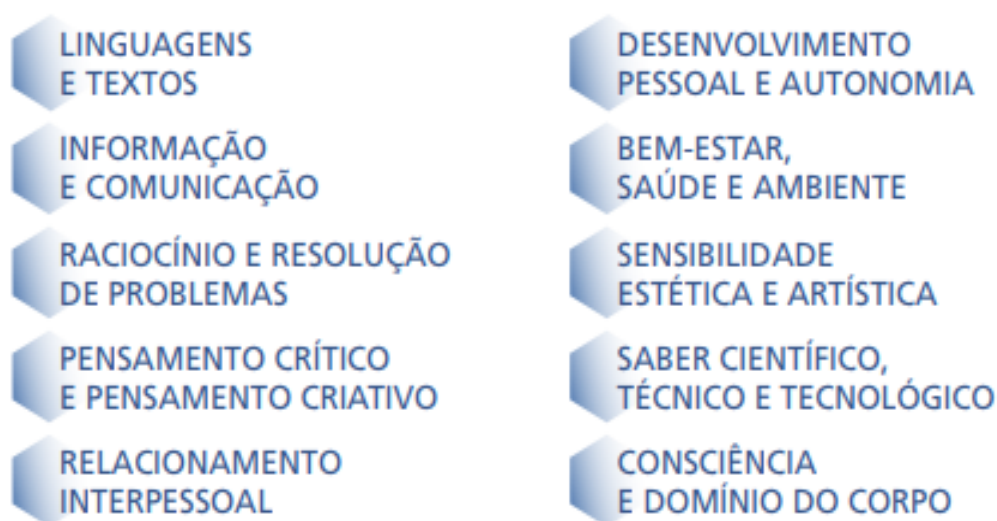


Figura 1 – Esquema das áreas de competências

Na verdade, a elaboração do Perfil dos Alunos configura aquilo que se pretende que os mesmos alcancem, atinjam à saída da escolaridade obrigatória. Para tal, torna-se

²⁴⁹ *Ibidem*, 17.

fundamental o empenho, a entrega, a dedicação e o compromisso dos agentes escolares, bem como a intervenção ativa das famílias, dos encarregados de educação.

O Perfil dos Alunos orienta para um processo educativo de base humanista em que a construção e a consolidação de uma cultura científica carrega mais valores e competências, para que possam agir de forma mais assertiva, consciente e responsável.²⁵⁰

Após a explanação teórica do Perfil dos Alunos, expõe-se o esquema concetual do *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*.

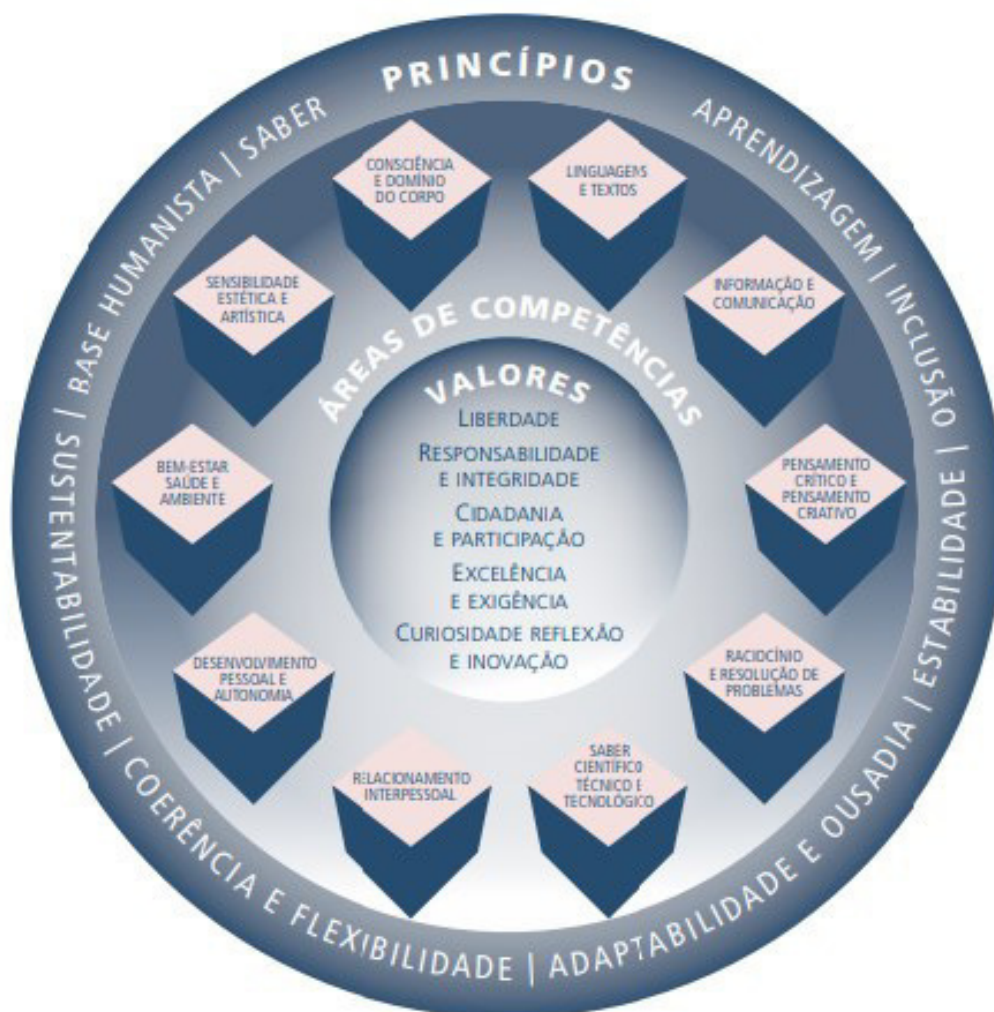


Figura 2 – Esquema concetual do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*

Com a aplicação de princípios, valores e áreas de competências previstas no *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória* urge a necessidade de as metodologias

²⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 10.

didáticas e pedagógicas serem reajustadas ao perfil dos jovens. Assim, o documento propõe algumas ações que os educadores devem realizar:

- “abordar os conteúdos de cada área do saber, associando-os a situações e problemas presentes no cotidiano da vida do aluno ou presentes no meio sociocultural e geográfico em que se insere, recorrendo a materiais e recursos diversificados;
- organizar o ensino prevendo a experimentação de técnicas, instrumentos e formas de trabalho diversificados, promovendo intencionalmente, na sala de aula ou fora dela, atividades de observação, questionamento da realidade e integração de saberes;
- organizar e desenvolver atividades cooperativas de aprendizagem, orientadas para a integração e troca de saberes, a tomada de consciência de si, dos outros e do meio e a realização de projetos intra ou extraescolares;
- organizar o ensino prevendo a utilização crítica de fontes de informação diversas e das tecnologias da informação e comunicação;
- promover de modo sistemático e intencional, na sala de aula e fora dela, atividades que permitam ao aluno fazer escolhas, confrontar pontos de vista, resolver problemas e tomar decisões com base em valores;
- criar na escola espaços e tempos para que os alunos intervenham livre e responsabilmente;
- valorizar, na avaliação das aprendizagens do aluno, o trabalho de livre iniciativa, incentivando a intervenção positiva no meio escolar e na comunidade.”²⁵¹

A ação educativa deve ser aplicada de forma a que as aprendizagens se realizem com sucesso, recorrendo às estratégias pedagógicas e didáticas adequadas, no sentido de desenvolverem as competências definidas no *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*.

²⁵¹ *Ibidem*, 31.

1.2. O contributo da disciplina na formação dos jovens

Partindo do Artigo 2º da *Lei de Bases do Sistema Educativo*, Educação Moral e Religiosa Católica, disciplina integrada no sistema educativo, pode ser entendida como um contributo que “responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho.”²⁵²

Esta colaboração da disciplina torna-se, na verdade, uma peça fundamental na educação, tendo a mesma um papel relevante na sociedade. A educação proporciona um desenvolvimento harmonioso e integral das crianças e jovens, sendo estes os responsáveis pela sociedade.²⁵³

Apesar da sua especificidade, em que a sua frequência assume um carácter facultativo e a oferta da disciplina é obrigatória, Educação Moral e Religiosa Católica apresenta uma presença bastante significativa e consolidada na escola. Para esta afirmação, vários são os fatores que contribuem, nomeadamente “a competência, o empenho, a dedicação dos respetivos professores; o pedido e o apoio das famílias, conscientes dos seus direitos”²⁵⁴. Efetivamente, a vontade de frequentar esta disciplina relaciona-se com o reconhecimento do “carisma e do profissionalismo do professor”²⁵⁵. Para além dos requisitos legais de qualificação científica e pedagógica, os professores de Educação Moral e Religiosa Católica carregam um espírito de responsabilidade na sua missão educativa, bem como uma verdadeira identificação com a disciplina e uma atitude de esperança e de alegria.²⁵⁶

Educação Moral e Religiosa Católica encontra-se ao serviço da educação integral dos alunos, na medida em que colabora no amadurecimento das dúvidas acerca do sentido da vida, mostrando que é no Evangelho de Cristo que está a verdadeira resposta. A formação dos jovens só acontece de forma completa se se considerar a dimensão religiosa,

²⁵² Ministério da Educação e Ciência, “Decreto-Lei nº 46/86 de 14 de outubro de 1986. Lei de Bases do Sistema Educativo.” Artigo 2º.

²⁵³ Cf. Conferência episcopal portuguesa, “Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade”, *Pastoral Catequética*, 7 (2006), 7.

²⁵⁴ *Ibidem*, 10.

²⁵⁵ *Ibidem*.

²⁵⁶ Cf. *Ibidem*.

pois esta é elemento constitutivo do ser humano. Aliás, a dimensão social para ser compreendida também exige conhecimento do fenómeno religioso.²⁵⁷

Neste sentido, a disciplina integra uma dimensão cultural e um valor educativo. Pauta-se pela formação de personalidades bem sustentadas ao nível da interioridade, com abertura para valores como a justiça, solidariedade e paz.²⁵⁸

A escola, para além do papel educativo, proporciona também um ambiente de relação interpessoal e de integração social. Portanto, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica é uma área curricular de particular interesse, pois é vista como o espaço “privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das dimensões corporal e espiritual, e da abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir”²⁵⁹. Simultaneamente, Educação Moral e Religiosa Católica faz referência a estas dimensões que as outras áreas curriculares também são chamadas a abordar, tal como o projeto educativo tem de o fazer.

À semelhança das outras disciplinas, para o aluno de Educação Moral e Religiosa Católica também são propostas várias finalidades a alcançar. Contudo, para que estas sejam atingidas é fundamental que o Ensino Escolar da Religião se pautem pelo rigor, sendo apresentado com exigência. O processo ensino-aprendizagem deve deter-se na abordagem da mensagem cristã com a mesma profundidade que ocorre na aprendizagem nas outras áreas curriculares. Para tal, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica recorre a três fases funcionais, começando pelo momento da reflexão e partilha acerca da experiência humana. De seguida, procede ao aprofundamento teórico, recorrendo à Sagrada Escritura, e finaliza com uma síntese prática de vida.²⁶⁰

Mediante o exposto, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica contribui, positivamente, para a educação integral dos jovens, podendo essa educação ser ao nível dos valores, da sexualidade e religiosa. No âmbito da educação dos valores e a partir do ponto de vista de João Manuel Duque, esta remete para uma identificação do sujeito, implicando o envolvimento de diversos fatores, sobretudo o “conhecimento de valores; o reconhecimento ou convicção da sua validade; orientação do desejo para esses valores; hábito de prática desses valores”²⁶¹. Atualmente, a sociedade não apresenta grande dificuldade no conhecimento de valores. No entanto, no registo da construção de

²⁵⁷ Cf. *Ibidem*, 11.

²⁵⁸ Cf. *Ibidem*.

²⁵⁹ *Ibidem*, 14.

²⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 15.

²⁶¹ João Manuel Duque, “Sobre a educação integral do ser humano”, *Pastoral Catequética*, 26 (2013), 17.

convicções, na educação do desejo e na educação dos hábitos surgem maiores dificuldades. Quanto às convicções, prevalece um certo relativismo geral. O desejo é fortemente atingido, essencialmente pela publicidade. A criação de hábitos suporta qualquer educação demissionária.²⁶²

João Manuel Duque, ainda no contexto da educação para os valores, propõe a análise de três pilares: “verdade, bondade e beleza”²⁶³. Aponta a educação para verdade como um caminho complexo. A verdade pressupõe honestidade, transparência, que só se adquire quando se vive numa realidade verdadeira. Portanto, o hábito da honestidade será a pedra basilar de uma educação para os valores e para uma saudável convivência social.²⁶⁴

A educação para a bondade remete para uma educação ética, no domínio interpessoal, onde se pratica o bem, se promove a justiça e o bem comum. Neste contexto, será crucial referir o valor de influência cristã, o amor. Aqui, reside a doação, a entrega ao outro de forma gratuita.²⁶⁵

A educação para a beleza (a arte, por exemplo) assume contornos acima da realidade do quotidiano e valoriza concretizações culturais humanas, incutindo-nos a capacidade de admiração por todo o contexto envolvente.²⁶⁶

A educação da sexualidade apresenta-se como um dos domínios de particular destaque, no que respeita a educação integral do aluno. É, aqui, onde confluem todas as dimensões da pessoa humana. Na sexualidade, encontram-se várias dimensões do ser humano, como a dimensão biológica, a dimensão sensual, a dimensão psíquica, a dimensão interpessoal, a dimensão afetiva, a dimensão cultural, a dimensão ético-moral. Assim, a educação da sexualidade pressupõe o envolvimento de todas estas dimensões, quando apresentada como elemento articulador da “integralidade do humano”²⁶⁷.

De particular importância na educação integral do ser humano destaca-se a educação religiosa, que “pode ser considerada nas dimensões do conhecimento, dos valores, da questão da verdade e no âmbito do desenvolvimento da capacidade crítica”²⁶⁸. A verdade aparece, também, como elemento fulcral no contexto da educação religiosa, na medida em que a escola é um lugar de aprendizagem científica “da verdade

²⁶² Cf. *Ibidem*, 18.

²⁶³ *Ibidem*.

²⁶⁴ Cf. *Ibidem*.

²⁶⁵ Cf. *Ibidem*.

²⁶⁶ Cf. *Ibidem*, 19.

²⁶⁷ *Ibidem*, 20.

²⁶⁸ *Ibidem*.

objetiva”²⁶⁹, exigindo uma “consideração explícita das vivências religiosas”²⁷⁰. Por outro lado, a questão da verdade encontra-se relacionada com a capacidade crítica dos jovens. Trata-se de um aspeto relevante na formação de cidadãos autónomos e responsáveis. Desenvolver, portanto, a capacidade crítica, um fator fundamental relativamente às opções religiosas.

Assim sendo, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica visa, claramente, uma formação global do aluno, que favoreça o reconhecimento da sua identidade e, paulatinamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Esta educação integral é promovida através do diálogo baseado nas diferentes aprendizagens curriculares e com a mensagem e valores cristãos. Na verdade, Educação Moral e Religiosa Católica assume-se como uma disciplina com particularidades evidentes: é um lugar onde se reconhece a valorização da pessoa, apelando a valores e ideologias que devem pautar a vida dos jovens; espaço para a reflexão; aprendizagem e promoção do diálogo, instruindo os alunos para a capacidade de saber escutar o outro; existência de uma formação religiosa, que permite descobrir a essência religiosa no ser humano; espírito de solidariedade, tendo uma atitude fraterna para com o próximo; incentivo de projeto(s) de vida, espiciando a consciência na busca de caminhos e projeto(s) de vida; transmissão de uma mensagem cristã.²⁷¹

Ao tentar descodificar a sigla EMRC propõe-se dizer que Educação visa “ensinar a ser pessoa e a querer ser pessoa”²⁷², Moral remete para a compreensão da vida a partir de valores como o da justiça, honestidade, amor, Religiosa apela ao domínio religioso na vida de cada jovem, e Católica aponta para a necessidade de compreender o sentido de ser cristão.²⁷³

De algum modo, o documento *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória* apresenta traços, finalidades, nomeadamente a base humanista que um aluno deve evidenciar à saída da escolaridade obrigatória, que já são amplamente trabalhados na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Parece, então, que, com a implementação do Perfil do aluno, serão valorizados e apreciados muitos dos princípios e dos valores defendidos pela disciplina.

²⁶⁹ *Ibidem*, 21.

²⁷⁰ *Ibidem*.

²⁷¹ Cf. Debate integrado no programa da Semana Nacional da Educação Cristã, “O ensino moral e religioso tem um lugar na escola?”, *Pastoral Catequética*, 6 (2006), 24.

²⁷² *Ibidem*, 25.

²⁷³ Cf. *Ibidem*.

1.3. Finalidades, domínios de aprendizagem e metas curriculares

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica integra-se nos currículos dos ensinos básico e secundário, desde o 1º ano ao 12º ano de escolaridade.

Considerando única e fundamental a dinâmica da disciplina, parece pertinente elaborar-se uma análise ao excerto que se segue da autoria de Jacques Delors²⁷⁴ para uma melhor compreensão da especificidade da disciplina, enquanto elemento constituinte do sistema educativo português:

“Perante os múltiplos desafios suscitados pelo futuro, a educação surge como um trunfo indispensável para que a humanidade tenha a possibilidade de progredir na consolidação dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. Ao terminar os seus trabalhos, a Comissão faz questão de afirmar a sua fé no papel essencial da educação para o desenvolvimento contínuo das pessoas e das sociedades. Não como um remédio milagroso, não como um “abre-te sésamo” de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais, mas entre outros caminhos e para além destes, como uma via que conduza a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras...”²⁷⁵

De salientar que as palavras e ideias aqui explanadas referem-se a aspetos ainda muito atuais. Como afirma Juan Ambrosio²⁷⁶ no seu contributo *Finalidade, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares – Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, edição de 2014*, aponta-se a “fé no papel essencial da educação para o desenvolvimento contínuo das pessoas e das sociedades”²⁷⁷. Destaca-se o desenvolvimento das pessoas e da sociedade como o elemento central da escola e da educação. Trata-se, então, de uma realidade de reflexão que deve permanecer na prática

²⁷⁴ Jaques Delors foi o autor do Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI – Educação, um Tesouro a descobrir (1996). Neste relatório exploram-se os Quatro Pilares da Educação.

²⁷⁵ Jacques Delors. *Educação, um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. (Porto: Edições Asa, 1996), 11.

²⁷⁶ Mestre em Teologia Sistemática. Docente de Didática de EMRC, Currículo, Planificação e de Seminário de Prática de Ensino Supervisionada (Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa).

²⁷⁷ Delors, *Educação, um tesouro a descobrir*, 11.

educativa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica Educação Moral e Religiosa Católica. Naturalmente, ao existir um investimento e dedicação por parte dos educadores para o desenvolvimento da pessoa humana haverá, certamente, “um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras...”²⁷⁸.

Juan Ambrosio recorda, ainda, os quatro pilares da educação explorados por Jacques Delors como sendo elementos essenciais para o contexto educacional, a saber: “Aprender a conhecer; Aprender a fazer; Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros; Aprender a ser”²⁷⁹. Atribui particular ênfase ao pilar “Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros”, pois este apela firmemente à intervenção da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. É evidente a solicitação para a preocupação para com o outro, para com o próximo, com vista ao bem comum, propondo-se assim, por exemplo, o desafio do diálogo inter-religioso, que permitirá compreender melhor a identidade desta disciplina espelhada nas Finalidades, nas Metas e nos Domínios.²⁸⁰

Assim, enaltecem-se como principais preocupações o desenvolvimento da pessoa humana e das sociedades, bem como a dimensão religiosa do ser humano. Trata-se de aspetos que contribuem significativamente para a formação integral da pessoa humana, que foram apresentados no documento *Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade*:

“A dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana. Por isso, não haverá educação integral, se a mesma não for tomada em consideração; nem se compreenderá verdadeiramente a realidade social, sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais.”²⁸¹

O *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, edição de 2014, apresenta as Finalidades, os Domínios de Aprendizagem e as Metas Curriculares como sendo um contributo para todo o processo educativo.²⁸²

²⁷⁸ *Ibidem*.

²⁷⁹ *Ibidem*, 77-78.

²⁸⁰ Cf. Juan Ambrosio. “Finalidade, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares – Programa de EMRC, edição de 2014”, *Pastoral Catequética*, 31-32 (2015), 65.

²⁸¹ Conferência episcopal portuguesa, “Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade”, 11.

²⁸² Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014).

As Finalidades da disciplina, na sua globalidade, definem o que é suposto que um aluno adquira a partir da frequência da mesma, da sua vivência enquanto ser humano em crescimento, formação e desenvolvimento. Mas, na perspetiva dos Bispos portugueses, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica traça como grande finalidade “a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de via”²⁸³, que se concretizará nas Finalidades de Educação Moral e Religiosa Católica:

- “Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Aprender o fundamento religioso da moral cristã;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.”²⁸⁴

No entendimento de Juan Ambrosio, as Finalidades articulam-se em torno de três eixos: “o eixo do desenvolvimento integral do aluno, em todas as dimensões constitutivas do humano; o eixo da sua inserção na sociedade que é chamado a entender e a transformar, o eixo da identidade cristã/católica.”²⁸⁵

Segundo o *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, os Domínios da Aprendizagem definem-se por “áreas do ensino que a disciplina compreende e que agregam logicamente os padrões curriculares daquilo que o aluno deve conhecer (campos de conhecimento, conteúdos) e do que o aluno deve saber fazer (processos ou competências); determinam-se a partir das suas Finalidades e o estatuto

²⁸³ *Ibidem*, 5.

²⁸⁴ *Ibidem*.

²⁸⁵ Juan Ambrosio. “Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares – Programa de EMRC, edição de 2014”, 72.

epistemológico da teologia e das Ciências da Religião”²⁸⁶. Como Domínios de Aprendizagem para a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica os seguintes: Religião e Experiência Religiosa; Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida; Ética e Moral.²⁸⁷ Portanto, no contexto escolar, estes Domínios de Aprendizagem promovem, através do diálogo, a educação dos jovens, “numa perspectiva cristã de integralidade”²⁸⁸, e promovem a atuação humana consciente e responsável, respeitando a dignidade da pessoa humana.²⁸⁹

As Metas Curriculares pressupõem “os conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos devem adquirir, nos diferentes anos de escolaridade ou ciclos e nos conteúdos dos respetivos programas curriculares”²⁹⁰. Assim, atribuíram-se diferentes Metas Curriculares para os diferentes Domínios de Aprendizagem. Para o Domínio da Religião e Experiência Religiosa definiram-se as Metas Curriculares: “**A.** Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. **B.** Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. **C.** Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. **D.** Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.

Para o Domínio Cultura Cristã e Visão Cristã da vida, indicaram-se as Metas **E.** Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. **F.** Conhecer a mensagem e cultura bíblicas. **G.** Identificar os valores evangélicos. **H.** Articular uma perspectiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica. **I.** Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade. **J.** Descobrir a simbólica cristã. **K.** Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso. **L.** Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.

Para o Domínio Ética e Moral, definiram-se as Metas **M.** Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. **N.** Promover o bem comum e o cuidado do outro. **O.** Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. **P.** Identificar o fundamento religioso da moral cristã. **Q.** Reconhecer, a luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana”²⁹¹.

²⁸⁶ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 8.

²⁸⁷ *Cf. Ibidem.*

²⁸⁸ *Ibidem*, 163.

²⁸⁹ *Cf. Ibidem.*

²⁹⁰ *Ibidem*, 6.

²⁹¹ *Ibidem*, 8.

Neste ponto do Relatório, traçou-se um percurso que visa a colaboração na formação dos jovens, que se encontram em pleno desenvolvimento e que são o motor das sociedades.

2. A fraternidade no programa de Educação Moral e Religiosa Católica

Sendo a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica parte constitutiva do currículo do sistema educativo português, a mesma deve ser entendida com rigor e exigência, à semelhança do que se executa com as restantes áreas curriculares. Naturalmente, a sua exequibilidade terá de estar sustentada com posições teóricas explanadas no programa da disciplina. Este programa pressupõe “a ideia de pessoa a educar, os meios que se adotarão para que seja possível educá-la e os métodos a utilizar para que tal aconteça”²⁹².

Como sublinha José Augusto Pacheco, na estruturação de um programa de uma disciplina deve abordar-se o contexto, considerando-se o projeto socioeducativo (realidade de um país, decisões políticas e as características da sociedade) e o projeto didático significativo.²⁹³

Entram, também, em linha de conta as decisões substantivas, que consistem na definição de objetivos, conteúdos, dinâmicas pedagógicas a concretizar e todo o processo de avaliação, e as metodologias e operacionalização dos aspetos propostos.²⁹⁴

Assim, o atual *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* está disposto, a partir do currículo prescrito, em Unidades Letivas, que foi aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa. Neste documento, procura-se apresentar uma “estruturação sólida e lógica dos conteúdos”²⁹⁵, bem como metas e objetivos alicerçados nas ciências da religião e na teologia.²⁹⁶

O programa de Educação Moral e Religiosa Católica pauta-se pela consciência da sua atuação, no sentido de organizar o agir ético e moral da pessoa humana, tendo como

²⁹² Cristina Sá Carvalho. “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em EMRC, edição de 2014”, *Pastoral Catequética*, 31-32 (2015), 30.

²⁹³ Cf. José Augusto Pacheco. *Currículo: teoria e praxis* (Porto: Porto Editora, 2006), 280.

²⁹⁴ Cf. Carvalho. “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em EMRC, edição de 2014”, 32.

²⁹⁵ *Ibidem*, 35.

²⁹⁶ Cf. *Ibidem*.

base uma matriz. Portanto, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, para além do carácter religioso e confessional, tem de se enraizar nas finalidades da escola, atendendo à cultura circundante e proporcionar uma interdisciplinaridade com os outros saberes.²⁹⁷

Na verdade, o programa de Educação Moral e Religiosa Católica, tendo em conta objetivos e as tarefas propostas, desafia qualquer interveniente educativo a “pensar a escola, a educação, a cultura, a sociedade e, neste caso específico, o papel da Igreja no longo caminho de aperfeiçoamento da pessoa humana”²⁹⁸. No entanto, será de salientar que, neste momento, o professor representa a humanização no contexto educativo, pois a ausência dele traria à educação alguns dissabores. Assim sendo, torna-se necessário continuar a trilhar caminhos que dinamizem o ser, o saber fazer e o saber ser, para que se contribua para o fortalecimento e enriquecimento pessoal, de forma a brotar uma identidade consolidada, fazendo crescer uma sociedade justa e digna.²⁹⁹

Se o trilho a percorrer é continuar a semear para que o nosso próximo cresça interiormente e atue de forma coerente e consertada, de acordo com os princípios e valores humanos, o *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* deixa o seu contributo ao definir diferentes conteúdos para as diferentes Unidades Letivas de todos os anos de escolaridade.

Neste sentido, propõe-se um périplo por todos os ciclos de ensino, onde se poderá encontrar a transversalidade da temática da fraternidade, tema de enfoque no presente Relatório, no programa de Educação Moral e Religiosa Católica. No 1º ciclo, no 1º ano de escolaridade, na Unidade Letiva 1 – “Ter um coração bondoso”, na Unidade Letiva 3 – “Crescer em família” e na Unidade Letiva 4 – “Cuidar da Natureza” há alusão ao cuidado para com o outro, à promoção do bem comum, propondo-se que os alunos assumam atitudes de bondade para com os outros. Fomenta, também, os valores do amor, da cooperação e da entreatajuda familiar, assim como promove gestos de respeito pela vida na Terra.³⁰⁰

O 2º ano de escolaridade continua a trabalhar as relações fraternas na Unidade Letiva 3 – “Ser Amigo” e na Unidade Letiva 4 – “Deus é Amor”. Nestes contextos, a

²⁹⁷ Cf. *Ibidem*, 42.

²⁹⁸ *Ibidem*, 59.

²⁹⁹ Cf. *Ibidem*, 59-60.

³⁰⁰ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 22-24.

aprendizagem remete para o saber crescer na relação com os outros e para a compreensão de que os cristãos vivem o Amor de Deus na relação com os outros.³⁰¹

A fraternidade assume também um papel significativo no 3º ano de escolaridade. Aqui, a Unidade Letiva 1 – “A Dignidade das Crianças”, a Unidade Letiva 2 – “Ser Solidário” e a Unidade Letiva 3 – “Diálogo com Deus” propõem desenvolver a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. Remetem, também, para a possibilidade de encontrar Deus na história e no agir humano.³⁰²

No 4º ano, a Unidade Letiva 1 – “Ser Verdadeiro”, a Unidade Letiva 2 – “Crescer na Diversidade” e a Unidade Letiva 3 – “O Perdão” também apelam a que se reconheça a importância de escutar a consciência, assumir que a diversidade enriquece a pessoa humana.³⁰³

No contexto do 2º ciclo do ensino básico, no 5º ano de escolaridade, o conceito de fraternidade atravessa todas as Unidades Letivas (Unidade Letiva 1 – “Viver Juntos”, Unidade Letiva 2 – “Advento e Natal”, Unidade Letiva 3 – “A Família, Comunidade de Amor”, Unidade Letiva 4 – “Construir a Fraternidade”). Prevalece, neste ano letivo, a valorização da diversidade dos membros de um grupo como um fator de enriquecimento, a promoção do valor da esperança e do amor na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus, reconhecimento de igual dignidade de todo o ser humano e o desenvolvimento do valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno.³⁰⁴

As três Unidades Letivas do 6º ano de escolaridade (Unidade Letiva 1 – “A Pessoa Humana”, Unidade Letiva 2 – “Jesus, um Homem para os Outros”, Unidade Letiva 3 – “A partilha do Pão”) também exploram a promoção da dignidade humana, a valorização do voluntariado e apontam o valor da vida para a orientação do comportamento em situações do quotidiano.³⁰⁵

Relativamente ao 3º ciclo do Ensino Básico, a Unidade Letiva 3 – “Riqueza e Sentido dos Afetos” e a Unidade Letiva 4 – “A Paz Universal” do 7º ano de escolaridade remetem para uma compreensão efetiva da felicidade e da realização pessoal, à luz da mensagem cristã e para a valorização da paz como valor orientador do sentido da realidade humana.³⁰⁶

³⁰¹ Cf. *Ibidem*, 26-32.

³⁰² Cf. *Ibidem*, 34-38.

³⁰³ Cf. *Ibidem*, 42-44.

³⁰⁴ Cf. *Ibidem*, 52-60.

³⁰⁵ Cf. *Ibidem*, 62-68.

³⁰⁶ Cf. *Ibidem*, 78-82.

No 8º ano de escolaridade, encontram-se referências ao conceito de fraternidade na Unidade Letiva 1 – “O Amor Humano”, na Unidade Letiva 3 – “A Liberdade” e na Unidade Letiva 4 – “Ecologia e Valores”. Pretende-se, nestas Unidades Letivas, um espírito de responsabilidade perante o ser humano, a consciência de que a liberdade é um bem para a realização pessoal e a atitude/ação humana perante a natureza.³⁰⁷

O 9º ano de escolaridade apresenta a Unidade Letiva 1 – “A Dignidade da Vida Humana” como momento de reconhecimento de atitudes que promovem a dignidade da vida humana.³⁰⁸

O incentivo a gestos fraternos também se realiza ao nível do Ensino Secundário. Assim, na Unidade Letiva 2 – “Valores e Ética Cristã”, na Unidade Letiva 3 – “Ética e Economia”, na Unidade letiva 4 – “A Civilização do Amor”, na Unidade Letiva 6 – “Um Sentido para a Vida”, na Unidade Letiva 7 – “Ciência e Religião”, na Unidade letiva 10 – “Amor e Sexualidade” propõe-se a compreensão da necessidade de globalizar a solidariedade, a importância do amor nas relações pessoais e sociais, o desenvolvimento de atitudes gratuitas no dom de si, como construtoras de sentido, abertura ao diálogo para integrar os diversos tipos de conhecimento e entender o ponto de vista da tradição cristã sobre o amor humano.³⁰⁹

Após esta análise, poderá referir-se que a fraternidade se apresenta como um conteúdo transversal a todos os anos escolares e a todos níveis de ensino. Esta transversalidade pode, de algum modo, enfatizar a importância de se valorizar o desenvolvimento integral do ser humano, começando pelas mais tenras idades, momento de franco crescimento e de enriquecimento da personalidade. Denota-se, assim, que o elemento central da educação, neste caso em particular de Educação Moral e Religiosa Católica, é o aluno. Como forma de dar resposta ao crescimento autêntico e harmonioso, o programa da disciplina apresenta conteúdos programáticos devidamente articulados como um elemento enriquecedor, quer para a escola, quer para a sociedade, quer para o aluno, peça fundamental do puzzle.

³⁰⁷ Cf. *Ibidem*, 86-92.

³⁰⁸ Cf. *Ibidem*, 94.

³⁰⁹ Cf. *Ibidem*, 108-148.

3. O *digital* no processo ensino-aprendizagem

Se “educar é ajudar a crescer de forma integral e global”³¹⁰, todo o processo ensino-aprendizagem deve favorecer a harmonia pessoal, a autonomia e o desenvolvimento racional, afetivo e moral da pessoa humana. A educação prevê que o crescimento do ser humano deve decorrer de uma forma proporcional nas suas diversas dimensões.³¹¹ Nesse sentido, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica apresenta equilíbrio e uma certa sintonia com a missão de educar, pois a sua principal tarefa é educar para os valores, proporcionando ao aluno uma identificação da sua personalidade, de modo a saber interagir e agir enquanto pessoa em sociedade.³¹² Naturalmente, este contributo de Educação Moral e Religiosa Católica torna-se uma mais-valia, a partir do momento que é considerado o contexto de vida dos alunos, para que haja uma pedagogia adequada. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica deve ser, então, um enriquecimento pedagógico e educativo na sua realidade escolar de atuação.

Sendo uma disciplina de rigor e exigência científica, como as outras que compõem o currículo, tem igualmente metas, finalidades e conteúdos a cumprir. Portanto, tem de perspetivar as suas linhas de ação de forma apelativa, diferenciada e pedagógica, visando sempre a formação harmoniosa da pessoa humana. Há um grande desafio, por parte desta área curricular, no sentido de desencadear contextos pedagógicos e educativos que invistam em toda a formação educativa do aluno.

Perante a sociedade “do não me comprometas”, a sociedade que exige uma resposta no imediato, Educação Moral e Religiosa Católica, no contexto educativo, tem de ser inovadora e proativa, aquando da lecionação dos seus conteúdos programáticos.³¹³ Digamos que o seu investimento na diversificação de pedagogias deve ser tão veloz quanto o é o mundo da informação e da tecnologia. Atualmente, o mundo global, o mundo em rede, o mundo digital é uma realidade inevitável na educação, designadamente nesta disciplina. Na era do digital assiste-se à inovação. Esta é, claramente, entendida como sendo “uma das exigências prioritárias do presente”³¹⁴.

³¹⁰ Isabel Vilaça e Vítor Carmona. “Os contextos pedagógicos e educativos da Educação Moral e Religiosa Católica”, *Pastoral Catequética*, 5 (2006), 89.

³¹¹ *Cf. Ibidem.*

³¹² *Cf. Ibidem.*

³¹³ *Cf. Ibidem*, 91.

³¹⁴ Hélder Pires. “Inovação e relação pedagógica”, *Pastoral Catequética*, 26 (2013), 121.

Na verdade, inovar não remete apenas para uma mudança, mas antes para a implementação de uma nova realidade no sistema educativo, pressupondo-se melhorias significativas no processo ensino-aprendizagem. Trata-se, portanto, de uma alteração intencional no contexto das práticas educativas, que exige esforço e atuação persistente por parte do educador. A inovação é um processo aliciente, mas também poderá ser complexo e problemático. A questão da inovação é uma realidade atrativa sempre que se desencadeiam estratégias pedagógicas que estimulam o envolvimento e a aprendizagem dos alunos. Evidentemente, essas pedagogias diferenciadas e motivadoras têm como principal impulsionador o professor, que assume uma atitude proativa, considerando sempre os alunos e o seu contexto escolar.³¹⁵

De particular relevo surge o facto de o mundo digital / o mundo virtual ser um aspeto importante da realidade, na medida em que o “virtual é aquilo que existe”³¹⁶, em que o virtual se opõe ao atual e não ao real. O virtual pode ser visto como um elemento “sem território”, onde se concretizam situações distintas sem haver conexão com espaço e com o tempo.³¹⁷

Hodiernamente, vive-se a era da informação, a era dos dispositivos tecnológicos, graças ao contínuo desenvolvimento de várias áreas científicas. As tecnologias contribuem para uma sociedade mais flexível, mais autónoma, mais apta para troca de informação e comunicação. Elementos essenciais para a dinâmica da atual sociedade.³¹⁸

Com o evidente crescimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação, assistiu-se, na educação portuguesa, à implementação das novas tecnologias nas escolas, havendo até uma preocupação crescente no recurso a jogos educativos como meio de aprendizagem. Marc Prensky, autor da obra *Digital Game-Based Learning*, refere que os sucessos na aprendizagem se prendem com o envolvimento e diversão associados aos jogos.³¹⁹

Ana Amélia Carvalho partilha da mesma opinião acerca dos jogos digitais, afirmando que:

³¹⁵ Cf. *Ibidem*, 122-124.

³¹⁶ Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, *O digital no serviço da fé: formar para uma oportunidade* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2016), 106.

³¹⁷ Cf. *Ibidem*, 108.

³¹⁸ Cf. Miguel Neto, *Igreja e encontro na estrada digital* (Cascais: Príncipe Editora, Lda., 2017), 42.

³¹⁹ Cf. Marc Prensky. *Digital Game-Based Learning*. (St. Paul: Peragon House, 2001).

“Os jogos digitais apresentam um espaço motivador capaz de desenvolver nos seus utilizadores competências essenciais para a sociedade atual, como pensamento crítico, trabalho em equipa, resolução de problemas, colaboração entre pares, uso de línguas estrangeiras, facilidade em usar a tecnologia, entre outras.”³²⁰

Naturalmente, a aplicação de jogos digitais, à semelhança de outra prática letiva, implica uma análise prévia dos conteúdos programáticos a abordar, bem como do grupo-turma, no sentido de se conhecer as aptências, as preferências, as dificuldades, para que a materialização desta ferramenta educativa promova um ensino produtivo e de qualidade. Portanto, através da potencialidade das tecnologias e do jogo, situamo-nos perante o processo de gamificação, em que este consiste no “design do jogo”. Este conceito envolve a motivação, cumprimento de regras, espírito de competição, vontade de transitar de nível, o que implica o conhecimento das matérias, o interesse pelo jogo, em grupo. Todos estes elementos, associados ao contexto educacional, favorecem a interiorização, consolidação de conhecimentos. A motivação, aqui enunciada, pode estar associada ao comprometimento do jogador, desenvolvendo o espírito de compromisso. Outros aspetos fundamentais no processo ensino-aprendizagem são também desenvolvidos com jogos digitais, nomeadamente a capacidade de tomada de decisões e a resolução de problemas.³²¹

Mas, porquê gamificação na educação? Atualmente, a gamificação assume particular destaque, no contexto escolar, pois permite garantir alunos/jogadores mais ativos, concentrados e motivados, que aprendem as diferentes matérias de uma forma lúdica. Este envolvimento na tarefa digital pode adquirir maior sucesso educativo se se recorrer, por exemplo ao sistema de recompensa, em que se estabelece a comparação de um aluno a um herói. Para tal, torna-se essencial que os fatores empenho e motivação se mantenham na primeira linha de atuação. A par destes elementos deve estar presente o

³²⁰ Ana Amélia Carvalho Carvalho, “Mobile-Learning: Rentabilizar os Dispositivos Móveis dos Alunos para Aprender” in *Aprender na Era Digital: Jogos e Mobile-Learning*, (Santo Tirso: De Facto Editores, 2012), 153.

³²¹ Cf. Dora Freire e Ana Amélia Carvalho, “Jogo, Gamification e Competição: Implicações em Contextos de Aprendizagem” in *Atas do 3º Encontro sobre Jogos e Mobile Learning*, (Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, LabTE, 2016), 591-599.

reforço positivo, que será emitido pelo educador, promovendo o sucesso da dinâmica pedagógica digital.³²²

Assim sendo, no âmbito da prática letiva de Educação Moral e Religiosa Católica, o jogo digital assume um papel de especial relevância, desde os aspetos acima referidos até ao desafio, à exigência inerente à disciplina. Fundamentalmente, a aplicação de dinâmicas digitais, no contexto de uma aula, visa desenvolver, nos jovens, competências que os preparem para a realidade atual. Este espaço inovador privilegia o desenvolvimento do pensamento crítico, o trabalho em equipa, a resolução de problemas, a recapitulação de conteúdos, o reforço de aprendizagens menos assimiladas e a motivação.

Nesse contexto, a Prática de Ensino Supervisionada descrita, no presente Relatório, incide na preparação e concretização de um jogo de tabuleiro digital, que foi aplicado na lecionação da Unidade Letiva “Construir a Fraternidade”, decorrendo durante seis aulas. Na primeira aula, a docente apresenta aos alunos o jogo digital, intitulado *Frater Game*, bem como toda a sua dinâmica. Este consiste na realização de diversos desafios com variadas estratégias metodológicas. Cada casa do jogo só é superada, quando a concretização do desafio proposto for concluída. No sentido de favorecer a interação, o empenho, a motivação, assimilação de conteúdos, o espírito de equipa, a capacidade de tomada de decisões, o jogo digital contempla distintos recursos pedagógicos, como a projeção de vídeo, música, preenchimento de espaços lacunares, debate, partilha de vivências, dinâmicas de grupo.

Para além de uma grande diversidade de estratégias pedagógicas, o jogo *Frater Game* destaca-se pela coerência e ligação das diferentes temáticas abordadas, havendo sempre um fio condutor. Por outro lado, também proporciona ao aluno a possibilidade de se situar na casa de jogo, tendo a real noção em que momento se encontra o jogo. O mesmo termina com a hiperligação a outra metodologia lúdico-pedagógica, chamada “Quem quer ser fraterno?”. Esta visa a consolidação de conhecimentos. Aqui, conseguiu-se apurar um vencedor, que recebeu um diploma de campeão, e premiar todos os outros elementos da turma com um diploma de participação nas aulas de Educação Moral e Religiosa Católica.

³²² Cf. Rolando Barradas e José Alberto Lencastre, “Gamification: uma abordagem lúdica à aprendizagem” in *Atas do 3º Encontro sobre Jogos e Mobile Learning*, (Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, LabTE, 2016), 220-230.

O aspeto gráfico, o design do tabuleiro de jogo digital foi também uma das preocupações quando se planificou. Procurou-se uma sintonia entre as imagens, as cores, a funcionalidade do tabuleiro de jogo.

O jogo *Frater Game* foi um exemplo de pedagogia inovadora que a docente materializou. Entretanto, também havia desenvolvido uma página digital com um jogo, denominado *Cristian Game* (<http://cristianismo.rf.gd>). Este, no âmbito da Unidade Letiva 2 – “As Religiões” do 7º ano de escolaridade, realiza-se online com dois jogadores (a turma é dividida em dois grupos e cada grupo tem um porta-voz), em que vão surgindo respostas à medida que o jogador acerta. Quando este perde, lança-se, novamente, o dado e o outro jogador avança para a casa que lhe foi atribuída. Há, ainda, casas surpresa, que permitem avançar e recuar no jogo. Todo o design desta ferramenta envolve os utilizadores, na medida que houve uma preocupação com a sua apresentação, com as imagens e com as músicas/sons, de maneira a estabelecer um verdadeiro espírito de jogo, dinamizando aprendizagens menos apelativas com sucesso, através do aspeto lúdico.

Portanto, o mundo digital, no processo ensino-aprendizagem, é um mundo imparável, um mundo verdadeiramente aliciante, cativante, na medida em que se assiste a alunos entregues a essa realidade integralmente. O digital, para além do aluno, centro de toda a atividade educacional, é uma realidade que implica diretamente o educador. Este tem de ser proativo, dinâmico e dedicado em prol do enriquecimento da pessoa humana, pela qual é responsável no ato educativo.

4. Contexto escolar da Prática de Ensino Supervisionada

A Prática de Ensino Supervisionada pressupõe a sua concretização num contexto escolar. Neste caso, esta decorreu no Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, concretamente na Escola Básica 2/3 de Nogueira, uma unidade escolar do agrupamento. Essa realidade educativa é devidamente apresentada, considerando a sua localização, o contexto, as finalidades, os princípios e os valores, as metas e as estratégias, que constituem o Projeto Educativo previsto para o triénio 2016-2018.³²³

³²³ Cf. Projeto Educativo. “Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio.” Consultado a 15 de abril, 2018. http://www.esas.pt/images/fichs/1516/PE_AESAS_2016_2018.pdf.

No segundo momento, efetua-se uma caracterização da turma E do 5º ano de escolaridade, a turma onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada. Para a proposta de caracterização da turma, partiu-se de uma dinâmica de apresentação, que permitiu traçar elementos que identificam individualmente cada discente.

4.1. O Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio e o seu Projeto Educativo

O Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio é uma escola pública, com a sua localização em Braga. O atual Agrupamento de Escolas resultou da agregação da Escola Secundária Alberto Sampaio e com a Escola Básica 2,3 de Nogueira, em abril de 2013. Portanto, neste momento, conta com treze estabelecimentos escolares, entre Jardins de Infância, Escolas Básicas e Escola Sede – Escola Secundária Alberto Sampaio.³²⁴

O AEAS recebeu o nome do seu patrono, Alberto Sampaio, que nasceu, em novembro de 1841, em Guimarães. Foi um homem de “grada da região, homem de superior cultura, um dos vultos eminentes da geração de 70 e, por isso, com projeção nacional, sobretudo nos campos da História e da Etnografia”³²⁵.

Para um conhecimento de maior profundidade sobre o AEAS, torna-se fulcral uma análise do seu Projeto Educativo para o triénio 2016-2018. Mas afinal em que consiste um Projeto Educativo? É “o documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe cumprir a sua função educativa”³²⁶.

O contexto envolvente do AEAS é sobretudo urbano, embora haja algumas referências rurais. Nesse sentido, o público de cada uma das unidades educativas é distinto, estando, pois, algumas unidades situadas em zonas rurais, no limite da periferia do concelho, e outras em contexto urbano. Neste momento, o AEAS tem um total de 3142 alunos.³²⁷

³²⁴ Cf. *Ibidem*.

³²⁵ *Ibidem*, 5.

³²⁶ Ministério da Educação e Ciência. “Decreto-Lei 75/2008, de 22 de abril, Art.º 9.º.

³²⁷ Cf. Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio. “Projeto Educativo”, 12.

Perante os princípios e valores orientadores constantes no Projeto Educativo, o AESAS pretende constituir-se “como escola pública, baseada na promoção da educação para todos. Educação essa orientada para a dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos e equidade social.”³²⁸. Definiram-se, assim, como princípios e valores de atuação a Liberdade e Responsabilidade, o Humanismo e a Equidade, a Qualidade e Transparência, o Conhecimento e Inquietação, a Fraternidade e Sustentabilidade, Participação e Motivação.³²⁹

Relativamente às Metas e Estratégias, estas foram divididas em dois domínios: Sucesso Educativo e Organização e Gestão da Escola. Na verdade, uma escola visa assegurar o sucesso educativo dos seus alunos nas mais diversas dimensões.

Apesar de se referir o AEAS na sua globalidade, a unidade escolar que houve mais contacto e proximidade foi, efetivamente, a Escola Básica 2/3 de Nogueira. Aqui, foi o espaço de maior convívio e onde se concretizou a Prática de Ensino Supervisionada. É um lugar de ensino bastante acolhedor, que recebe muitos alunos, sobretudo da parte oeste da cidade de Braga. É uma realidade escolar que se apresenta como um verdadeiro desafio, devido à diversidade e à heterogeneidade dos alunos. Estes discentes, talvez devido ao contexto geográfico, tornam o processo ensino-aprendizagem exigente, na medida em que os seus anseios, preocupações e objetivos podem divergir dos escolares. E, num contexto em que o próprio Projeto Educativo prevê uma educação que promova a dignidade da pessoa humana, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica tem de o encarar com acrescido entusiasmo e proatividade, ou não fossem esses os princípios e os valores pelos quais se pauta.

4.2. A turma na voz dos alunos

A turma E do 5º ano de escolaridade da Escola Básica 2/3 de Nogueira, pertencente ao Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, no ano letivo 2017/2018, é constituída por vinte e sete alunos. Deste universo de alunos, cinco não se encontram inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, logo frequentam a

³²⁸ *Ibidem*, 16.

³²⁹ *Cf. Ibidem*, 16-17.

disciplina vinte e dois alunos. Estes discentes apresentam idades entre os 10 e os 12 anos. O grupo-turma é composto por nove elementos do sexo masculino e treze elementos do sexo feminino, sendo, assim, heterogénea, quanto ao género. Trata-se de uma turma com cinco alunos com uma retenção e um aluno com duas retenções, no 1º ciclo do Ensino Básico.

Para se proceder à caracterização personalizada de cada elemento da turma, realizou-se uma ficha, no âmbito de dinâmicas de apresentação, que visa expor o “retrato” de cada aluno, preenchendo e ilustrando um “brasão”. A metodologia “O meu Brasão” consiste em responder a sete perguntas, em que cada resposta vai ocupar o respetivo espaço das sete divisões do brasão. A questão um – “As minhas maiores capacidades” – pretende que cada aluno indique as suas capacidades em diferentes dimensões, no sentido de se conhecer as apetências dos mesmos. A questão dois – “A minha maior realização na vida” – procura entender os objetivos e as metas dos discentes. A questão três – “A minha maior dificuldade” – tenciona conhecer os pontos menos positivos, nos diferentes domínios da pessoa humana. A questão quatro – “O meu objetivo de vida” – tenciona conhecer os objetivos, para que se possa atuar de forma mais consertada em todo o processo de formação do aluno. A questão número cinco – “As minhas esperanças” – visa que se perceba se a esperança é um princípio pelo qual o aluno de hoje ainda se move. A questão seis – “O meu lema” – aponta o conhecimento da existência ou não de uma norma de vida. A pergunta sete – “Os meus valores” remete para a perceção do conceito de valores nesta faixa etária.

Depois das respostas dos alunos às diferentes questões, que constituíam a ficha de autocaracterização, procedeu-se à análise das mesmas, recorrendo à metodologia de análise de resultados proposta por Laurence Bardin na sua obra *Análise de Conteúdos*.³³⁰ A sua metodologia tem como princípio a sistematização dos conteúdos em análise, tornando a sua leitura e interpretação mais acessível.

Optou-se por esta estratégia de caracterização dos discentes, pois, através das suas próprias palavras, a sua descrição demonstra uma maior proximidade da realidade de cada indivíduo da turma, pois são enunciadas subcategorias muito próprias e personalizadas, adquirindo particular ênfase na caracterização da turma E do 5º ano de escolaridade.

Considerando a tabela abaixo apresentada, de uma forma geral, a turma manifesta traços de elementos portadores de um espírito alegre, positivo e criativo. No domínio das

³³⁰ Cf. Laurence Bardin, *Análise de Conteúdo*, (Lisboa: Edições 70, 2011), 40.

capacidades, há maior destaque para a prática de desporto, especificamente futebol e ginástica. As capacidades dos intervenientes também se evidenciam pelo interesse em cultivar a amizade. Quanto à categoria “a minha maior realização”, esta apresenta distintas subcategorias, no entanto a “vontade de querer ter irmãos” e “nascer” assumem relevo, demonstrando o gosto pela vida e a partilha dela com o próximo, neste caso os seus irmãos. No registo das dificuldades, parece haver uma certa homogeneidade ao nível processo ensino-aprendizagem na área da interpretação de enunciados e na área curricular da Matemática. Revelam, também, dificuldade em atingir o nível superior de um jogo, devido à exigência do mesmo. A categoria “o meu objetivo de vida” expõe várias subcategorias, contudo é de realçar a necessidade de ser feliz e de ser rico. Estes elementos, de algum modo, denunciam a valorização da felicidade em detrimento de outros bens mais materialistas.

Conscientes da realidade global, apontam como esperança, categoria apresentada no questionário, a necessidade de haver um mundo sem guerra. Reforçam, pelo número de respostas obtidas, o lema de “nunca desistir”. Trata-se de um aspeto que espelha a determinação e a garra destas crianças. Entre os valores do amor, liberdade, família e amizade, deram especial importância aos da amizade e da família, o que traduz o interesse e apreço que estes discentes nutrem pelos mesmos.

Pelo exposto, a turma manifesta fortes laços de amizade, bem como muita determinação e muitas expectativas perante a vida. Denotam um ambiente saudável e de alegria no contexto turma e no contexto escolar. Apresentam, sobretudo, aspetos adequados à faixa etária, como a curiosidade e a imaginação, mas valorizando o princípio da amizade e da família. O contexto familiar parece ser um espaço de afeto, encontro e partilha privilegiado pelos alunos da turma E do 5º ano de escolaridade. Este elemento comprova a atitude de carinho, de honestidade e de solidariedade que se vive em contexto de sala de aula.

Tabela 1: Codificação da autocaracterização dos alunos

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
Autocaracterização	1 – As minhas maiores capacidades	Fazer ginástica	N.º 13, 33;
		Usar o computador	N.º 8;
		Jogar futebol	N.º 7, 15, 25, 30, 31;
		Ser bom aluno	N.º 1;
		Fazer amizade	N.º 3, 26;
		Representar	N.º 16;
		Viver	N.º 20;
	2 – A minha maior realização na vida	Frequentar ginástica	N.º 13;
		Viajar	N.º 8;
		Ser futebolista	N.º 25,30;
		Nascer	N.º 3, 33;
		Vida feliz	N.º 1;
		Ter irmãos	N.º 26,31;
		Ter quatro cães	N.º 24;
	3 – A minha maior dificuldade	Ser aluno de excelência	N.º 2;
		Matemática	N.º 2, 13,16, 24, 26, 29;
		Estar atento nas aulas	N.º 8;
		Atingir o nível de um jogo	N.º 30 25 15;
		Aluno de excelência	N.º 33;
		Interpretação	N.º 20, 35;
		Jogar às apanhadinhas	N.º 3;
	4 – O meu objetivo de vida	Pintar	N.º 7;
		Chegar aos Jogos Olímpicos	N.º 13;
		Ter filhos	N.º 8;
		Ser rico	N.º 1, 30;
		Ser feliz	N.º 24, 29;
		Ver neve	N.º 3;
		Ser o melhor programador	N.º 2;
	5 – As minhas esperanças	Ser famoso	N.º 16;
		Professora de ginástica	N.º 13;
Conseguir		N.º 1;	
O mundo sem guerra		N.º 24, 26;	
Ser bom aluno		N.º 3;	
Sonhar, nunca desistas		N.º 3;	
Ser boa pessoa		N.º 31;	
Depois da tempestade vem o sol	N.º 20;		
	Professora de ginástica	N.º 13;	
	Nunca desistir	N.º 7, 8, 10, 26;	

	6 – O meu lema	Viver e morrer	N.º 30;
		Temos asas podemos voar!	N.º 33;
		Não digas nunca!	N.º 1;
		Aprender a viver	N.º 25;
		Sonhador	N.º 24, 29;
		Ousadia e alegria	N.º 15;
		Devagar se vai ao longe.	N.º 2, 19;
		Viver um dia de cada vez	N.º 16;
	7 – Os meus valores	Amizade	N.º 7, 13, 16, 24, 26, 31, 33, 35;
		Família	N.º 1, 8, 15, 25, 30, 31;
		Liberdade	N.º 24, 26;
		Amor	N.º 20;

5. A leção da Unidade Letiva “Construir a Fraternidade” de 5º ano de escolaridade

A prática letiva apresenta-se como um desafio permanente, na medida em que pressupõe uma planificação prévia dos conteúdos programáticos a lecionar e *in loco* essa planificação poderá ser objeto de alteração de acordo com as necessidades impostas pelos alunos. Na verdade, é este desafio que torna o processo ensino-aprendizagem mais enriquecedor. Paralelamente, impõem-se diversificadas estratégias pedagógicas e mais inovadoras que correspondam às gerações da era do digital e informatizadas. Nesse sentido, o docente deve estabelecer prioridades na leção, tendo em conta as metas, objetivos e os conteúdos previstos no *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. A par desta sensibilidade por parte do professor terá de existir, ainda, a preocupação para a especificidade inerente a esta disciplina, pois tem um caráter opcional de frequência facultativa. Assim sendo, há um trabalho de motivação acrescido.

Para o 5º ano de escolaridade, o *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* propõe quatro Unidades Letivas: Unidade Letiva 1 – “Viver juntos”, Unidade Letiva 2 – “Advento e Natal”, Unidade Letiva 3 – “A Família, Comunidade de Amor”, Unidade Letiva 4 – “Construir a Fraternidade”.³³¹

³³¹ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 11.

5.1. Aula número 1 – Introdução da temática “Construir a Fraternidade”

A primeira aula inicia-se com a apresentação da professora e o acolhimento dos alunos. De seguida, procede-se ao registo do sumário, que remete para o estudo do significado da palavra fraternidade e o seu alcance social e religioso; Somos todos irmãos: - Todos somos seres humanos.

Posto isto, a turma é informada que vai iniciar um jogo, denominado *Frater Game*,³³² e que tem de realizar desafios diferentes que surgem nas várias casas do tabuleiro de jogo digital, que se encontra projetado durante a aula. Ao iniciar o jogo, surge **Desafio 1** – (anexo 2). A turma recebe uma mensagem codificada do Papa Francisco. Com a ajuda do ‘alfabeto secreto’, os alunos decifram essa mensagem adaptada sobre o Dia Mundial da Paz de 2014.

1 - MENSAGEM SECRETA: SÊ FRATERNO!

- *lál 3u s*u * Papa Francisc*!
- Sab3s * qu3 é a Frat3rnidade?
- 3' um l aç* de uniã* 3ntr3 as pessoas.
- Trata cada c*lega t3u c*m* um verdad3ir* irmã* 3 uma v3rdad3ira irmã. 3' assim que um cristã* d3v3 v3r * mund*!
- R3sp3ita * outr*!



Alfabeto secreto:
Troca o * por "O"
Troca o 3 por "E"

Figura 4: Desafio 1 – Mensagem Secreta: Sê Fraternal!

Ao avançar no tabuleiro de jogo, no **Desafio 2 – BD – Temos uma origem comum** (anexo 3) apresenta-se o mapa sobre a expansão geográfica do *homo sapiens* (homem muito inteligente) com o propósito de que os alunos percebam que o ser humano atual tem uma origem comum no sul do continente africano.

2 -BD - Temos uma origem comum

- Completa a BD

Ajuda: Manual 92 -95

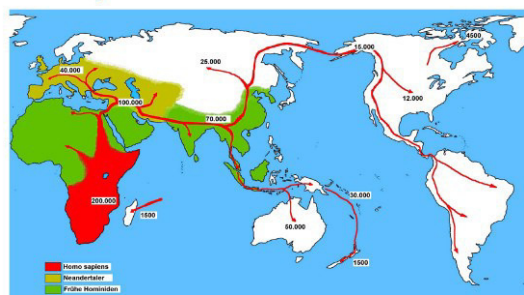


Figura 5: Desafio 2 – BD – Temos uma origem comum

³³² Cf. anexo 1 (jogo *Frater Game*).

Entretanto, cada aluno recebe a Banda Desenhada (anexo 3) e regista as informações sobre o trabalho a desenvolver: colar autocolante; desenhar; pintar; ordenar frase. Deste modo, os alunos organizam por si a informação base a reter sobre a origem comum da humanidade.

O **Desafio 3 – Dinâmica “O feitiço virou-se contra o feiticeiro”** propõe uma tarefa de grupo com o intuito de explicar aos alunos a relação entre os seus atos e as eventuais consequências. Aqui, procede-se a uma abordagem, esclarecendo que o ser humano, num contexto relacional em que está inserido, pode condicionar a vida dos outros seres humanos através dos seus comportamentos. Cada aluno recebe um papelinho, onde escreve uma ação para o colega de mesa desempenhar. Posteriormente, informa-se a turma que o jogo

denomina-se “o feitiço virou-se contra o feiticeiro”. Como o nome já deixa adivinhar, selecionam-se dois alunos para executarem as suas próprias ações.

3 – Dinâmica de Grupo

- 1 – Escreve num papelinho uma ação para o colega do lado executar.
- 2 – Na verdade, este jogo chama-se “O feitiço virou-se contra o feiticeiro”.
- 3 – Vamos escolher 2 alunos, mas para executarem a sua própria ação!

Os nossos atos tem consequências. Reflete nisso... Coloca-te sempre no lugar do outro. Pratica o bem!

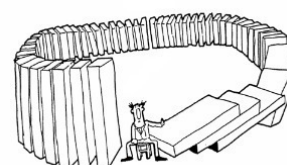


Figura 6: Desafio 3 – Dinâmica de grupo

Este exercício visa incentivar os alunos a colocarem-se, sempre que possível, no lugar do outro, antes de agirem ou reagirem no seu quotidiano, pois os atos de cada um têm implicações diretas nas vidas dos outros. Os comportamentos, bons ou maus, consoante respeitem o outro ou não, podem provocar felicidade ou infelicidade.

Perante o **Desafio 4 – Compromisso**, a turma é conduzida a decifrar a mensagem “Cada um colhe o que semeia”. Neste momento, pede-se à turma que tenha coragem de assumir um compromisso em ser mais responsável pelo outro, a cuidar do outro, a respeitar os colegas, a fazer ações positivas para promover o bem. Cada aluno regista, no seu caderno diário, o seu compromisso pessoal: “Eu comprometo-me a...”.

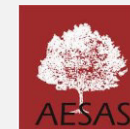
4 – Compromisso

Eu comprometo-me a...



Cada um colhe o que semeia

Figura 7: Desafio 4 - Compromisso



Planificação de Aula

Unidade Letiva: Construir a Fraternidade
Aula n.º 1/6

Ano: 5ºano | Turma: E
Data: 07/11/2017 | 08h20m
Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: Introdução da temática “Construir a Fraternidade”.			- Apresentação, acolhimento e registo do sumário.		5 min.	Assiduidade Pontualidade Empenho
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano.	O significado da palavra “fraternidade” e o seu alcance social e religioso. Somos todos irmãos: - Todos somos seres humanos.	- Introdução à temática de Construir a Fraternidade - Realização do Frater Game (anexo 1 – powerpoint) que inclui os seguintes desafios: Desafio 1 – Mensagem Secreta: Sê Fraterno (anexo 2). A turma recebe uma mensagem codificada do Papa Francisco. Com a ajuda do ‘alfabeto secreto’, os alunos terão de decifrar essa mensagem adaptada sobre o Dia Mundial da Paz de 2014.	- Quadro e marcador; - Computador; - Colunas; - Projetor; - Manual de 5º ano de Educação Moral e Religiosa Católica (páginas 92 a 95); - Anexo 1 – Frater Game (Power Point).;	10 min. 15 min.	- Observação direta; - Respeito pelo grupo; - Realização das tarefas propostas; - Atenção e concentração; - Interesse / Motivação; - Cumprimento das tarefas propostas.

			<p>Desafio 2 – BD – Temos uma origem comum (anexo 3). Apresentar-se-á o mapa sobre a expansão geográfica do <i>homo sapiens sapiens</i> (homem muito inteligente). Pretende-se que percebam que o ser humano atual tem uma origem comum no sul do continente africano. Entretanto, cada aluno recebe a BD (anexo 3). Serão dadas as informações sobre o trabalho a desenvolver: colar autocolante; desenhar; pintar; ordenar frase. Deste modo, os alunos organizam por si a informação base a reter sobre a origem comum da humanidade.</p> <p>Desafio 3 – Dinâmica “O feitiço virou-se contra o feiticeiro” (anexo 1). O ser humano, num contexto relacional em que está inserido, pode condicionar a vida dos outros seres humanos através dos seus comportamentos. Para explicar aos alunos a relação entre os seus atos e as eventuais consequências, recorrer-se-á a uma dinâmica de grupo. Cada aluno recebe um papelinho, onde deve escrever uma ação para o colega de mesa desempenhar. Posteriormente, informa-se a turma</p>	<p>- Anexo 2 – Mensagem Secreta: Sê Frateno; - Anexo 3 – BD – Temos uma origem comum;</p>	<p>10m</p> <p>5 min</p>	
--	--	--	---	--	-------------------------	--

			<p>que o jogo denomina-se “o feitiço virou-se contra o feiticeiro”. Como o nome já deixa adivinhar, selecionar-se-á 2 alunos (máximo 6, adaptando-se à gestão necessária da aula) para executarem as suas próprias ações.</p> <p>Este exercício pretende incentivar os alunos a colocarem-se, sempre que possível, no lugar do outro, antes de agirem ou reagirem no seu quotidiano. Pois os atos de cada um têm implicações diretas nas vidas dos outros. Os comportamentos, bons ou maus, consoante respeitem o outro ou não, podem provocar felicidade ou infelicidade.</p> <p>Desafio 4 – Compromisso (anexo 1). A turma será conduzida para decifrar a mensagem “Cada um colhe o que semeia”. Assim, pedir-se-á à turma que tenha coragem de assumir um compromisso em ser mais responsável pelo outro, a cuidar do outro, a respeitar os colegas, a fazer ações positivas para promover o bem. Cada aluno regista, no seu caderno diário, o seu compromisso pessoal: “Eu comprometo-me a...”.</p> <p>Decidir-se-á, no momento em função da gestão do tempo, se este compromisso pessoal é para ser</p>		
--	--	--	---	--	--

			iniciado na aula ou concluído em casa.			
--	--	--	--	--	--	--

Tabela 2: Grelha – Planificação da aula número um

5.2. Aula número 2 – Iguais em dignidade

A segunda aula inicia-se com o acolhimento dos alunos. Após o registo do sumário, nesta aula, dá-se continuidade à dinâmica *Frater Game*. Assim, avança-se com o **Desafio 5 – Atribui uma legenda a cada imagem** (anexo 5 – caderno de apoio). Os alunos são confrontados com imagens de vidas difíceis: crianças exploradas, idoso mendigo, escravo negro. Contudo, essas vidas não deixam de ser pessoas. São um dom de Deus. Portanto, têm dignidade e merecem ser respeitadas como tal. De realçar que a visualização destas imagens será acompanhada com a música *sad music*.³³³ Aqui, cada aluno preenche no seu caderno de apoio o desafio, atribuindo uma legenda a cada imagem. De seguida, são apresentadas e comentadas as respostas.



Figura 8: Desafio 5 – Atribui uma legenda a cada imagem

No momento seguinte, realiza-se o **Desafio 6 – Séneca... em direto!** (anexo 4 – Séneca). A professora usa um ‘tablet do tempo’ para comunicar com Séneca, um filósofo romano do séc. I d. C.. Séneca (dramatizado em vídeo pela própria professora). Lê à turma

³³³ Cf. *Sad Music*, consultado a 10 de novembro, de 2017, <https://www.youtube.com/watch?v=gIuotFZnBtk>.

uma carta que escreveu ao seu colega Lucílio sobre a condição humana, defendendo que os escravos são pessoas iguais às outras na forma de nascer, partilhar a terra e morrer.



Figura 9: Desafio 7 – Sêneca... em direto!

No caderno de apoio (anexo 5), os alunos indicam exemplos de escravatura na atualidade - A maior parte das pessoas vítimas da escravatura moderna trabalha em indústrias como agricultura, pesca, construção, confecção têxtil, serviços e trabalho doméstico. Cerca de uma em cada cinco pessoas que são escravizadas são vítimas de exploração sexual.

Perante o **Desafio 7 – Post it – Rótulos na testa...**, a professora seleciona quatro alunos para lhes colocar um *post it* na testa com uma das mensagens:

SOU ESCRAVO: DÁ-ME ORDENS

SOU POBRE: IGNORA-ME

SOU MUITO PODEROSO(A): DÁ-ME GRAXA

SOU DOENTE: DESVIA-TE DE MIM

Esses discentes reagem ao 'rótulo' que os seus colegas exibem. A docente questiona, depois os envolvidos e, posteriormente a turma, para se refletir sobre os preconceitos que temos sobre os outros.

7 – POST IT: RÓTULOS NA TESTA...

- 1 – Post it na testa.
- 2 – Reagir à informação do Post it.

O que sentiste durante a atividade?
Sentiste-te bem? Pressionado?

O que podem extrair dessa experiência?
O que acarreta esse tipo de situação: Preconceitos? O hábito que temos de rotular as pessoas? A própria pessoa não ter autoconfiança e autoestima e irradiar essa energia para os outros?
O que ocorreu durante a atividade, pode acontecer no nosso dia a dia?
As pessoas que foram discriminadas, como se sentiram? O que poderiam fazer para não se sentirem assim?

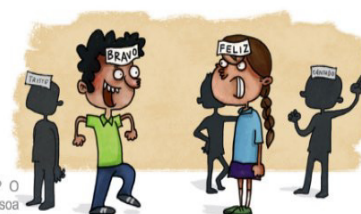


Figura 10: Desafio7 – Post it, rótulos na testa

A sociedade coloca rótulos às pessoas: o ladrão, o negro, o índio, o pobre, o convencido, o chato... Mas, na verdade, somos todos seres humanos. Por exemplo, o mendigo não é um sem-abrigo. Apenas, naquele momento, aquela pessoa está sem abrigo. “Ser” é diferente de “estar”.

Posteriormente, no **Desafio 8 – Todos diferentes... todos iguais**, aborda-se a condição humana de igualdade, apesar das diferenças.

8 – Todos diferentes... Todos iguais.

The infographic consists of four panels, each with an image and a text box:

- Panel 1 (Yellow):** Image of diverse children. Text: "Podemos parecer todos muito diferentes, mas são mais as coisas que nos unem do que aquelas que nos separam."
- Panel 2 (Green):** Image of hands holding a globe. Text: "Todos temos inteligência, somos livres e capazes de amar. Ocupamos um lugar único no mundo."
- Panel 3 (Teal):** Image of a child on a cobblestone street. Text: "A dignidade humana é um grande valor de todas as pessoas. Todos merecemos o mesmo respeito."
- Panel 4 (Blue):** Image of a diverse group of people. Text: "Pobres, ricos, qualquer que seja a nossa raça, temos todos a mesma dignidade."

↓

Figura 11: Desafio 8 – Todos diferentes... Todos iguais.

Como exemplo, visualiza-se um vídeo sobre a história de Malak, uma criança refugiada da Síria a caminho da Europa (anexo 6).³³⁴ No caderno de apoio (anexo 5), a turma registrará o que mais a marcou nesta história real.

Estas crianças não mereciam ser respeitadas na sua dignidade?

Malak
7 ANOS

Mas, depois que eu entrei no barco, eu gostei.
Eu não estava mais com medo.

Malak, de 7 anos, é uma das 2 milhões de crianças que fugiram da violência na Síria com sua família.¹

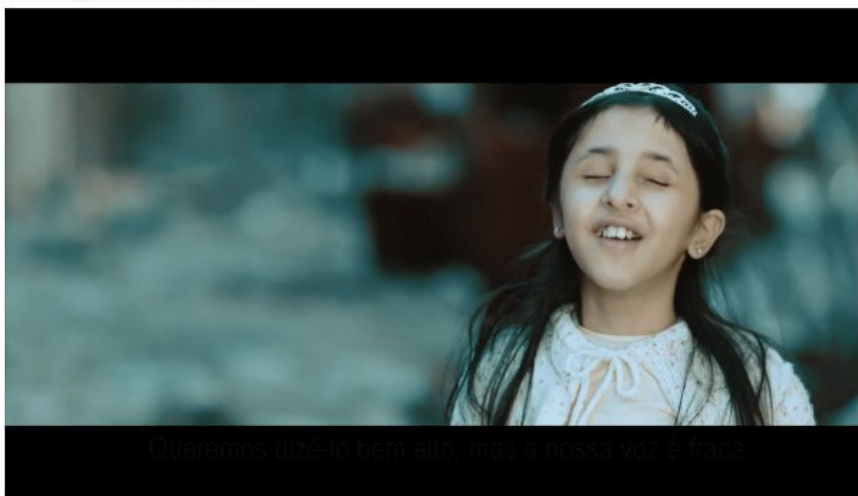
Figura 12: Vídeo da Unicef, história de Malak

³³⁴Cf. “A perigosa viagem de barco até à Grécia vista pelos olhos de uma rapariga refugiada síria”, Unicef, consultado em 11 de novembro, de 2017, <https://www.youtube.com/watch?v=R7qRKGvYhLI>.

Para terminar esta aula, surge o **Desafio 9 – Canção “O bater do coração”** (anexo 7).

A turma acompanha o vídeo: Hearbeat (O bater do coração), canção interpretada por Ansam, uma rapariga síria de 10 anos, uma de muitos milhões de deslocados devido ao conflito.³³⁵ É, simultaneamente, um apelo e uma mensagem de esperança das crianças da Síria para o resto do mundo na data em que se completam 6 anos de guerra no seu país. Os alunos preencherão, no caderno de apoio (anexo 5), um coração com palavras de esperança para as crianças da Síria.

9 - Canção “O bater do coração”



Hearbeat (O bater do coração), canção interpretada por Ansam, uma rapariga síria de 10 anos, uma dos muitos milhões de deslocados devido ao conflito. É, simultaneamente, um apelo e uma mensagem de esperança das crianças da Síria para o resto do mundo na data em que se completam 6 anos de guerra no seu país.

Figura 13: Desafio 9 - Canção “O bater do coração

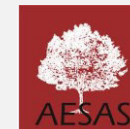
³³⁵Cf. “Heartbeat [O bater do coração]”, Unicef, consultado em 11 de novembro, de 2017, <https://www.youtube.com/watch?v=TJs5myMSsSk>.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
 CENTRO REGIONAL DE BRAGA
 FACULDADE DE TEOLOGIA
 INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
 Mestrado em Ciências Religiosas
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
 Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio

Ano letivo 2017/2018



Planificação de Aula

Unidade Letiva: Construir a Fraternidade
 Aula n.º 2/6

Ano: 5ºano | Turma: E
 Data: 14/11/2017 | 08h20m
 Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: Iguais em dignidade.			- Acolhimento e registo do sumário.		5 min.	Assiduidade Pontualidade Empenho
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano.	Somos todos irmãos: - Todos somos seres humanos.	- Continuação da realização do Frater Game (anexo 1 – powerpoint) que inclui os seguintes desafios: Desafio 5 – Atribui uma legenda a cada imagem (anexo 5 – caderno de apoio). Os alunos são confrontados com imagens de vidas difíceis: crianças exploradas, idoso mendigo, escravo negro. Todavia essas vidas não deixam de ser pessoas. São um dom de Deus.	- Quadro e marcador; - Computador; - Colunas; - Projetor; - Manual de 5º ano de Educação Moral e Religiosa Católica; - Anexo 1 – Frater Game (Power Point); - Anexo 4 – Séneca;	10 min. 5 min.	- Observação direta; - Respeito pelo grupo; - Realização das tarefas propostas; - Atenção e concentração; - Interesse / Motivação; - Cumprimento das tarefas propostas.

			<p>Portanto, têm dignidade e merecem ser respeitadas como tal. Cada aluno preenche no seu caderno de apoio o desafio – atribui uma legenda a cada imagem. Serão, de seguida, apresentadas e comentadas as respostas.</p> <p>Desafio 6 – Séneca... em direto! (anexo 4 – Séneca). A professora usa um 'tablet do tempo' para comunicar com Séneca, um filósofo romano do séc. I d. C.. Séneca (dramatizado em vídeo pela própria professora) lê à turma uma carta que escreveu ao seu colega Lucílio sobre a condição humana, defendendo que os escravos são pessoas iguais às outras na forma de nascer, partilhar a terra e morrer.</p> <p>No seu caderno de apoio (anexo 5), os alunos devem indicar exemplos de escravatura na atualidade - A maior parte das pessoas vítimas da escravatura moderna trabalha em indústrias como agricultura, pesca, construção, confecção têxtil, serviços e trabalho doméstico. Cerca de uma em cada cinco pessoas que são escravizadas são vítimas de exploração sexual.</p>	<p>- Anexo 5 – Caderno de apoio; - Post it's; - Anexo 6 – A história de Malak; - Anexo 7 – Canção "O bater do coração".</p>	<p>10 min.</p> <p>10 min.</p> <p>5 min.</p>	
--	--	--	---	---	---	--

			<p>Desafio 7 – Post it – Rótulos na testa...</p> <p>A professora seleciona dois a quatro alunos para lhes colocar um post it na testa com uma das mensagens:</p> <p>SOU ESCRAVO: DÁ-ME ORDENS SOU POBRE: IGNORA-ME SOU MUITO PODEROSO(A): DÁ-ME GRAXA SOU DOENTE: DESVIA-TE DE MIM</p> <p>Esses discentes vão reagindo ao 'rótulo' que os seus colegas carregam.</p> <p>A professora questiona depois os envolvidos e, posteriormente a turma, para se refletir sobre os preconceitos que temos sobre os outros.</p> <p>A sociedade põe rótulos às pessoas: o ladrão, o negro, o índio, o pobre, o convencido, o chato...</p> <p>Mas, na verdade, somos todos seres humanos. Por exemplo, o mendigo não é um sem-abrigo. Apenas, naquele momento, aquela pessoa está sem abrigo. "Ser" é diferente de "estar".</p> <p>Desafio 8 – Todos diferentes... todos iguais.</p> <p>Abordar-se-á, neste desafio, a condição humana de igualdade, apesar das diferenças. Como exemplo, visualizar-se-á um vídeo</p>		
--	--	--	--	--	--

			<p>sobre a história de Malak, uma criança refugiada da Síria a caminho da Europa (anexo 6). No caderno de apoio (anexo 5), a turma registrará o que mais a marcou nesta história real.</p> <p>Desafio 9 – Canção “O bater do coração” (anexo 7). A turma acompanhará o vídeo: Hearbeat (O bater do coração), canção interpretada por Ansam, uma rapariga síria de 10 anos, uma de muitos milhões de deslocados devido ao conflito. É, simultaneamente, um apelo e uma mensagem de esperança das crianças da Síria para o resto do mundo na data em que se completam 6 anos de guerra no seu país. Os alunos preencherão, no caderno de apoio (anexo 5), um coração com palavras de esperança para as crianças da Síria. Se for necessário, esta tarefa será concluída em casa.</p>			
--	--	--	---	--	--	--

Tabela 3: Grelha – Planificação da aula número dois

5.3. Aula número 3 – A Declaração Universal dos Direitos Humanos

A terceira aula inicia-se com o habitual acolhimento aos alunos, seguido do registo do sumário. Ao proceder ao registo do mesmo, a turma é encaminhada para a temática dos Direitos Humanos. Nesse momento, recomeça-se o jogo *Frater Game* com o **Desafio 10 – Direitos Humanos**. Em simultâneo, os alunos recebem o “Booklet dos Direitos Humanos” (anexo 9).

Como forma de fazer uma ponte entre as aulas anteriores e esta, os alunos visualizam um vídeo (anexo 8) que retrata a igualdade inerente à condição humana. Apesar de diferentes, somos livres e iguais. Logo deveríamos ser todos respeitados. Muitos homens e mulheres lutaram para que o ser humano tivesse adquirido direitos, registados na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Entretanto, a turma resolve um exercício no Booklet, ordenando seis imagens do vídeo. Registrarão, ainda, uma ideia ou frase que os marcou no vídeo.

10 - Direitos Humanos

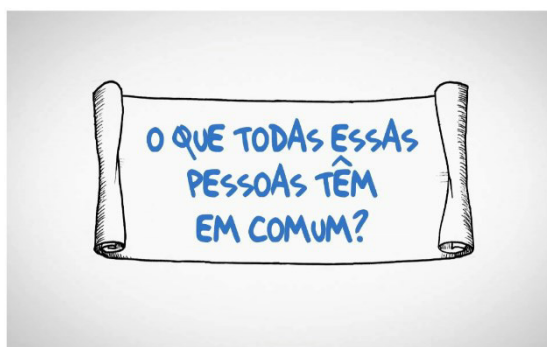


Figura 14: Desafio 10 – Direitos Humanos

No **Desafio 11 – Breve história dos Direitos Humanos** apresenta-se um vídeo que sintetiza a história dos Direitos Humanos (anexo 10).

11 - BREVE HISTÓRIA DOS DIREITOS HUMANOS

No Booklet, os discentes ligam frases sobre o vídeo. Seguidamente, apresentam-se os 30 artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (Booklet, página 5).



Figura 15: Desafio 11 – Breve história dos Direitos Humanos

Neste desafio, **Desafio 12 – Direitos Humanos em Desenho**, cada elemento da turma recebe um cartão com um dos trinta artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (anexo 11). São convidados, posteriormente, a ilustrar no Booklet o respectivo artigo.



Figura 16: Desafio 12 – Direitos Humanos em desenho

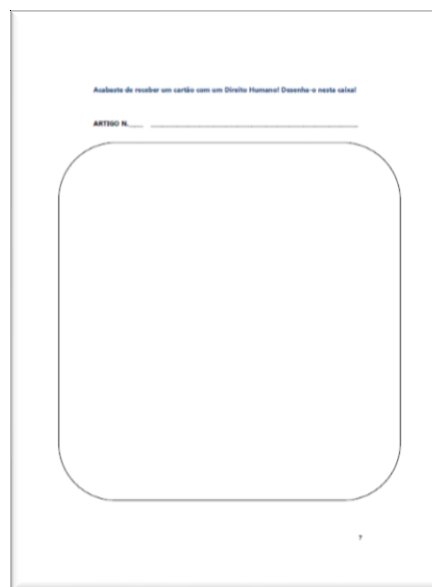


Figura 17: Atividade do Booklet, página 7

A terceira aula termina com o **Desafio 13 – Gentileza gera gentileza**. Temos direitos que nos protegem, temos deveres para cumprir. Cada aluno é responsável por tratar bem o colega, o amigo, o desconhecido. Cada aluno recebe uma pulseira com o *slogan* “Gentileza gera gentileza”.

Com esta dinâmica, a professora aproveitará para incentivar a turma a contribuir com pequenos gestos, ações no cotidiano para que a humanidade se torne mais justa, solidária e responsável.

13 - GENTILEZA GERA GENTILEZA



Figura 18: Desafio 13 – Gentileza gera gentileza

			<p>e iguais. Logo deveríamos ser todos respeitados. Muitos homens e mulheres lutaram para que o ser humano tivesse adquirido direitos, registados na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Entretanto, a turma tem de resolver um exercício no Booklet, ordenando seis imagens do vídeo. Devem, ainda, registar uma ideia ou frase que os marcou no vídeo.</p> <p>Desafio 11 – Breve história dos Direitos Humanos Será apresentado um vídeo que sintetiza a história dos Direitos Humanos (anexo 10). No Booklet, os discentes ligarão frases sobre o vídeo. De seguida, apresentar-se-ão os 30 artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (Booklet, página 5).</p> <p>Desafio 12 – Direitos Humanos em Desenho Neste desafio do Frater Game, cada elemento da turma recebe um cartão com um dos trinta artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (anexo 11). São convidados, posteriormente, a ilustrar no Booklet o respetivo artigo (Booklet, página 7).</p>	<p>- Anexo 9 – Booklet dos Direitos Humanos; - Anexo 10 – Breve história dos Direitos Humanos; - Anexo 11 - Cartões - 30 artigos dos Direitos Humanos; - Pulseira “Gentileza gera gentileza”.</p>	<p>10 min.</p> <p>5 min.</p>	
--	--	--	--	---	------------------------------	--

			<p>Desafio 13 – Gentileza gera gentileza</p> <p>Temos direitos que nos protegem, temos deveres para cumprir. Cada aluno é responsável por tratar bem o colega, o amigo, o desconhecido.</p> <p>Cada aluno recebe uma pulseira com o <i>slogan</i> “Gentileza gera gentileza”.</p> <p>Com esta dinâmica, a professora aproveita para incentivar a turma a contribuir com pequenos gestos, ações no cotidiano para que a humanidade se torne mais justa, solidária e responsável.</p>			
--	--	--	--	--	--	--

Tabela 4: Grelha – Planificação da aula número três

5.4. Aula número 4 – O cuidar das relações humanas no livro *O Príncipezinho*

A quarta aula inicia-se com o acolhimento aos alunos e o registo do sumário. Nesta aula pretende-se explorar a promoção do bem comum, com base no cuidado das relações humanas, partindo da obra *O Príncipezinho* de Antoine de Saint-Exupéry.³³⁶

Neste sentido, a turma é convidada a retomar o jogo *Frater Game*, a partir do **Desafio 14 – *O Príncipezinho***, em que assistem a um vídeo que sintetiza o livro *O Príncipezinho* de Antoine de Saint-Exupéry (anexo 12). A professora faz uma abordagem geral introdutória. Este vídeo apresenta como tema central a amizade que tem de ser cultivada. Os adultos, por vezes, têm dificuldades em cuidar do outro, em tornarem-se responsáveis por aquilo que cativam. Frequentemente, o ser humano esquece-se do essencial e centra-se no assésório das relações. - "Os adultos gostam de números. Quando se fala sobre um novo amigo, nunca perguntam sobre o essencial. Nunca perguntam: 'Qual é o tom da tua voz? Que jogos preferes? Gostas de colecionar borboletas?' Mas por outro lado perguntam: 'Qual é a tua idade? Quantos irmãos tens? Apenas com estes detalhes acreditam conhecê-lo.'"³³⁷

14 – *O Príncipezinho*



Figura 19: Desafio 14 – *O Príncipezinho*

³³⁶ Cf. Antoine de Saint-Exupéry, *O Príncipezinho* (Porto: Porto Editora), 2017.

³³⁷ Saint-Exupéry. *O Príncipezinho*, 22-23.

Com o **Desafio 15 – *Cativar é...***, no quadro, desenvolve-se uma chuva de ideias. Para tal, recorre-se aos significados e sinónimos de ‘cativar’ associados a prender, para, posteriormente, se chegar à ideia da obra: “Cativar é criar laços”, impressionar positivamente o outro pelo seu carácter, pela sua personalidade, fazer amizades, cuidar das relações humanas, ser responsável por quem se cativa.

15 – *Cativar é...*

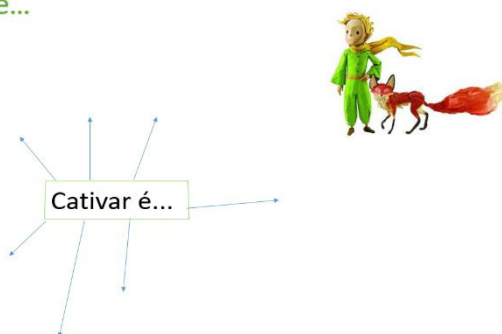


Figura 20: Desafio 15 – *Cativar é...*

A professora entrega, de seguida, o texto “O Príncipezinho e a raposa” (anexo 13), explorando as frases a negrito:

- “Que quer dizer “cativar”?”
- Significa “criar laços”
- se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...
- só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.
- Tornas-te eternamente responsável por aquilo que cativas.”³³⁸

O **Desafio 16 – Acróstico** propõe que os alunos e a professora construam, em conjunto, um acróstico sobre ‘CATIVAR’.

16 - Acróstico

C
A
T
I
V
A
R



Figura 21: Desafio 16 - Acróstico

³³⁸ Saint-Exupéry. *O Príncipezinho*, 81.

A fechar a aula, no **Desafio 17 – Amar pelos dois**, a docente apresenta um vídeo (anexo 14) que associa a relação de amizade e responsabilidade de *O Príncipezinho* com a sua rosa com a música ‘Amar pelos dois’ do cantor Salvador Sobral.

17 – *Amar pelos dois*

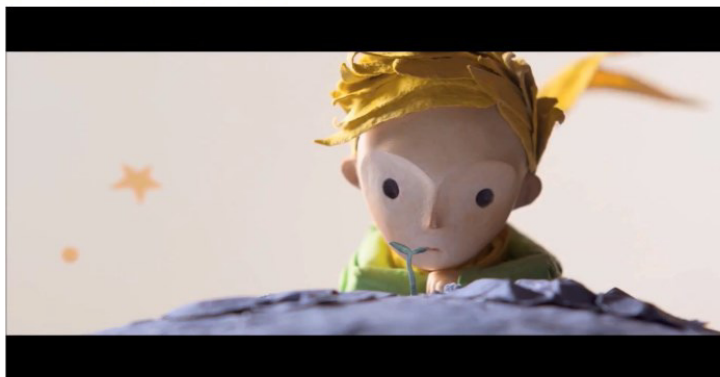
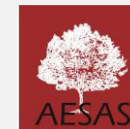


Figura 22: Desafio 17 – “Amar pelos dois”



Planificação de Aula

Unidade Letiva: Construir a Fraternidade
Aula n.º 4/6

Ano: 5ºano | Turma: E
Data: 28/11/2017 | 08h20m
Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: O cuidar das relações humanas no livro “O Príncipezinho”.			- Acolhimento e registo do sumário.		5 min.	Assiduidade Pontualidade Empenho
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	7. Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.	Promoção do bem comum, com base no cuidado das relações humanas, partindo de <i>O Príncipezinho</i> de Antoine de Saint-Exupéry.	- Continuação da realização do Frater Game (anexo 1 – powerpoint) que inclui os seguintes desafios: Desafio 14 – “O Príncipezinho” A turma assistirá a um vídeo que sintetiza o livro <i>O Príncipezinho</i> de Antoine de Saint- Exupéry (anexo 12). A professora fará uma abordagem geral introdutória. Este vídeo apresenta como tema central a amizade que tem de ser cultivada. Os adultos, por vezes, têm dificuldades em cuidar do	- Quadro e giz; - Computador; - Colunas; - Projetor; - Manual de 5º ano de Educação Moral e Religiosa Católica; - Anexo 1 – Frater Game (Power Point); - Anexo 12 – <i>O Príncipezinho</i> ;	15 min.	- Observação direta; - Respeito pelo grupo; - Realização das tarefas propostas; - Atenção e concentração; - Interesse / Motivação; - Cumprimento das tarefas propostas.

			<p>outro, em tornarem-se responsáveis por aquilo que cativam. Muitas vezes, o ser humano esquece-se do essencial e centra-se no assessorio das relações. - "Os adultos gostam de números. Quando se fala sobre um novo amigo, nunca perguntam sobre o essencial. Nunca perguntam: 'Qual é o tom da tua voz? Que jogos preferes? Gostas de colecionar borboletas?' Mas por outro lado perguntam: 'Qual é a tua idade? Quantos irmãos tens? Apenas com estes detalhes acreditam conhecê-lo."</p> <p>Desafio 15 – Cativar é... No quadro, desenvolver-se-á uma chuva de ideias. Para tal, recorrer-se-á aos significados e sinónimos de 'cativar' associados a prender, para, posteriormente, se chegar à ideia da obra – "Cativar é criar laços", impressionar positivamente o outro pelo seu carácter, pela sua personalidade, fazer amizades, cuidar das relações humanas, ser responsável por quem se cativa. A professora entregará, de seguida, o texto "O Príncipezinho" e a raposa (anexo 13), explorando as frases a negrito: - "Que quer dizer "cativar"? - Significa "criar laços"...</p>	<p>- Anexo 13 – Cap XXI – <i>O Príncipezinho e a raposa</i>; - Anexo 14 – <i>Amar pelos dois</i>.</p>	<p>10 min.</p> <p>5 min.</p> <p>5 min.</p> <p>5 min.</p>	
--	--	--	---	--	--	--

			<p>- se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...</p> <p>- só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.</p> <p>- Tornas-te eternamente responsável por aquilo que cativas.”</p> <p>Desafio 16 – Acróstico Os alunos e a professora construirão, em conjunto, um acróstico sobre ‘CATIVAR’.</p> <p>Desafio 17 – Amar pelos dois A fechar a aula, a docente apresenta um vídeo que associa a relação de amizade e responsabilidade de “O Príncipezinho” com a sua rosa, com a música ‘Amar pelos dois’ do cantor Salvador Sobral.</p>			
--	--	--	---	--	--	--

Tabela 5: Grelha – Planificação da aula número quatro

5.5. Aula número 5 – O bem comum e o cuidar do outro

A aula número cinco terá o seu início com o acolhimento aos alunos e o registo do sumário. Sendo a promoção do bem comum e do cuidado do outro os conteúdos a desenvolver nesta aula, a docente, com base nos gestos dos alunos e nos exemplos de personalidades importantes neste domínio, como Mahatma Gandhi, Martin Luther King Jr. e Beata Teresa de Calcutá, explorará as temáticas propostas.

O **Desafio 18 – Vamos criar laços** apresenta-se como o primeiro enigma desta aula. Neste momento, a professora recorda com a turma a necessidade de ‘criar laços’, ideia explorada na aula anterior, a partir da obra *O Príncipezinho*.

Destaca, de seguida, o papel de cada pessoa na construção de um mundo mais fraterno. Há necessidade, como afirma o Papa Francisco, da pessoa cuidar as relações humanas (ecologia humana) ou, de uma forma mais global, da pessoa preservar harmoniosamente as relações com o outro e com a Terra (ecologia integral).

Assim, cada aluno é incentivado a pensar na importância dos seus pequenos gestos. De forma simbólica, neste contexto, a professora apresentará um papel de cenário no quadro. Cada aluno recebe um laço em cartão, onde regista uma palavra que considere pertinente para o cuidado do outro.

A docente cola, posteriormente, os laços no papel de cenário, intitulado “Laços fraternos”.

18 – Vamos criar laços

- Construir um mundo mais fraterno depende de cada um de nós.
- Escreve no teu “laço” uma palavra que contribua para o cuidado do outro.



Figura 23: Desafio 18 – Vamos criar laços

Perante o **Desafio 19** – **Cromos da Fraternidade** do *Frater Game*, a professora distribuiu a Caderneta: Cromos da Fraternidade (anexo 15) e os Cromos autocolantes (anexo 16).

19 – Cromos da Fraternidade



Figura 24: Desafio 19 – Cromos da Fraternidade

Ao longo da história da Humanidade, houve pessoas que se distinguiram por terem ajudado a construir um mundo mais fraterno. A docente apresenta brevemente Martin Luther King Jr., Mahatma Gandhi e a Beata Teresa de Calcutá, enquanto personalidades que pugnaram contra as desigualdades sociais, pelos direitos humanos, pela defesa dos mais necessitados.

Durante essa análise, os alunos colam os cromos no respetivo espaço da Caderneta. Analisam-se, ainda, algumas frases emblemáticas dessas personagens históricas.

Este desafio terminará com um momento lúdico de resolução de um labirinto.

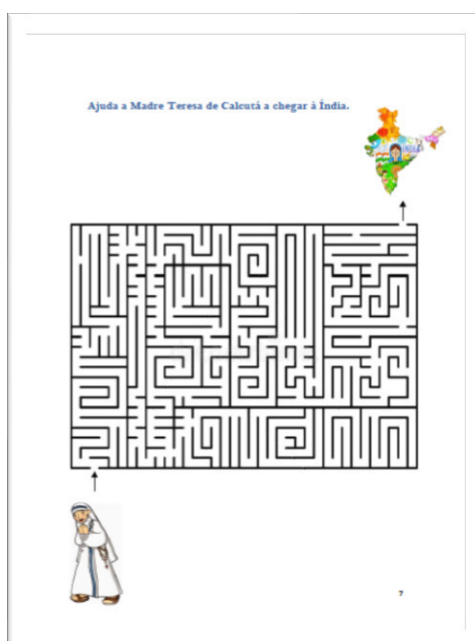
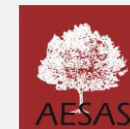


Figura 25: Atividade lúdica da Caderneta Cromos da Fraternidade, página 7



Planificação de Aula

Unidade Letiva: Construir a Fraternidade
Aula n.º 5/6

Ano: 5ºano | Turma: E
Data: 05/12/2017 | 08h20m
Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: O bem comum e o cuidar do outro.			- Acolhimento e registo do sumário.		5 min.	Assiduidade Pontualidade Empenho
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	6. Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno. 7. Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.	A promoção do bem comum e do cuidado do outro, com base nos gestos dos alunos e nos exemplos de personalidades importantes neste domínio, como Mahatma Gandhi, Martin Luther King Jr. e Beata Teresa de Calcutá.	- Continuação da realização do Frater Game (anexo 1 – powerpoint) que inclui os seguintes desafios: Desafio 18 – Vamos criar laços A professora recorda com a turma a necessidade de ‘criar laços’, ideia explorada na aula anterior, a partir da obra “O Príncipezinho”. Destaca, de seguida, o papel de cada pessoa na construção de um mundo mais fraterno. Há necessidade, como afirma o Papa Francisco, da pessoa cuidar as	- Quadro e marcador; - Computador; - Colunas; - Projetor; - Manual de 5º ano de Educação Moral e Religiosa Católica; - Anexo 1 – Frater Game (Power Point); - papel de cenário; - laços em cartão;	20 min.	- Observação direta; - Respeito pelo grupo; - Realização das tarefas propostas; - Atenção e concentração; - Interesse / Motivação; - Cumprimento das tarefas propostas.

			<p>relações humanas (ecologia humana) ou, de uma forma mais global, da pessoa preservar harmoniosamente as relações com o outro e com a Terra (ecologia integral).</p> <p>Assim, cada aluno é incentivado a pensar na importância dos seus pequenos gestos.</p> <p>De forma simbólica, neste contexto, a professora apresenta um papel de cenário no quadro. Cada aluno recebe um laço em cartão, onde deve registrar uma palavra que considere pertinente para o cuidado do outro.</p> <p>A docente cola, posteriormente, os laços no papel de cenário, intitulado “Laços fraternos”.</p> <p>Desafio 19 – Cromos da Fraternidade</p> <p>A professora distribui a Caderneta: Cromos da Fraternidade (anexo 15) e os Cromos autocolantes (anexo 16).</p> <p>Ao longo da história da humanidade, houve pessoas que se distinguiram por terem ajudado a construir um mundo mais fraterno. A docente apresentará brevemente Martin Luther King Jr., Mahatma Gandhi e a Beata Teresa de Calcutá, enquanto personalidades que pugnaram contra as desigualdades</p>	<p>- cola; - Anexo15 – Caderneta: Cromos da Fraternidade; - Anexo 16 – Cromos autocolantes.</p>	20 min.	
--	--	--	---	---	---------	--

			<p>sociais, pelos direitos humanos, pela defesa dos mais necessitados. Durante essa análise, os alunos colarão os cromos no respetivo espaço da Caderneta.</p> <p>Analisar-se-ão, ainda, algumas frases emblemáticas dessas personagens históricas.</p> <p>O desafio termina com um momento lúdico de resolução de um labirinto (página 7 da Caderneta).</p>			
--	--	--	--	--	--	--

Tabela 6: Grelha – Planificação da aula número cinco

5.6. Aula número 6 – Consolidação de conteúdos através da atividade lúdico-pedagógico “Quem quer ser fraterno?”

A sexta aula inicia-se com o habitual acolhimento e registo do sumário. Nesta aula pretende-se uma consolidação dos conteúdos abordados ao longo da Unidade Letiva – “Construir a Fraternidade”. Nesse âmbito, o jogo *Frater Game* apresentará, como desafio único para concretizar ao longo da aula, o **Desafio 20 – “Quem quer ser fraterno?”** (anexo 17). Esta dinâmica visa explorar o significado da palavra “fraternidade” e o seu alcance social e religioso; o conteúdo *Somos todos irmãos: - Todos somos seres humanos*; a temática da Declaração Universal dos Direitos Humanos; a promoção do bem comum e do cuidado do outro, com base nos exemplos de personalidades importantes neste domínio, como Mahatma Gandhi, Martin Luther King Jr. e Beata Teresa de Calcutá.



Figura 26: Desafio 20 – Quem quer ser Fraterno?

Para se realizar a dinâmica lúdico-pedagógica “Quem quer ser fraterno?”, a professora apresenta em estilo televisivo o programa ‘Quem quer ser fraterno?’ de forma a recordar os vários conteúdos abordados ao longo das aulas anteriores. Assim, a apresentadora do canal EMRC TV informa o público (alunos) que estão em direto para todo o país. Seleciona um concorrente do público para ser o primeiro candidato a sentar-se na ‘cadeira de jogo’. Apresenta-se o candidato e as regras de jogo são-lhe comunicadas. Se perder, dá lugar a outro concorrente que retoma o jogo.

O “Quem quer ser fraterno?” é composto por questões com quatro hipóteses de resposta, sendo apenas uma a verdadeira. Há quinze etapas / fases para vencer o jogo. As questões são sobre os conteúdos abordados nas cinco aulas anteriores.

O vencedor recebe um Diploma de Campeão (anexo 18). Terminado o jogo, todos os alunos recebem um Certificado de Participação (anexo 19) nas aulas de Educação Moral e Religiosa Católica.

O grande jogo *Frater Game* terminará com o **Desafio 21 – O menino chamado Amor**. A professora explica à turma que iam ouvir uma história e que, perante determinadas palavras, devem ter as seguintes ações:

- Paz – um aperto de mão;
- Amor – um abraço;
- Garra – troca de lugar;
- Sorriso – gargalhada;
- Bem-vindos – palmas.

A docente lê a história do *menino chamado Amor* (anexo 20), acompanhada do som *sad violin*.³³⁹ A turma reage às palavras com os respetivos gestos.

Esta dinâmica tem como objetivo concluir de forma harmoniosa a Unidade Letiva “Construir a Fraternidade” e o jogo *Frater Game*.



21 – O menino chamado Amor

- PAZ - APERTO DE MÃO
- AMOR - UM ABRAÇO
- GARRA - TROCA DE LUGAR
- SORRISO - GARGALHADA
- BEM-VINDOS - PALMAS

Figura 27: Desafio 21 – O menino chamado Amor

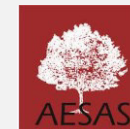
³³⁹ Cf. “Sad Violin”, ThaSparkaZ consultado a 7 de dezembro, de 2017, <https://www.youtube.com/watch?v=QuNhTLVgV2Y>.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio

Ano letivo 2017/2018



Planificação de Aula

Unidade Letiva: Construir a Fraternidade
Aula n.º 6/6

Ano: 5ºano | Turma: E
Data: 12/12/2017 | 08h20m
Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: Consolidação de conteúdos através da atividade lúdico-pedagógico “Quem quer ser fraterno?”.			- Acolhimento e registo do sumário.		5 min.	Assiduidade Pontualidade Empenho
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. N. Promover o bem comum e o cuidado do outro. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano. 6. Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno. 7. Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.	Consolidação dos seguintes conteúdos: - O significado da palavra “fraternidade” e o seu alcance social e religioso. Somos todos irmãos: - Todos somos seres humanos; - Declaração Universal dos Direitos Humanos; - A promoção do bem comum e do cuidado do outro, com base nos exemplos de personalidades importantes neste domínio, como Mahatma Gandhi, Martin Luther King Jr. e Beata Teresa de Calcutá.	- Continuação da realização do Frater Game (anexo 1 – powerpoint) que inclui os seguintes desafios: Desafio 20 – “Quem quer ser fraterno?” (anexo 17) A professora apresentará em estilo televisivo o programa ‘Quem quer ser fraterno?’ de forma a recordar os vários conteúdos abordados ao longo das aulas anteriores. Assim, a apresentadora do canal Educação Moral e Religiosa Católica TV informa o público	- Quadro e marcador; - Computador; - Colunas; - Projetor; - Manual de 5º ano de Educação Moral e Religiosa Católica; - Anexo 1 – Frater Game (Power Point); - Anexo 17 – “Quem quer ser fraterno?”;	25 min.	- Observação direta; - Respeito pelo grupo; - Realização das tarefas propostas; - Atenção e concentração; - Interesse / Motivação; - Cumprimento das tarefas propostas.

			<p>(alunos) que estão em direto para todo o país. Seleciona um concorrente do público para ser o primeiro candidato a sentar-se na 'cadeira de jogo'. Apresenta-se o candidato e as regras de jogo são-lhe comunicadas. Se perder dará lugar a outro concorrente que retoma o jogo.</p> <p>O "Quem quer ser fraterno?" é composto por questões com quatro hipóteses de resposta, sendo apenas uma a verdadeira. Há 15 etapas / fases para vencer o jogo. As questões são sobre os conteúdos abordados nas cinco aulas anteriores.</p> <p>O vencedor receberá um Diploma de Campeão (anexo 18).</p> <p>Terminado o jogo, todos os alunos recebem um Certificado de Participação (anexo 19) nas aulas de Educação Moral e Religiosa Católica.</p> <p>Desafio 21 – O menino chamado Amor</p> <p>A professora explica à turma que vão ouvir uma história e que, perante determinadas palavras, devem ter as seguintes ações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Paz – um aperto de mão; - Amor – um abraço; - Garra – troca de lugar; - Sorriso – gargalhada; 	<p>- Anexo 18 – Diploma de Campeão;</p> <p>- Anexo 19 – Certificado de Participação;</p> <p>- Anexo 20 – O menino chamado Amor.</p>	<p>5 min.</p> <p>10 min.</p>	
--	--	--	--	---	------------------------------	--

			<p>- Bem-vindos – palmas. A docente lê a história do <i>menino chamado Amor</i> (anexo 20). A turma reage às palavras com os respectivos gestos. Esta dinâmica visa concluir de forma harmoniosa a Unidade Letiva “Construir a Fraternidade” e o grande jogo <i>Frater Game</i>.</p>			
--	--	--	--	--	--	--

Tabela 7: Grelha – Planificação da aula número seis

6. Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada

O momento de avaliar assume normalmente uma conjuntura algo complexa. Perante a subjetividade desta fase do processo ensino-aprendizagem, é essencial criar-se mecanismos que remetam para a objetividade. Esse é o papel dos critérios de avaliação que permitem proceder a uma avaliação o mais aproximada possível da realidade.

Neste ponto do Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, pretende-se desenvolver uma autoavaliação do trabalho concretizado, no âmbito da prática letiva. Para tal, serão indicados alguns instrumentos de verificação utilizados em contexto letivo.

Naturalmente, a autoavaliação implica o momento de preparação e planificação da proposta de lecionação da Unidade Letiva 4 – “Construir a Fraternidade”, e não apenas o momento de concretização letiva. Assim, considera-se que toda a dinâmica letiva e pedagógica pautou-se pela inovação, criatividade e rigor científico. Houve uma diversidade de metodologias que contribuíram para um enriquecimento das aulas e para uma maior envolvimento dos alunos, pois proporcionava, aos mesmos, curiosidade em relação às dinâmicas seguintes. A empatia e interação entre a professora e os alunos também permitiram um ambiente proativo em contexto de sala de aula.

A lecionação das seis aulas evidenciou-se pela multiplicidade de estratégias pedagógicas, bem como pela motivação e reforço da autoestima dos alunos. Permaneceu sempre a preocupação, na medida do possível, de atender a cada aluno, pois cada um apresenta-se com especificidades e personalidade distintas. Houve, portanto, uma atenção especial, por parte da docente, em promover um acompanhamento individualizado junto dos discentes que assim o exigiam. Perante uma realidade heterogénea, a professora procurou constantemente desenvolver um processo de ensino-aprendizagem de qualidade, em que a promoção do espírito crítico e de reflexão foram frequentes ao longo das aulas, adequando-se sempre às necessidades impostas por cada aluno.

Na verdade, a proposta da realização do jogo *Frater Game* adequou-se claramente à turma E do 5º ano. Esta estratégia lúdico-pedagógica desencadeou na turma um grande envolvimento e interação da mesma, denotando-se gosto pelas matérias e uma aprendizagem consolidada dos conteúdos propostos. Este facto comprovou-se na última aula com a dinâmica de consolidação de conhecimentos, em que a vontade de participar e o entusiasmo reinaram.

A **aula número um** destacou-se pelo acolhimento estabelecido pela turma, graças ao trabalho desenvolvido pela Dra. Eugénia, professora cooperante, no sentido de terem o privilégio de estar com uma professora estagiária, durante seis aulas. Rapidamente se estabeleceu interação e empatia entre professora e alunos.

O apresentar à turma a dinâmica *Frater Game*, que os acompanharia, durante as aulas seguintes, foi um momento de alegria e expectativa. Todo o suspense criado para a inauguração do jogo permitiu que o mesmo fosse encarado de forma séria. Apresenta-se, então, o **desafio 1** com uma mensagem secreta do Papa Francisco, que apela à fraternidade. Com maior envolvimento, devido à diversidade de pedagogias, o **desafio 2** convidou os alunos a realizarem uma Banda Desenhada, que consistia em colar autocolante, desenhar, pintar, ordenar frase. Deste modo, os alunos organizaram por si a informação base a reter sobre a origem comum da humanidade, que tinha sido previamente explorada.

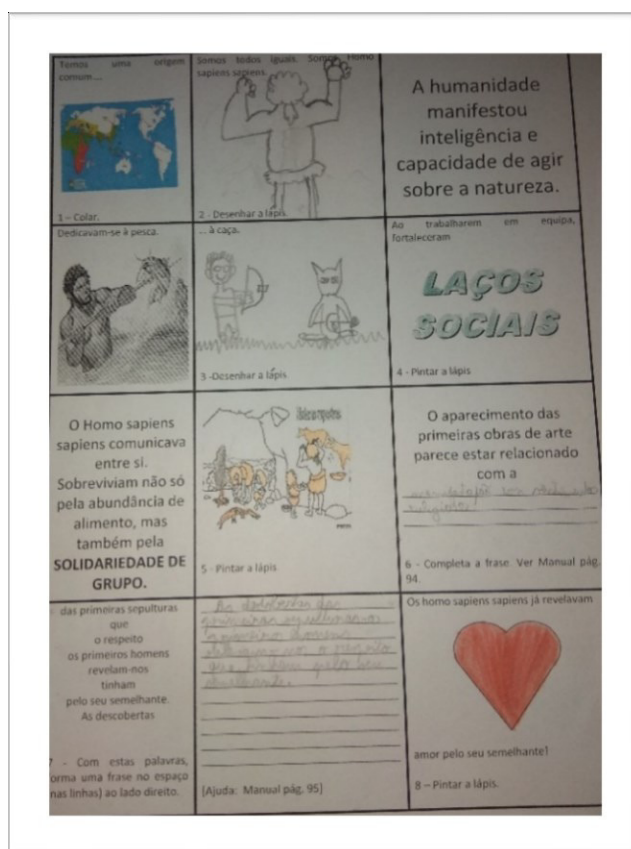


Figura 28: Atividade – Banda Desenhada

Com o **desafio 3**, “**O feitiço virou-se contra o feiticeiro**”, apelou-se aos alunos a colocarem-se, sempre que possível, no lugar do outro, antes de agirem ou reagirem no

seu cotidiano, reforçando-se que os atos de cada um têm implicações diretas nas vidas dos outros. Aqui, sentiu-se que cada um ao seu jeito deve refletir nas suas atitudes antes de agir. Assistiu-se a um momento lúdico, mas de verdadeira reflexão.

Perante o mote “Eu comprometo-me a...” do **desafio 4**, os alunos sentiram, mais uma vez, a necessidade de assumir um compromisso de responsabilidade para com o outro. A aula terminou o desafio do compromisso, mas de forma motivadora.

A **aula número dois** iniciou-se com o acolhimento dos alunos, das colegas o núcleo de estágio, da Professora Cooperante, Dra. Eugénia Monteiro, e da Professora Orientadora da Prática de Ensino Supervisionada, Professora Doutora Isabel Varanda.

Após a abordagem inicial, desvenda-se o **desafio 5**, com o apoio de um caderno facultado pela docente. Aqui, os alunos são surpreendidos com um conjunto de quatro imagens diferentes, que remetem para vidas difíceis, sendo convidados a atribuir uma legenda a cada imagem. Posteriormente, foram devidamente comentados pelos alunos.



Figura 29: Caderno de apoio

Num registo digital, o **desafio 6** explora a condição humana. Séneca na leitura da carta que escreveu a Lucílio defende que os escravos são pessoas iguais às outras na forma de nascer, partilhar a terra e morrer. Depois de assistirem atentamente à intervenção de Séneca, registaram no caderno de apoio facultado pela professora alguns exemplos de escravatura na atualidade.

O **desafio 8** tornou-se o momento central da aula. A professora, a partir do lema “Todos diferentes...todos iguais”, apelou à condição humana de igualdade, apesar das diferenças. Recorrendo à história de Malak, uma criança refugiada da Síria a caminho da Europa, visualizaram-se um vídeo e registaram o que mais a marcou nesta história real.

O culminar da aula aconteceu com o **desafio 9**. Ao som da música “O bater do coração”, os alunos preencheram, no caderno de apoio, um coração com palavras de esperança para as crianças da Síria.

Na verdade, a abordagem de realidades cruéis que põe em causa a dignidade e a condição humana tornou-se crucial para o estudo da responsabilidade e do cuidado pelo outro. Foram várias as interpelações dos alunos acerca da forma como o ser humano, por vezes, é cuidado.

A aula **número três**, dedicada à Declaração Universal dos Direitos Humanos, iniciou-se com o **desafio 10**, que consistiu na visualização de um breve vídeo sobre os Direitos Humanos. Posteriormente, a turma resolveu algumas atividades no Booklet. O **desafio 11** propôs um relato breve dos Direitos Humanos. De seguida, os alunos tiveram a oportunidade de transformar os Direitos Humanos em desenho. Para tal, cada aluno recebeu um artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Se gentileza gera gentileza, o **desafio 13** propõe a entrega de uma pulseira a cada aluno com este lema. Neste momento, a professora incentiva a turma a contribuir com pequenos gestos para que se viva numa sociedade mais justa e responsável.



Figura 30: Pulseira

Constatou-se que o processo de ensino-aprendizagem se tornou produtivo com a diversidade de metodologias utilizadas nos diferentes desafios para explorar os conteúdos programáticos.

A aula **número quarto** teve início com o **desafio 14**, que consistiu no visionamento de um vídeo que sintetiza o livro *O Príncipezinho* de Antoine de Saint-Exupéry, cujo tema central é a amizade que tem de ser cultivada. A professora lembrou

que os adultos, por vezes, têm dificuldades em cuidar do outro, em tornarem-se responsáveis por aquilo que cativam.

Seguidamente, o **desafio 15** lança a proposta de descobrir o que é cativar através de uma chuva de ideias. Com inúmeros contributos por parte da turma, chegou-se à conclusão que “cativar é criar laços”³⁴⁰. No contexto de cativar, o **desafio 16** indicou que se criasse um acróstico, denominado “cativar”.

A fechar a aula, o **desafio 17** desperta para a relação de amizade e responsabilidade de *O Príncipezinho* com a sua rosa, associando com a música ‘Amar pelos dois’ do cantor Salvador Sobral. Tratou-se de um momento que envolveu toda a turma, pois deixaram-se encantar pela riqueza da música. No fim, comentaram o facto de nunca terem estabelecido esta associação, dado que já conheciam a obra *O Príncipezinho*.

A aula **número cinco** iniciou-se com o desafio “Vamos criar laços”. Nesta aula, a turma começou por ter um momento mais prático. Partindo da ideia de criar laços explorada na aula anterior, a professora remeteu para o papel de cada pessoa na construção de um mundo mais fraterno.

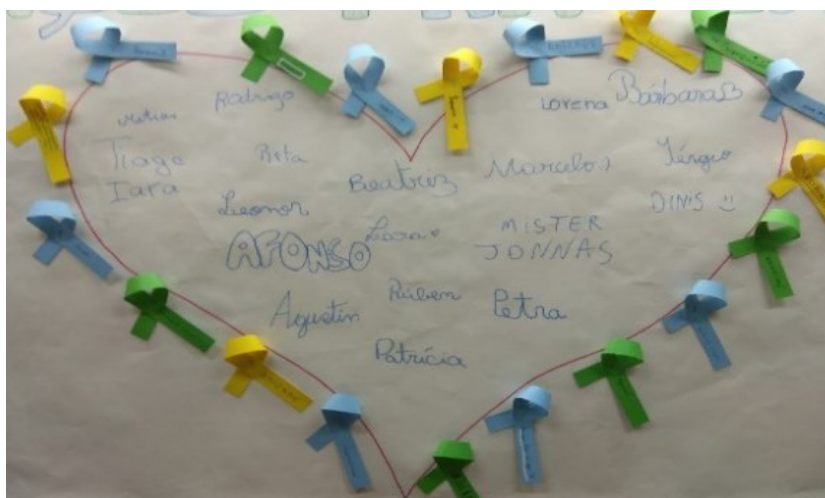


Figura 31: Papel cenário decorado pelos alunos

Simbolicamente, a professora apresentou um papel de cenário no quadro. Cada aluno recebeu um laço em cartão, onde registou uma palavra que considere pertinente para o cuidado do outro. A docente colou os laços no papel de cenário, intitulado “Laços fraternos”.

³⁴⁰ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 81.

O **desafio 19** ocupou o restante tempo da aula, dedicando-se à temática dos Cromos da Fraternidade. Para o preenchimento da Caderneta, a docente recordou que ao longo da história da Humanidade, houve pessoas que se distinguiram por terem ajudado a construir um mundo mais fraterno. Assim, apresentou brevemente Martin Luther King Jr., Mahatma Gandhi e a Beata Teresa de Calcutá, enquanto personalidades que pugnaram contra as desigualdades sociais, pelos direitos humanos, pela defesa dos mais necessitados. De seguida, os alunos colaram os cromos no respetivo espaço da Caderneta. O desafio terminou com um momento lúdico de resolução de um labirinto.

Este momento contribuiu para uma melhor assimilação e compreensão da importância destas personalidades, na medida que implicou atenção e concentração para identificar as figuras.



Figura 32: Caderneta – Cromos da Fraternidade

A aula **número seis** foi o culminar de um périplo pela abordagem das relações fraternas. Portanto, o **desafio 20** apresenta a questão “Quem quer ser fraterno?”. Perante tal interrogação, a turma encontrou-se perante um jogo que foi concretizado em jeito de concurso televisivo, de forma a recordar os conteúdos abordados ao longo das seis semanas. Terminado o concurso, o vencedor recebeu um Diploma de Campeão. De seguida, todos os alunos receberam um Certificado de Participação nas aulas de Educação Moral e Religiosa Católica.

O grande jogo *Frater Game* acabou com o desafio 21. Este desafio levou a cabo a exploração da história do *menino chamado Amor*. Durante a história, a turma, em círculo de pé, reagiu a determinadas palavras com gestos. Esta dinâmica teve como objetivo terminar a Unidade Letiva 4 – “Construir a Fraternidade” – de forma harmoniosa.

De uma forma geral, quer a proposta de planificação, quer a sua concretização, desenvolveram-se de forma bastante positiva pela sua criatividade, pela relação com os alunos e pela sua inovação pedagógica.

7. Atividade: *Mesa da Partilha*

No âmbito da atividade “Mesa da Partilha” proposta pelo Grupo Disciplinar de Educação Moral e Religiosa Católica para o dia 23 de março, o Núcleo de Estágio do Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio integrou a mesma, dinamizando momentos diversos.

Esta atividade teve como principal objetivo promover um momento de partilha, de convívio e de interajuda na comunidade escolar, bem como reconhecer o valor da solidariedade, valorizar a participação de todos na vida e tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si. O envolvimento de todos elementos da comunidade educativa, desde os alunos, auxiliares da ação educativa, professores aos encarregados de educação torna o Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio uma Escola mais proativa, mais inclusiva, mais aberta à sociedade.

A atividade da “Mesa da Partilha” pautou-se pela diversidade e riqueza de momentos alusivos à temática, que apelaram constantemente à responsabilidade do ser humano em relação a toda a Natureza. Ao longo do período letivo da manhã do dia 23 de março, decorreu um peddy-paper, devidamente orientado, remetendo sempre para a questão da partilha associada ao tema aglutinador, Elementos, definido pelo agrupamento de escolas. Em simultâneo, houve uma recolha de bens alimentares, que esteve a cargo dos alunos mais velhos, os alunos do 9º ano de escolaridade.

Como momentos de maior diversão, alguns alunos tiveram a oportunidade de expor os seus talentos para toda a comunidade educativa.

Todos estes instantes de verdadeira aprendizagem e convívio realizaram-se em contexto, devidamente decorado de acordo com a circunstância. O átrio da escola foi decorado com um painel, que, desde logo, convidava cada pessoa a entrar e explorar a envolvência relativa ao tema Elementos. Já mais no interior do edifício, cobriu-se a parte superior do mesmo com múltiplos guarda-chuvas de quatro cores distintas (branco, cor de laranja, verde e azul), aludindo aos elementos: ar, água, terra e fogo. De forma a apelar

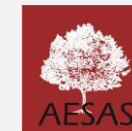
à mensagem que se pretendia transmitir, materializaram-se várias palavras em materiais recicláveis que invocavam partilha, vida, energia, ajuda, dádiva, tesouro, poupar, cuidar, semear, entre outras, que estavam penduradas nos guarda-chuvas.

Merece particular enfoque o facto de todos os pormenores acima descritos terem sido concretizados com todo empenho e dedicação pelos alunos.

Terminada a atividade, resta apenas o sentimento que a mesma decorreu com claro sucesso, desde a sua planificação até à sua concretização. Sentiu-se um espírito de verdadeira empatia e de entreajuda entre todos os elementos do núcleo de estágio, inclusive da Professora Cooperante. Este ambiente contagiou, naturalmente, os alunos, levando-os a envolver-se e entregar-se a todos os gestos relacionados com a atividade. Na verdade, a atividade era deles e para eles.



Figura 33: Atividade Mesa da Partilha



Planificação da atividade *Mesa da Partilha*

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de ensino	Recursos	Calendarização
Acolhimento aos alunos					
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar valores Evangélicos; • Promover o bem comum e o cuidado do outro; • Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer o valor da solidariedade; • Valorizar a participação de todos na vida; • Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si; 	<p>Ser pão para os outros: - Doação de si; - Amor partilhado;</p> <p>A responsabilidade do ser humano em relação a toda a natureza;</p> <p>A importância dos quatro elementos: ar, água, terra, fogo</p>	<p>Apresentação, de forma geral, sobre a importância da “Mesa da partilha”;</p> <p>Explicação do significado das palavras a pendurar nos guarda-chuvas;</p> <p>Sensibilização para o uso de materiais recicláveis;</p> <p>Produção de um painel com a roda dos quatro elementos;</p> <p>Recorte das palavras alusivas ao tema: Ar - tranquiliza, dádiva, vida, alimenta Terra - cuidar, tratar, partilhar e semear; Fogo - ilumina, acolhe, orienta, aquece; Água - Poupar, tesouro, limpar e purificar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Guarda-chuvas - Sarapilheira - Linha de bordar - Cola quente e de gel - Algodão - Tampas de plástico - Papel celofane - Cortiça - Cartão - Papel Eva - Fio de pesca - Cola Branca - Tesouras 	23 de março

Síntese

Este capítulo é entendido como o culminar de uma tarefa exigente, porque a proposta de “Construir a fraternidade” é um verdadeiro desafio. Considera-se que, primeiramente, será fundamental “construir”, formar o ser humano e, simultaneamente, a sociedade.

A exigência encontra-se no ato de desenvolver competências na criança ou no adolescente, que favoreçam a possibilidade de agir com pequenos gestos fraternos, de modo a vivermos numa sociedade mais voltada para o seu irmão e para a sua irmã.

Consciente do desafio e do contributo da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no desenvolvimento da personalidade dos homens e das mulheres, analisou-se e fundamentou-se o papel preponderante da disciplina neste âmbito. Após essa fundamentação, reuniram-se as condições para a proposta de planificação da Unidade Letiva “Construir a fraternidade” e a concretização da prática letiva. Esta destacou-se como o espaço privilegiado para promover e proporcionar em cada aluno o conceito de fraternidade, visando-se constantemente o enriquecimento pessoal.

Ao longo do processo ensino-aprendizagem desta Unidade Letiva, implementaram-se dinâmicas diversificadas, que apelaram à necessidade e importância de se atuar e agir de forma fraterna. Para tal, houve o recurso a dinâmicas digitais, designadamente o jogo *Frater Game*, que visou uma aprendizagem integral. A reação, a entrega e o envolvimento da turma, durante as aulas, são a confirmação de uma aprendizagem de sucesso.

CONCLUSÃO

“Eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens necessidade de mim. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E serei para ti única no mundo.”

Antoine de Saint-Exupéry

No início desta empreitada, encetou-se um trabalho de análise em torno do conceito de fraternidade, tendo como ponto de partida a Unidade Letiva “Construir a Fraternidade”. Todo esse labor exploratório de fraternidade culminou com uma leitura interpretativa da obra infantojuvenil *O Príncipezinho*, de Antoine de Saint-Exupéry.

Numa das primeiras ilações, pode-se apontar que a fraternidade, a chave mestra para a Paz e o Amor universal, não se pode concretizar sem que se estabeleça laços verdadeiros entre as pessoas. Como diria a raposa de Saint-Exupéry, “se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro”. Nesse sentido, torna-se premente que as ações humanas sejam a origem de uma genuína fraternidade. Esta, que traduz a essência da mensagem de Jesus: somos todos irmãos, clama vigorosamente que não continue a ser um “princípio esquecido”, nem tampouco confundida com o princípio da solidariedade. Assim, a fraternidade pode ser considerada a semente que fará brotar, no coração humano, valores maiores, vivendo-se numa sociedade mais justa e responsável.

A fraternidade é o pilar que colabora no estabelecimento universal da liberdade e da igualdade. Só a sua revitalização social e política pode fazer funcionar o tríptico sonhado pelos franceses revolucionários do século XVIII.

Outra consideração de relevo centra-se na semântica do termo “cativar”. De algum modo, esta palavra vem enfatizar o facto de ser urgente e fundamental desenvolver laços fraternos com aquele que se cativa, deixando-se ser cativado e, simultaneamente, ser responsável pelo outro. “Cativar” parece ser o meio, a palavra mais simples e eficaz para explicar aos mais pequenos o que é a fraternidade, porque as crianças, melhor do que os adultos, têm a capacidade de ver com o coração, ver numa dimensão mais profunda, deixando a superficialidade para as pessoas crescidas. Estas, devido aos afazeres profissionais, não têm tempo para se dedicarem ao essencial. Logo, a fraternidade parece estar comprometida. Assim, torna-se fulcral que o deserto seja fonte uma espécie de catarse, de renovação e de formação dos adultos, para que possam desencadear urgentes gestos fraternos para com o outro.

Portanto, promover e experienciar a fraternidade torna-se um desafio neste milénio. No âmbito da educação, pressupõe-se, desde tenra idade, a construção, o desenvolvimento de competências que favoreçam laços fraternos com vista à formação integral do ser humano. Logo, no processo ensino-aprendizagem, há particular destaque para uma aprendizagem de base humanística no crescimento da criança. Para tal, o professor e a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica assumem uma quota-parte de responsabilidade, no que se refere ao seu contributo. Há, assim, necessidade, de se desencadear, em contexto de sala de aula, dinâmicas pedagógicas inovadoras que motivem e cativem os alunos, a par de um espírito de entrega, de compromisso e de alegria, por parte do docente.

A fechar este momento conclusivo, é pertinente destacar, ao longo desta caminhada, o crescimento e enriquecimento pessoal ao nível dos conteúdos explorados e ao nível das relações humanas que se criaram. Fica bem gravado na retina que “aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.” Há, então, que descobrir, amar, experimentar, anunciar e testemunhar vivências fraternas nesta sociedade globalizada.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada. Lisboa: Difusora Bíblica, 1993.

1. Documentos do Magistério da Igreja

Benedictus XVI. "Litterae encyclicae «Caritas in Veritate»." *AAS* 101 (2009): 651-652.

Franciscus. "Litterae Encyclicae «Laudato si'» de Communi Domo Colenda." *AAS* 107 (2015): 847-945.

—. "Occasione Diei Mundialis Pacis: «Fraternità, fundamento e via per la Pace»." *AAS* 106 (2014): 21-34.

—. "Occasione XLVIII Diei Mundialis Pacis: «Iam non servi, sed fratres»." *AAS* 107 (2015): 66-75.

Johannes XXIII. "Litterae Encyclicae «Pacem in Terris»." *AAS* 55 (1963): 257-304.

Paulo VI. "Declaração Nostra Aetate sobre a Igreja e as Religiões não-Cristã", em 28 de outubro de 1965. Consultado em 22 de outubro, 2017, http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html.

—. "Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz". In *Mensagens do Dia Mundial da Paz*. Comissão Nacional Justiça e Paz. Cascais: Principia, 2002.

2. Conferência Episcopal Portuguesa

Conferência episcopal portuguesa. "Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade." *Pastoral Catequética*, 7 (2006), 7-16.

Conselho Pontifício «Justiça e Paz». *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Principia, 2005.

3. Legislação

Assembleia da República, *Constituição da República Portuguesa*. Coimbra: Almedina 2002, art.º 13.

—. "Declaração Universal dos Direitos do Homem de 10 de dezembro de 1948." *Diário da República*, nº 57/78, I Série A, de 9 de março de 1978, 489-493.

Ministério da Educação e Ciência. "Decreto-Lei nº 46/86 de 14 de outubro de 1986. Lei de Bases do Sistema Educativo." Artigo 2.º.

—. "Decreto-Lei 75/2008, de 22 de abril, Art.º 9.º.

—. "Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho. Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória." Consultado a 14 de abril, 2018. https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf.

4. Bibliografia geral

Ambrosio, Juan. "Finalidade, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares – Programa de EMRC, edição de 2014." *Pastoral Catequética*, 31-32 (2015): 63-81.

Aristóteles. *Política*. Traduzido por Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 1997.

Attali, Jacques. *Fraternidades*. Traduzido por Enrique Folch González. Barcelona: Paidós, 2000.

Baggio, Antonio Maria. *A idéia de fraternidade em duas revoluções: Paris 1789 e Haiti 1791*. Florencia: Instituto Universitario Sophia, Rede Universitária para o Estudo da Fraternidade.

—. "A redescoberta da fraternidade na época do «terceiro 1789»." In *O princípio esquecido*, António Maria Baggio (Org.), 23. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2008.

Bardin, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

Barradas, Rolando e Lencastre, José Alberto. “Gamification: uma abordagem lúdica à aprendizagem.” *In Atas do 3º Encontro sobre Jogos e Mobile Learning*. Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, LabTE, 2016.

Bobbio, Norberto. *Teoria geral da política: A filosofia política e as lições dos clássicos*. Traduzido por Daniela Beccaccia Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

Boff, Leonard. *Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

Brossollet, Bernard *História do Mundo*. Lisboa: Selecções de Reader’s Digest, SA, 1998.

Buber, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2008.

Bruni, Luiguino e Zamagni, Stefano. *Handbook of the economics of reciprocity and social enterprise*. Cheltenham: EE, 2004.

Cabral sj, Roque. “*Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*.” vol. II. Lisboa: Logos, 1998.

—. *Temas de Ética*. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 2000.

Carvalho, Ana Amélia Carvalho. “Mobile-Learning: Rentabilizar os Dispositivos Móveis dos Alunos para Aprender.” *In Aprender na Era Digital: Jogos e Mobile-Learning*. Santo Tirso: De Facto Editores, 2012.

Carvalho, Cristina Sá. “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em EMRC, edição 2014.” *Pastoral Catequética*, 31-32 (2015): 29-61.

Chantraine, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque: Histoire des mots*. Paris: Éditions Klincksieck, 1981.

Debate integrado no programa da Semana Nacional da Educação Cristã. “O ensino moral e religioso tem um lugar na escola?.” *Pastoral Catequética*, 6 (2006): 19-25.

Delors, Jacques. *Educação, um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Porto: Edições Asa, 1996.

Drewermann, Eugen. *O Essencial é Invisível: Uma leitura psicanalítica de O Principezinho*. Braga: Círculo de Leitores, 2001.

Duque, João Manuel. "Sobre a educação integral do ser humano." *Pastoral Catequética*, 26 (2013): 11-21.

Freire, Dora e Carvalho, Ana Amélia. “Jogo, Gamification e Competição: Implicações em Contextos de Aprendizagem.” *In Atas do 3º Encontro sobre Jogos e Mobile Learning*. Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, LabTE, 2016.

Furet, François. *A Revolução em debate*. Traduzido por Regina Célia Bicalho Prates e Silva. Bauru: Edusc, 2001.

Godoy, Oscar “*La amistad como principio político*, in *Estudios Públicos*.” Discurso de incorporação como Académico à Academia de Ciências Sociais, Jurídicas e Morais do Instituto de Chile, agosto 23, 1990.

Gonçalves, Joaquim Cerqueira. *S. Francisco de Assis e a Ecologia*. Lisboa: Didaskália, 2001.

Guitton, Gérard. *Descobrir São Francisco*. Braga: Editorial Franciscana, 2006.

Harvey, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Traduzido por Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

Kant, Immanuel. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1995.

Lévêque, Pierre. *A aventura grega*. Traduzido por Raúl Miguel Rosado Fernandes, v. III da Coleção Rumos do mundo. Lisboa: Edições Cosmos, 1967.

Marx, Karl. “Manuscritos económico-filosóficos.” In *Obras escogidas*. Vol.1. Moscou: Progreso, 1963.

Mattoso, António. *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. XXV. Lisboa: Editorial Verbo, 2002.

Neto, Miguel. *Igreja e encontro na estrada digital*. Cascais: Príncípia Editora, Lda., 2017.

Oliveira, Cynthia Helena Chaves. “Filosofia Contemporânea: reflexões sobre os dias atuais.” *Inter Espaço 4* (2001): 210-213.

Pacheco, José Augusto. *Currículo: teoria e praxis*. Porto: Porto Editora, 2006.

Pires, Hélder. “Inovação e relação pedagógica.” *Pastoral Catequética*, 26 (2013): 121-127.

Prensky, Marc. *Digital Game-Based Learning*. St. Paul: Peragon House, 2001.

Rodrigues, Luís Miguel Figueiredo. *O digital no serviço da fé: formar para uma oportunidade*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2016.

Sá, Fernando de Almeida. “Senso moral e política: uma história da ideia de fraternidade/humanidade nos liberalismos dos séculos XVIII e XIX.” PhD diss., Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

Saint-Exupéry, Antoine. *O Príncipezinho*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2015.

—. Prefácio de *O Príncipezinho*, por Valter Hugo Mãe, 5-6. Porto: Porto Editora, 2017.

—. *O Príncipezinho*. Porto: Porto Editora, 2017.

Santabárbara, Luis. *El Padre nuestro explidado con sencillez*. Santander: Sal Terrae, 2009.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Gráfica Almondina, 2014.

Sidekun, António. *A Intesubjetividade em Martin Buber*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia S. Lourenço de Brindes, 1979.

Silva, António de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1953.

Soboul, Albert. *A Revolução Francesa*. Traduzido por Rolando Roque da Silva. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

Tosi, Giuseppe. “Cristianismo social: A fraternidade como categoria (cosmo)política.” *Nuova Umanità XXXII*, 2010.

Vilaça, Isabel, e Vitor Carmona. "Os contextos pedagógicos e educativos da Educação Moral e Religiosa Católica." *Pastoral Catequética*, 5 (2006): 89-96.

Zuben, Newton Aquiles Von. “A Questão do Inter-humano: uma releitura do Eu e Tu de Martin Buber.” *Síntese 111* (2008): 95-110.

5. Sitiografia

Aquini, Marco. *Fraternità e diritti umani*, Osservatorio Cardinale Van Thuans. Consultado em 2 de novembro, 2017, <http://www.vanthuanobservatory.org/ita/fraternita-e-diritti-umani/>.

Costa, Juliano e Caetano, Renato. “A concepção de alteridade em lévinas: Caminhos para uma Formação mais Humana no Mundo Contemporâneo.” *Revista Eletrônica Igarapé 3* (2014): 195-210. Consultado em 15 de abril, 2018. <http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/viewFile/861/865>.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. "Cativar." Consultado em 6 de abril, 2018.
<https://www.priberam.pt/dlpo/cativar>.

—. "Fraternidade." Consultado em 19 de outubro, 2017.
<https://www.priberam.pt/dlpo/fraternidade>.

Dicionários Porto Editora, "Fraternidade." Consultado em 19 de outubro, 2017.
<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/fraternidade>.

Fábrica de jogos. "A Utilização de Jogos Digitais no Cenário Educacional", acedido a 3 de abril, 2018. <http://www.fabricadejogos.net/posts/artigo-a-utilizacao-de-jogos-digitais-no-cenario-educacional>.

Online etymology dictionary, "Fraternity." consultado em 20 de outubro, 2017.
<https://www.etymonline.com/word/fraternity>.

Plano Nacional de Leitura. "O Príncipezinho." Consultado a 3 de abril, 2017,
www.planonacionaldeleitura.gov.pt.

Projeto Educativo. "Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio." Consultado a 15 de abril, 2018. http://www.esas.pt/images/fichs/1516/PE_AESAS_2016_2018.pdf.

Unicef. "A perigosa viagem de barco até à Grécia vista pelos olhos de uma rapariga refugiada síria." Consultado em 11 de novembro, de 2017.
<https://www.youtube.com/watch?v=R7qRKGVyhLI>.

—. "Heartbeat [O bater do coração]." Consultado em 11 de novembro, de 2017.
<https://www.youtube.com/watch?v=TJs5myMSsSk>.

United for Human Rights, "Human Rights". Consultado em 28 de outubro, 2017.
<http://www.humanrights.com>.

Vega, Luis. "Tarfaya El desierto de Saint-Exupéry." Consultado em 27 de março, 2018.
http://www.abc.es/hemeroteca/historico-21-10-2007/abc/Domingos/tarfaya-el-desierto-de-saint-exupery_1641195002407.html.

ANEXOS

NOTA: Os anexos que se seguem podem ser consultados no *dossier* de estágio.

Anexo 1 – Frater Game



2 - BD - Temos uma origem comum

- Completa a BD

Ajuda: Manual 92-95



3 - Dinâmica de Grupo

- 1 – Escreve num papelinho uma ação para o colega do lado executar.
- 2 – Na verdade, este jogo chama-se “O feitiço virou-se contra o feiticeiro”.
- 3 – Vamos escolher 2 alunos, mas para executarem a sua própria ação!

Os nossos atos tem consequências. Reflete nisso... Coloca-te sempre no lugar do outro. Pratica o bem!

1 - MENSAGEM SECRETA: SÊ FRATERNO!

- *lil3u s*u * Papa Francisc*!
- Sab3s * qu3 é a Frat3ridade?
- 3' um l'aç* de unã* 3inã3 as pessoas.
- Trata cada *lega 33u *m* um verda3m* irmã* 3 uma 33rdãdã3ra irmã. 3' assim que um cristã* d3v3 v3r * mund*!
- R3sp3ita * outr*!

Alfabeto secreto:
Troca o * por '0'
Troca o 3 por 'E'

4 - Compromisso

Eu comprometo-me a...

Cada um colhe o que semeia

5 - Atribui uma legenda a cada imagem

The slide contains four images arranged in a 2x2 grid. Top-left: A young boy sitting on the ground with a dog. Top-right: A pair of large, worn, brown leather gloves. Bottom-left: An elderly man with a long white beard and a dog. Bottom-right: A person sitting in a wheelchair on a paved surface.

8 - Todos diferentes... Todos iguais.

Diferentes... Todos

Podemos parecer todos muito diferentes, mas são mais as coisas que nos unem do que aquelas que nos separam.

Todos temos inteligência, somos livres e capazes de amar. Ocupamos um lugar único no mundo.

A dignidade humana é um grande valor de todas as pessoas. Todos merecemos o mesmo respeito.

Pobres, ricos, qualquer que seja a nossa raça, temos todos a mesma dignidade.

6 - Sêneca... em direto!

The slide shows a tablet with a video player interface. The video shows a woman with long blonde hair wearing a yellow shirt, standing in front of the Colosseum in Rome.

Estas crianças não mereciam ser respeitadas na sua dignidade?

Malak, de 7 anos, é uma das 2 milhões de crianças que fugiram da violência na Síria com sua família.

7 - POST IT: RÓTULOS NA TESTA...

1 - Post it na testa.
2 - Reagir à informação do Post it.

O que sentiste durante a atividade?
Sentiste-te bem? Pressionado?

O que podem extrair dessa experiência?
O que acarreta esse tipo de situação: Preconceitos? O hábito que temos de rotular as pessoas? A própria pessoa não ter autoconfiança e autoestima e irradiar essa energia para os outros?
O que ocorreu durante a atividade, pode acontecer no nosso dia a dia?
As pessoas que foram discriminadas, como se sentiram? O que poderiam fazer para não se sentirem assim?

The cartoon shows four people. One has a 'SEXTO' label, another 'SETO', and another 'SETO'. They are standing in a line, and one person is pointing towards them.

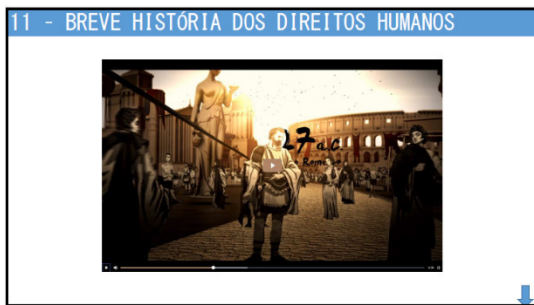
9 - Canção "O bater do coração"

Heartbeat (O bater do coração), canção interpretada por Ansam, uma rapariga síria de 10 anos, uma das muitas milhões de deslocados devido ao conflito. É, simultaneamente, um apelo e uma mensagem de esperança das crianças da Síria para o resto do mundo na data em que se comemora 6 anos de guerra no seu país.

10 - Direitos Humanos



- ### Soluções:
- 1 B 539 a. C. - Cilindro de Ciro - Ciro anunciou que todos os escravos eram livres.
 - 2 A 1215 d. C. - Magna Carta - Nem o rei pode anular os direitos de um povo.
 - 3 C Hitler - Exterminou milhões de judeus.
 - 4 D 1945 - Os países da Terra juntaram-se e formaram as nações unidas.



14 – O Príncipezinho



Proposta:

- Criar laços
- Amizade
- Tentar não falhar para com o amigo
- Incentivar a nunca desistir
- Vencer a solidão
- Ajudar o amigo
- Responsabilidade pelo outro, pelo planeta.

15 – Cativar é...



17 – Amar pelos dois



16 - Acróstico

C
A
T
I
V
A
R



"Tu tornas-te responsável por aquilo que cativas"

18 – Vamos criar laços

- Construir um mundo mais fraterno depende de cada um de nós.
- Escreve no teu "laço" uma palavra que contribua para o cuidado do outro.



19 – Cromos da Fraternidade



20 – QUEM QUER SER FRATERNO?



21 – O menino chamado Amor

- PAZ - APERTO DE MÃO
- AMOR - UM ABRAÇO
- GARRA - TROCA DE LUGAR
- SORRISO - GARGALHADA
- BEM-VINDOS - PALMAS



Anexo 2 – Mensagem Secreta: Sê Fraterno

DESVENDA A MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO, RECORRENDO AO ALFABETO SECRETO QUE ESTÁ NO CANTO INFERIOR ESQUERDO:

- *lá! 3u s*u * Papa Francisc*!
- Sab3s * qu3 é a Frat3rnidade?
- 3' um laç* de uniã* 3ntr3 as pessoas.
- Trata cada c*lega t3u c*m* um verdad3ir* irmã* 3 uma v3rdad3ira irmã. 3' assim que um cristã* d3v3 v3r * mund*!
- R3sp3ita * outr*!



Alfabeto secreto:

Troca o * por "O"

Troca o 3 por "E"

Anexo 3 - Banda Desenhada

<p>Temos uma origem comum....</p> <p>1 – Colar.</p>	<p>Somos todos iguais. Somos Homo sapiens.</p> <p>2 - Desenhar a lápis.</p>	<p>A humanidade manifestou inteligência e capacidade de agir sobre a natureza.</p>
<p>Dedicavam-se à pesca.</p> 	<p>... à caça.</p> <p>3 -Desenhar a lápis.</p>	<p>Ao trabalharem em equipa, fortaleceram</p> <p>LAÇOS SOCIAIS</p> <p>4 - Pintar a lápis</p>
<p>O Homo sapiens comunicava entre si. Sobreviviam não só pela abundância de alimento, mas também pela SOLIDARIEDADE DE GRUPO.</p>	 <p>5 - Pintar a lápis.</p>	<p>O aparecimento das primeiras obras de arte parece estar relacionado com a</p> <hr/> <hr/> <p>6 - Completa a frase. Ver manual pág. 94.</p>
<p>das primeiras sepulturas que o respeito os primeiros homens revelam-nos tinham pelo seu semelhante. As descobertas</p> <p>7 - Com estas palavras, forma uma frase no espaço (nas linhas) ao lado direito.</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <p>[Ajuda: Manual pág. 95]</p>	<p>Os homo sapiens sapiens já revelavam</p>  <p>amor pelo seu semelhante!</p> <p>8 – Pintar a lápis.</p>

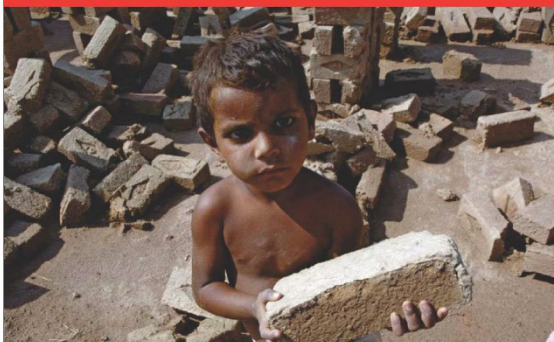
Anexo 4 – Sêneca (vídeo)



A professora usa um ‘tablet do tempo’ para comunicar com Sêneca, um filósofo romano do séc. I d. C.. Sêneca (dramatizado em vídeo pela própria professora). Lê à turma uma carta que escreveu ao seu colega Lucílio sobre a condição humana, defendendo que os escravos são pessoas iguais às outras na forma de nascer, partilhar a terra e morrer.

Anexo 5 – Caderno de apoio

IGUAIS EM DIGNIDADE



EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio
2017/2018

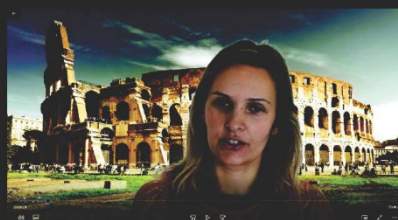
DESAFIO 5

Atribui uma legenda a cada imagem



DESAFIO 6

Sêneca... em direto!



No tempo deste Filósofo romano do séc. I d.C., a escravatura era assumida com naturalidade.

E hoje, conheces algum caso de tipo de escravatura?
Indica um exemplo.

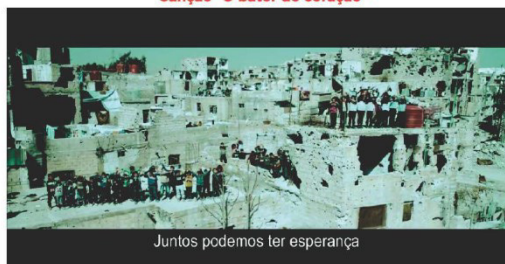
DESAFIO 7



A sociedade põe rótulos às pessoas: o ladrão, o negro, o índio, o pobre, o convencido, o chato... Mas, na verdade, somos todos seres humanos. O mendigo não é um sem-abrigo. Apenas, naquele momento, aquela pessoa está sem abrigo.

DESAFIO 9

Canção "O bater do coração"



Juntos podemos ter esperança

Heartbeat (O bater do coração), canção interpretada por Ansam, uma rapariga síria de 10 anos, uma dos muitos milhões de deslocados devido ao conflito. É, simultaneamente, um apelo e uma mensagem de esperança das crianças da Síria para o resto do mundo na data em que se completam 6 anos de guerra no seu país.

Preenche o coração com palavras positivas de esperança para estas crianças da Síria.



DESAFIO 8

Todos diferentes... todos iguais.

Estes crianças não mereciam ser respeitadas na sua dignidade?



Malak, de 7 anos, é uma dos 2 milhões de crianças que fugiram da violência na Síria com sua família.

O que mais te marcou neste video?

Professora Sandra Fernandes

Anexo 6 – A história de Malak (vídeo)



Este vídeo da Unicef relata a história de Malak, uma criança refugiada da Síria a caminho da Europa.

Anexo 7 – O bater do coração (música)



O vídeo: Hearbeat (O bater do coração), da Unicef, apresenta uma canção interpretada por Ansam, uma rapariga síria de 10 anos, uma dos muitos milhões de deslocados devido ao conflito. É, simultaneamente, um apelo e uma mensagem de esperança das crianças da Síria para o resto do mundo na data em que se completam 6 anos de guerra no seu país.

Anexo 8 – Direitos Humanos



Este pequeno vídeo retrata a igualdade inerente à condição humana. Apesar de diferentes, somos livres e iguais. Logo deveríamos ser todos respeitados. Muitos homens e mulheres lutaram para que o ser humano tivesse adquirido direitos, registados na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Anexo 9 – Booklet dos Direitos Humanos

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS




EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio
2017/2018

2

DESAFIO 10 - DIREITOS HUMANOS


1 - Enumera as imagens por ordem cronológica:



2 - Regista uma frase do vídeo que te marcou:

3

DESAFIO 11 - BREVE HISTÓRIA DOS DIREITOS HUMANOS



1 - Observa o vídeo e liga as frases:

1. 539 a. C. - Cilindro de Ciro	A. Magna Carta - Nem o rei pode anular os direitos de um povo.
2. 1215 d. C.	B. Ciro anunciou que todos os escravos eram livres.
3. Hitler	C. Exterminou milhões de judeus.
4. 1945 - Os países da Terra juntaram-se	D. e formaram as nações unidas.

4

30 Artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (adaptados)

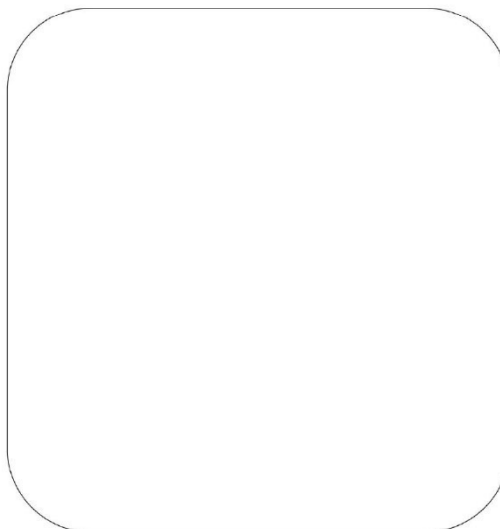
- 1 – TODOS NASCEMOS LIVRES E IGUAIS
- 2 – NÃO DISCRIMINAR NINGUÉM
- 3 – DIREITO À VIDA
- 4 – NENHUMA ESCRAVATURA
- 5 – NENHUMA TORTURA
- 6 – TENS DIREITOS, NÃO IMPORTA ONDE VÁS
- 7 – TODOS SOMOS IGUAIS PERANTE A LEI
- 8 – OS DIREITOS HUMANOS SÃO PROTEGIDOS POR LEI
- 9 – NENHUMA DETENÇÃO INJUSTA
- 10 – DIREITO A JULGAMENTO
- 11 – ESTAMOS SEMPRE INOCENTES ATÉ PROVA CONTRÁRIA
- 12 – DIREITO À PRIVACIDADE
- 13 – LIBERDADE PARA MOVER
- 14 – DIREITO A ASILO
- 15 – DIREITO A TER UM PAÍS
- 16 – CASAMENTO E FAMÍLIA
- 17 – DIREITO ÀS SUAS PRÓPRIAS COISAS
- 18 – LIBERDADE DE PENSAMENTO
- 19 – LIBERDADE DE EXPRESSÃO
- 20 – DIREITO DE ASSEMBLEIA PÚBLICA
- 21 – DIREITO À DEMOCRACIA
- 22 – SEGURANÇA SOCIAL
- 23 – DIREITO DO TRABALHADOR
- 24 – DIREITO AO DESCANSO E DIVERSÃO
- 25 – COMIDA E ABRIGO PARA TODOS
- 26 – DIREITO À EDUCAÇÃO
- 27 – DIREITO DE AUTOR
- 28 – UM MUNDO JUSTO E LIVRE
- 29 – SER RESPONSÁVEL
- 30 – NINGUÉM PODE TIRAR OS NOSSOS DIREITOS



5

Acabaste de receber um cartão com um Direito Humano! Desenha-o nesta caixa!

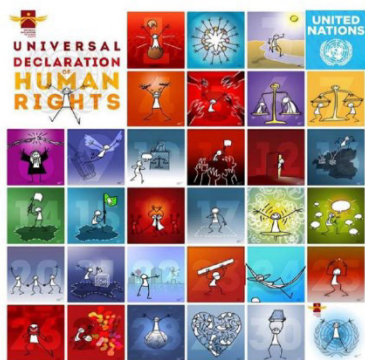
ARTIGO N. _____



7

DESAFIO 12 - DIREITOS HUMANOS
EM DESENHO

12 - DIREITOS HUMANOS EM DESENHO



6

13 - GENTILEZA GERA GENTILEZA



6

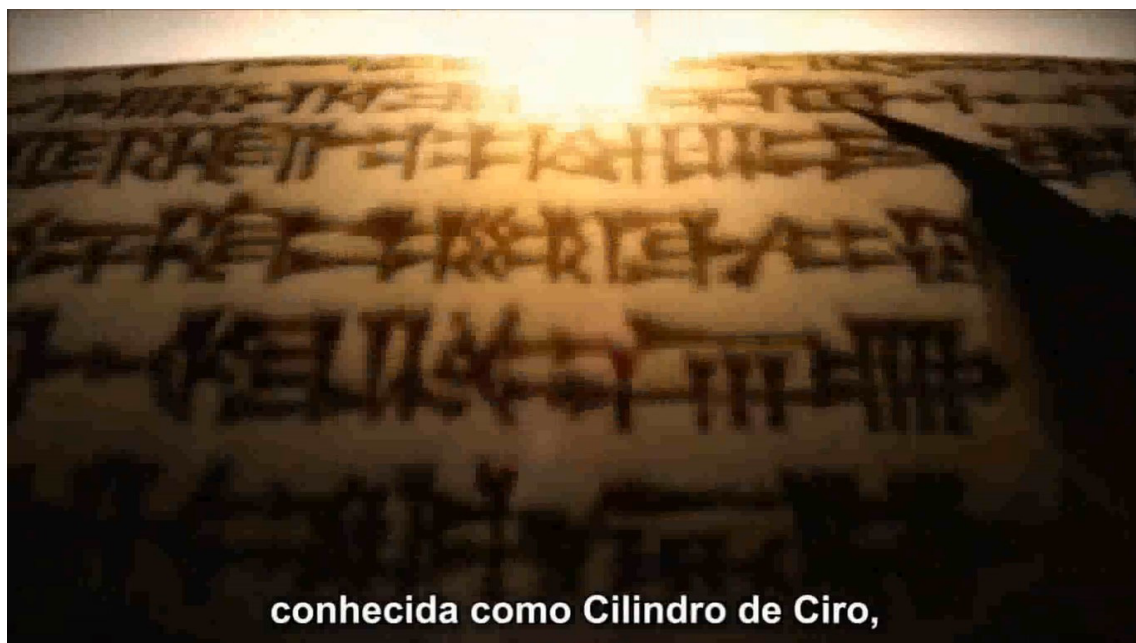
Temos direitos que nos protegem, temos deveres para cumprir. Cada um de nós é responsável por tratar bem o colega, o amigo, o desconhecido.

Coloca no teu pulso a pulseira "Gentileza gera gentileza", para não te esqueceres de que um planeta mais justo, mais simpático, mais responsável, também depende de cada pequeno gesto teu!

Professora Sandra Fernandes

8

Anexo 10 – Breve história dos Direitos Humanos (vídeo)



O vídeo sintetiza a história dos Direitos Humanos.

Anexo 11 – Cartões – 30 artigos da DUDH



CASAMENTO E FAMÍLIA

Todos os adultos têm direito a casar e a terem uma família se quiserem. Ninguém pode obrigar o outro ao casamento.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 16

DIREITO DE ASSEMBLEIA PÚBLICA

Todos temos o direito de nos encontrarmos com os nossos amigos e de trabalharmos com eles em paz. Ninguém pode obrigar-nos a juntar a um grupo se não quisermos.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 20

DIREITO AO DESCANSO E DIVERSÃO

Todos temos o direito a descansar do trabalho e a descontrair.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 24

UM MUNDO JUSTO E LIVRE

Deve existir ordem para que todos possamos gozar os direitos e as liberdades no nosso país em todo o mundo.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 28

DIREITO ÀS SUAS PRÓPRIAS COISAS

Todos temos o direito de possuir coisas ou de as partilhar. Ninguém nos pode tirar as nossas coisas sem uma razão válida.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 17

DIREITO À DEMOCRACIA

Todos temos o direito a participar no governo do nosso país. Todos os adultos devem ter o direito de escolher os seus próprios líderes.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 21

COMIDA E ABRIGO PARA TODOS

As mães, as crianças, os desempregados ou os deficientes, todos têm o direito a receber cuidados.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 25

SER RESPONSÁVEL

Todos temos o dever para com as outras pessoas e devemos informar, lutar e proteger os seus direitos e liberdades.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 29

LIBERDADE DE PENSAMENTO

Todos temos o direito de acreditar naquilo que queremos, a termos uma religião ou a mudarmos de religião, se quisermos.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 18

SEGURANÇA SOCIAL

Todos temos o direito a uma casa, a remédios, a educação, a cuidados infantis, a dinheiro suficiente para viver e a assistência médica se estivermos doentes ou na velhice.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 22

DIREITO À EDUCAÇÃO

A escola primária deveria ser gratuita. Devemos aprender e conviver com os outros. Os nossos pais podem escolher aquilo que devemos aprender.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 26

NINGUÉM PODE TIRAR OS NOSSOS DIREITOS

Os direitos são para todas as pessoas e ninguém nos pode tirar esses direitos.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 30

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Todos temos o direito de pensar por nós próprios, de pensar o que gostamos, de dizer o que pensamos e de partilhar as nossas ideias com outros.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 19

DIREITO DO TRABALHADOR

Todos os adultos têm direito a um emprego, a um salário justo pelo seu trabalho e a inscrever-se num sindicato.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 23

DIREITOS DE AUTOR

É uma lei especial que protege as criações artísticas e a escrita. Os outros não podem fazer cópia sem a nossa devida autorização.

1948
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 27

Anexo 12 – *Príncipezinho* (vídeo)



O vídeo resume a obra *O Príncipezinho* de Antoine de Saint-Exupéry.

Anexo 13 – Cap. XXI – “Príncipezinho e a raposa”

O Príncipezinho

Antoine de Saint-Exupéry

Capítulo – XXI

Foi então que apareceu a raposa:

- Bom dia – disse a raposa.
- Bom dia – respondeu educadamente o pequeno príncipe, que, olhando à sua volta, nada viu.
- Eu estou aqui – disse a voz, debaixo da macieira...
- Quem és tu? – perguntou o príncipezinho. – Tu és bem bonita...
- Sou a raposa – disse a raposa.
- Anda brincar comigo – propôs ele. – Estou tão triste...
- Eu não posso brincar contigo – disse a raposa. – Ainda não me cativaram.
- Ah! Desculpa – disse o príncipezinho.

Mas, após refletir, acrescentou:

- Que quer dizer “cativar”?
- Tu não és daqui – disse a raposa. – Que procuras?
- Procuo os homens – disse o pequeno príncipe. – Que quer dizer “cativar”?
- Os homens – disse a raposa – têm espingardas e caçam. É assustador! Também criam galinhas. É a única coisa que fazem de interessante. Tu procuras galinhas?
- Não – disse o príncipe. – Eu procuro amigos. **Que quer dizer “cativar”?**
- É algo quase sempre esquecido – disse a raposa. – **Significa “criar laços” ...**
- Criar laços?
- Exatamente – disse a raposa. – Tu ainda não és para mim senão um menino inteiramente igual a cem mil outros meninos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Por enquanto eu não sou para ti senão uma raposa igual a cem mil outras raposas.

Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...

- Começo a compreender – disse o pequeno príncipe. – Existe uma flor.... eu creio que ela me cativou...
- É possível – disse a raposa. – Vê-se tanta coisa na Terra...
- Oh! Não foi na Terra – disse o príncipezinho.

A raposa pareceu intrigada:

- Num outro planeta?
- Sim.
- Há caçadores nesse planeta?
- Não.
- Que bom! E galinhas?
- Também não.

- Nada é perfeito – suspirou a raposa.

Mas a raposa retomou o seu raciocínio.

- A minha vida é monótona. Eu caço as galinhas e os homens caçam-me. Todas as galinhas se parecem umas com as outras e todos os homens também. E isso incomoda-me um pouco. Mas se tu me cativas, a minha vida fica cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros. Os outros passos fazem-me entrar debaixo da terra. Os teus chamar-me-ão para fora da toca, como se fosse música. E depois, olha! Vês, lá longe, os campos de trigo? Eu não como pão. O trigo para mim não vale nada. Os campos de trigo não me fazem lembrar nada. E isso é triste! Mas tu tens cabelos dourados. Então será maravilhoso quando me tiveres



cativado. O trigo, que é dourado, fará com que eu me lembre de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo...

A raposa calou-se e observou por muito tempo o príncipe:

- Por favor... cativa-me! – disse ela.

- Eu até gostaria – disse o príncipezinho –, mas não tenho muito tempo. Tenho amigos para descobrir e muitas coisas para conhecer.

- Só conhecemos bem as coisas que cativamos – disse a raposa. – Os homens não têm mais tempo para conhecer o que quer que seja. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens deixaram de ter amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me!

- O que é preciso fazer? – perguntou o pequeno príncipe.

- É preciso ser paciente – respondeu a raposa. – Primeiro, tu sentas-te longe de mim, assim, na relva. Eu olho para ti pelo canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia sentar-te-ás um pouco mais perto...

No dia seguinte o príncipe voltou.

- Teria sido melhor se voltasse à mesma hora – disse a raposa. – Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz! Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade! Mas se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar o meu coração.... É preciso que haja um ritual.

- O que é um “ritual”? – perguntou o príncipezinho.

- É uma coisa muito esquecida também – disse a raposa.

- É o que faz com que um dia seja diferente dos outros dias; uma hora, das outras horas. Os meus caçadores, por exemplo, adotam um ritual. Dançam na quinta-feira com as moças da aldeia. A quinta-feira é então o dia maravilhoso! Vou passear até à vinha. Se os caçadores dançassem em qualquer dia, os dias seriam todos iguais, e eu nunca teria férias!

Assim o pequeno príncipe cativou a raposa. Mas, quando chegou a hora da partida, a raposa disse:

Ah! Eu vou chorar.

- A culpa é tua – disse o príncipezinho. – Eu não te queria fazer mal; mas tu quiseste que eu te cativasse...

- Quis – disse a raposa.

- Mas tu vais chorar! – disse ele.

- Vou – disse a raposa.

- Então, não terás ganho nada!

- Terei, sim – disse a raposa – por causa da cor do trigo.

Depois ela acrescentou:

-Vai rever as rosas. Assim, compreenderás que a tua é a única no mundo. Tu voltarás para me dizer adeus e dou-te um presente de despedida: conto-te um segredo.

O pequeno príncipe foi rever as rosas:

- Vós não sois absolutamente iguais à minha rosa, vós ainda não sois nada. Ainda ninguém vos cativou, nem cativastes ninguém. Sois como era a minha raposa. Era uma raposa igual a cem mil outras. Mas eu tornei-a minha amiga. Agora ela é única no mundo. E as rosas ficaram desapontadas.

- Sois belas, mas vazias – continuou ele. – Não se pode morrer por vós. Um transeunte qualquer sem dúvida pensaria que a minha rosa é parecida convosco. Ela sozinha é, porém, mais importante que todas vós, pois foi ela quem eu reguei. Foi ela quem pus sob a redoma.

Foi ela quem abriguei com o para-vento. Foi nela que eu matei larvas (exceto duas ou três por causa das borboletas). Foi ela quem eu escutei queixar-se ou gabar-se, ou mesmo calar-se algumas vezes.

Já que ela é a minha rosa.

E voltou, então, à raposa:

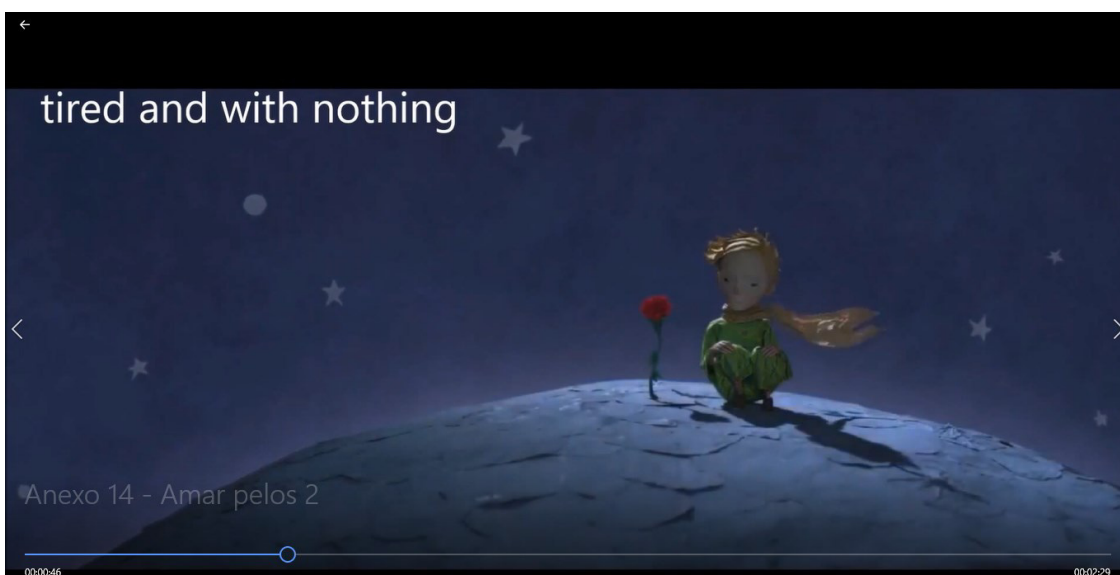
- Adeus... – disse ele.



- Adeus – disse a raposa. – Eis o meu segredo. É muito simples: **só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.**
- O essencial é invisível aos olhos – repetiu o príncipezinho, para não se esquecer.
- Foi o tempo que perdeste com tua rosa que a fez tão importante.
- Foi o tempo que eu perdi com a minha rosa... – repetiu ele, para não se esquecer.
- Os homens esqueceram essa verdade – disse ainda a raposa. – Mas tu não a deves esquecer.
- Tu tornas-te eternamente responsável por aquilo que cativas.** Tu és responsável pela tua rosa...
- Eu sou responsável pela minha rosa... – repetiu o príncipezinho, para não se esquecer.



Anexo 14 – Amar pelos 2





Este vídeo associa-se a relação de amizade e responsabilidade de *O Príncipezinho* com a sua rosa com a música ‘Amar pelos dois’ do cantor Salvador Sobral.

Anexo 15 – Caderneta – Cromos da Fraternidade

CROMOS DA FRATERNIDADE



Educação Moral e Religiosa Católica

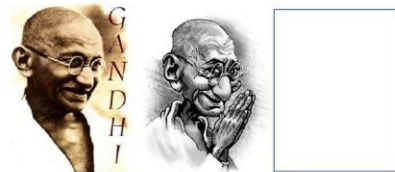
O BEM COMUM E O CUIDADO DO OUTRO

Ao longo da história da humanidade, houve pessoas que se distinguiram por terem ajudado a construir um mundo mais fraterno.

Uma dessas pessoas foi **Martin Luther King Jr.**, um americano, pastor protestante (cristão), que lutou contra a discriminação e o preconceito no seu país.



Quando a discriminação tem como causa a cor de pele denomina-se racismo. Luther King era negro. Nos Estados Unidos da América o racismo era algo natural. As pessoas negras não podiam frequentar as mesmas escolas, restaurantes ou igrejas que as pessoas brancas.



Mahatma Gandhi nasceu na Índia. A sua filosofia da não-violência levou o povo indiano a enfrentar pacificamente, mas com determinação, a força militar da Grã-Bretanha, a cujo império a Índia pertencia. Incentivou o povo indiano a defenderem os direitos humanos de forma pacífica.

Gandhi ensinava que podiam morrer pela independência, mas não podiam matar por isso. Graças ao seu esforço, a Índia tornou-se independente.



Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio
2017/2018

2

4

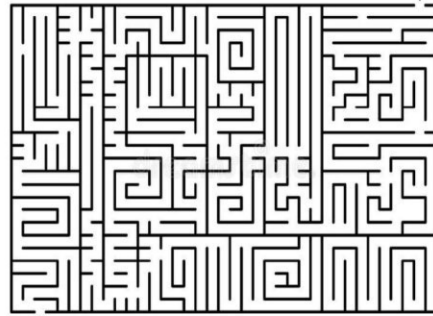


Madre Teresa de Calcutá (1910-1997) foi uma missionária católica albanesa. Dedicou toda a sua vida aos pobres. Recolhia-os da rua e dava-lhes algum conforto.
Fundou a congregação "Missionárias da Caridade".
Ganhou o prémio Nobel da Paz em 1979.
Foi Beatificada pela igreja católica em 2003.



5

Ajuda a Madre Teresa de Calcutá a chegar à Índia.



7

"O que me preocupa não é o grito dos maus. É o silêncio dos bons."
(Martin Luther King)

"Aprendemos a voar como os pássaros e a nadar como os peixes, mas não aprendemos a conviver como irmãos."
(Martin Luther King)

"O fraco jamais perdoa: o perdão é uma característica do forte."
(Mahatma Gandhi)

"Não devemos permitir que alguém saia da nossa presença sem se sentir melhor e mais feliz."
(Madre Teresa de Calcutá)

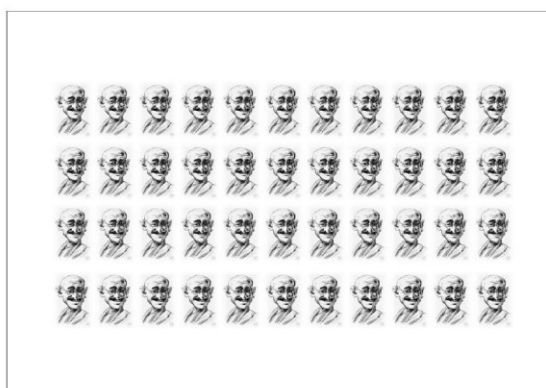
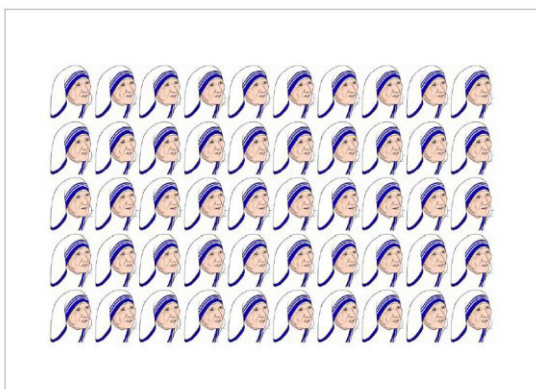
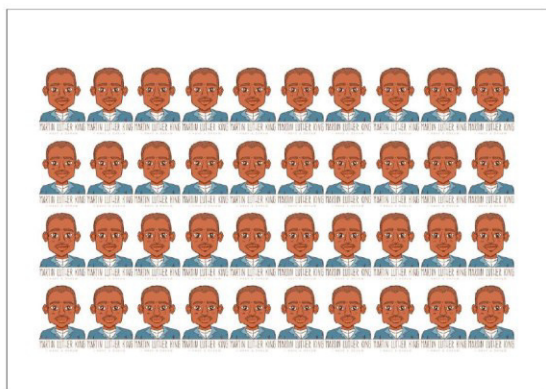
"Eu sei que o meu trabalho é uma gota no oceano, mas sem ele o oceano seria menor."
(Madre Teresa de Calcutá)

6

Professora Sandra Fernandes

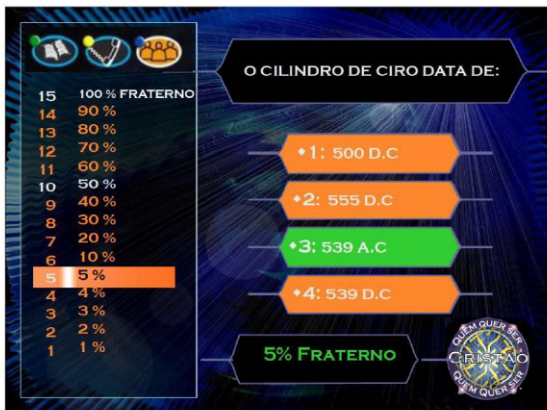
8

Anexo 16 – Cromos autocolantes



Anexo 17 – Quem quer ser fraterno? (jogo)









Parabéns!!!
MAS ATENÇÃO!
AO CRISTÃO NÃO BASTA QUE SAIBA!
SÓ SERÁ VERDADEIRO CRISTÃO QUEM FOR
100% FRATERNO!

Anexo 18 – Diploma de campeão



Anexo 19 – Certificado de participação

Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio

Certificado de Participação

Como reconhecimento do(a) aluno(a)

Pelo seu empenho nas aulas de E.M.R.C.



Prof. Sandra Fernandes

12 de dezembro de 2017

Anexo 20 – O menino chamado Amor

DINÂMICA: A HISTÓRIA DO AMOR

PAZ - APERTO DE MÃO
AMOR- UM ABRAÇO
GARRA- TROCA DE LUGAR
SORRISO- GARGALHADA
BEM VINDOS-PALMAS

Explicar aos alunos que estarão naquele momento a fazer um jogo e que devem seguir os gestos de acordo com a história que será contada. Então, cada vez que uma das palavras for citada, o gesto deve ser feito por todos.

O menino chamado AMOR

Era uma vez um menino chamado AMOR.

O AMOR sonhava sempre com a PAZ.

Certo dia descobriu que a vida só teria sentido quando ele descobrisse a PAZ e foi justamente nesse dia que o AMOR saiu à procura da PAZ.

Chegando à Escola onde ele estudava, encontrou os seus amigos que tinham um SORRISO nos lábios e foi nesse momento que o AMOR passou a perceber que o SORRISO dos amigos, transmitia a PAZ. Pois percebeu que a PAZ existe no interior de cada um de nós, e para isso basta dar um SORRISO.

E nesse instante, interferindo os pensamentos do menino AMOR, a turma gritou bem forte:

- AMOR, AMOR, encontraste a PAZ que procuravas?

O AMOR respondeu com muita garra: sim! Sim! Encontrei. Vocês querem saber?

Tragam a PAZ, um SORRISO bem bonito e sejam BEM – VINDOS!